

CLÁUDIA MARIA NAVARRO

*Princípios
Renovadores
da Alma*

EDITORA
EVE

DEDICATÓRIA

À amiga LÉA W. C. F AZ AN, de quem temos recebido preciosos aconselhamentos, incansável estímulo, e apoio irrestrito.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

AGRADECIMENTOS

A DEUS, a causa primária.

Aos meus pais, DALVA e ADILSON por me terem trazido de volta à Terra, e pelos exemplos de amor e renúncia.

*Ao meu irmão FABRÍCIO,
pelos laços de carinho que nos tornam
verdadeiramente irmãos.*

*Aos amigos, encarnados e desencarnados, da Sociedade Espírita Kardecista "O Consolador" cujo contato afetuoso tem sido para nós a
motivação para prosseguir com bom ânimo e alegria.*

Apresentação

Uma das maiores venturas destinadas ao homem I encarnado é poder desfrutar de momentos especiais ao lado daqueles que lhe são afins.

Foram assim aquelas manhãs... Marcadas pela suave ternura que só o reencontro de almas amigas pode definir.

Durante alguns meses de 2001, nas manhãs de quinta-feira, nos reuníamos com os amigos da Sociedade Espírita Kardecista "O Consolador" para estudar e redigir assuntos destinados a servir de fundamento para o curso básico de Doutrina Espírita.

O tema era escolhido, e, após as necessárias discussões, cada um ficava incumbido de redigir um texto, habitualmente lido e comentado na reunião seguinte.

Numa determinada noite, sentimos o forte desejo de escrever. E, sem ter a noção exata do conteúdo e nem do encadeamento das ideias, delinear-se o fragmento introdutório intitulado "Reflexões à Luz da Verdade".

Mediante análise dos primeiros textos, os companheiros de estudos notaram haver ali certas características específicas, que conferiam ao conjunto uma unidade coerente, e que diferiam sensivelmente do nosso modo pessoal de expressão.

Efetivamente, nos momentos em que nos dedicávamos à escrita, sentíamos-nos visitados por delicadíssima sensação de bem-estar, de leveza, como se uma espécie de aragem benfazeja adentrasse o ambiente do escritório. E assim, envolvidas por este "sopro inspirador", as ideias fluíam com rapidez para o papel como se já estivessem prontas e estruturadas, sendo apenas por nós transcritas, exigindo o mínimo esforço intelectual.

Assim nascia esta obra.

Sem o nosso conhecimento consciente, e sem a pretensão de ser livro.

É o fruto de estudos, do estímulo de muitos amigos e do propício ambiente de amor e fraternidade, que ensejou a elaboração dos conteúdos aqui presentes.

Certamente os versos de Fernando Pessoa expressam melhor o que se passou:

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce".

Araraquara, 08 de julho de 2003.

Cláudia Maria Navarro

Tudo tem uma explicação

C Haro leitor.

A análise retrospectiva dos episódios marcantes da Terra nos leva a reconhecer um planejamento inteligente presidindo a tudo.

Jesus, executando a vontade do Pai, é a Inteligência que nos guia na direção correta.

Todos os acontecimentos da História obedecem a uma ordem coerente e lógica.

O acaso não existe.

Neste livro também é assim.

Os capítulos foram dispostos de forma a dar-lhe a sensação de um mergulho no tempo.

O desenvolvimento da religiosidade ocidental foi resultado de uma elaboração cuidadosa e paciente. Como tudo começou? Isto pode ser verificado pela análise conjunta dos três primeiros capítulos da Parte I (*A Criação, Os Patriarcas da Bíblia, e Jesus e os destinos da Terra*).

Em *Jesus e os destinos da Terra* você revisitará a História com todos os acontecimentos mais significativos, desde Moisés até o advento do Espiritismo, em 1857.

Por que o Espiritismo é o Consolador Prometido?

Por que veio à luz no século XIX?

Quem é Allan Kardec e qual sua missão?

Quais são e como nasceram as obras básicas do Espiritismo?

Essas respostas podem ser encontradas em *O que é o Espiritismo, Allan Kardec, e Apresentação das Obras Básicas do Espiritismo*, que completam a Parte I.

O consolador prometido por Jesus nos trouxe princípios renovadores.

Quais são eles?

Para conhecê-los, basta estudar os princípios fundamentais do Espiritismo, na Parte n. *Deus, Existência e Imortalidade dos Espíritos, Evolução, Reencarnação, Comunicabilidade entre Encarnados e Desencarnados, Pluralidade dos Mundos Habitados*.

O desconhecido mundo invisível foi revelado para os homens de forma clara e racional.

As individualidades inteligentes do planeta não são fantasmas, demônios, anjos...

São homens desencarnados.

Têm um corpo sutil e invisível, e podem se comunicar pelo pensamento que cruza espaços infinitos, conduzido pelos fluidos espirituais.

Tudo isso e muito mais está na Parte IP (*Os Espíritos, Os Fluidos, e O Perispírito*).

Por que os espíritos desencarnados são invisíveis?

Como pensam e agem?

Como é o mundo em que vivem?

Como renascem na Terra?

Por que nascemos em determinada família?

O que acontece após a morte?

Medite com atenção sobre *Encarnação dos Espíritos, Laços de Família, Desencarnação dos Espíritos, e Mundo Espiritual* e obterá muitas respostas na Parte IV.

Mas afinal, os espíritos se influenciam mutuamente?

Sofremos influências negativas?

Como e por que isso acontece?

Existem anjos guardiões?

Podemos falar com os habitantes do mundo espiritual? Como?

Estes não são problemas de outro mundo, são problemas da vida na Terra e estão muito presentes em nosso cotidiano. Basta prestar atenção ao seu redor depois de ler, na Parte V. *Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo, Mediunidade, Obsessão e Desobsessão*.

Como se podem inculcar valores construtivos em nós mesmos para uma vida mais feliz?

Para isso recomendamos a *Literatura Espírita e Evangelho no Lar*, ambos na Parte VI

A autora

Reflexões à Luz da Verdade

Profunda, acertada e profícua a observação de Paulo sobre o modo com que as crenças encaram as questões da vida. Apegam-se a explicações convencionalistas como crianças que se contentam com explicações ridículas e fantasiosas dos pais em face de sua incipiência para compreender questões maiores à luz do raciocínio pleno.

Allan Kardec já nos prevenira sobre a necessidade de entender as coisas, particularmente os textos evangélicos, segundo o seu sentido mais profundo e não mais atentos à letra que mata, mas ao Espírito que vivifica.

Muitos homens, hoje, apresentam-se no plano terrestre com a razão adormecida e a consciência presa a "verdades" aprendidas que precisam ser revistas à luz de questionamentos maiores.

Os textos sagrados da Bíblia estão repletos de alegorias que, quando mal compreendidas ou tomadas como verdades inexoráveis, produzem ora fanáticos e loucos, ora céticos e ateus. E preciso encontrar a forma apropriada à razão para tal entendimento. Não é justo, contudo, atribuir aos textos bíblicos a pecha de um amontoado de tolices incompreensíveis.

Os Espíritos do Senhor foram construindo nos homens, desde a mais remota Antiguidade, as noções da religiosidade, de Deus e da crença, para que um dia, efetivamente, o homem chegasse à compreensão adulta.

É comum encontrarmos na Bíblia homens do povo que, tendo sido "escolhidos", receberam as revelações Divinas por entendimento direto com o Senhor... "eo Senhor falou-lhe", "e o Senhor esteve com ele"...

Foi esta a forma que os benfeitores espirituais encarregados de conduzir os destinos dos povos encontraram para, lenta e pacientemente, incutir na mentalidade dos homens a noção de Deus e da religião e, conseqüentemente, a necessidade de princípios éticos que pudessem representar algum avanço no modo de vida das civilizações.

Evidentemente o Deus, que não sabemos "O QUE É", não apareceu nem falou por intermédio destes homens, mas a Espiritualidade Superior a eles se manifestou dentro das condições cabíveis à época, fazendo-os crer que era o próprio Senhor quem lhes falava, para que a Palavra fosse creditada nas consciências. Assim o Senhor teria feito um pacto com Abrão, assim o Senhor teria falado a Moisés e aos patriarcas da raça judaica...

Porém, o Espiritismo nos traz a chave do enigma após tanto tempo decorrido.

Não! O homem contemporâneo, tanto quanto o homem da Antiguidade, jamais ouviu a Fala Divina senão por intermédio dos sublimes Espíritos encarregados com Jesus de apascentar as ovelhas, e isto sempre se fez conforme a compreensão possível de cada homem a seu tempo.

Jesus respeitou calmamente a evolução e o desenvolvimento da razão. Ao homem-menino as verdades foram apresentadas de forma simples e até infantil; ao homem-juvenil as parcelas da Luz foram sendo apresentadas de forma menos enigmática e alegórica e ao homem-adulto a Nova Luz veio trazer o clarão da Verdade. A mediunidade descortinou as questões maravilhosas e incompreensíveis.

O Evangelho explicado à luz da imortalidade e da transmigração do espírito no tempo ganhou claridades impensáveis.

As alegorias da Bíblia, a criação, os feitos espetaculares ganharam aspecto de naturalidade em face de uma época em que os fenômenos eram contundentes para os homens-meninos, cegos de entendimento, recém-saídos do primarismo universal.

Assim pois, tenhamos a ponderação e a boa vontade de enxergar as *verdades de sempre* com os olhos de adultos, porque já é tempo de deixarmos as coisas de meninos e levantarmos totalmente o véu da alegoria e da incompreensão.

Um Amiga Espiritual

PARTE I Um passeio no tempo A história da religiosidade no Mundo Ocidental

“O Universo é obra inteligentíssima?, obra que transcende a mais genial inteligência humana. E, como todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, é forçoso inferir que a do Universo é superior a toda ^ inteligência. É a inteligência das» inteligências, a causa das causas, d lei das leis, o princípio dos princípios, a razão das razões, a consciência das consciências: é DEUS! DEUS!... nome mil vezes santo, que Isaac Newton jamais pronunciava sem descobrir-se!...”

Eurípedes Barsanulfo

A Criação

O

M Universo não nasceu pleno em virilidade.

Nasceu criança e foi se desenvolvendo pacientemente ao longo das eras.

Tudo o que há no concerto divino da Criação é obra de uma inteligência superior que a tudo preside, que rege todas as leis no sentido da estruturação harmônica.

Para nós, é preciso entender que o Universo, por ser criação, teve um início. Entretanto, há para o homem encarnado a dificuldade de calcular este momento, pois os números remontam ao infinito e a ideia de infinito é difícil de ser compreendida. Deus disse: "Faça-se a Luz"! Fiat Lux!

Sim, Deus quis e a Luz se fez. Assim é.

Deus quis e o Universo se criou criança.

Pela aglutinação de partículas, pelas forças atuantes sobre a matéria, as modificações do fluido cósmico realizaram-se e a multiplicidade de formas e sistemas apareceu no cenário cósmico. A ideia de Universo é complexa mesmo para os cientistas da Terra que buscam a Origem sem cessar, entretanto sem conseguir explicações convincentes com seus cálculos matemáticos complicados.

A matéria elementar primitiva é o substrato da criação eterna. Há muito mais, além de nossas percepções restritas.

Há Universos concêntricos e dimensões inter-relacionadas em todos os níveis.

Tudo obedecendo a uma ordem absolutamente perfeita, fruto de uma inteligência superior.

O Universo é fruto de planejamento inteligente, eis a conclusão a que chegou a ciência humana, diante da impossibilidade de explicar que tudo tenha sido obra de mera combinação casual. A formação dos mundos, como fruto de combinações aleatórias, está definitivamente descartada pelo raciocínio humano e pela improbabilidade matemática.

A Terra no panorama das individualidades planetárias, se criou pelo influxo da vontade divina. Tanto quanto os homens diferem entre si pelas características personalísticas que os identificam, assim também os planetas têm a própria individualidade registrada no processo de Criação e na evolução da matéria de que se compõem.

A Terra foi criada como fruto do desprendimento de uma massa de gases incandescentes que se destacou da grande nebulosa num momento recuado no tempo, que os cálculos também não puderam até hoje precisar.

A bolota em chamas recebeu primeiro um roteiro, tendo sido estabelecida a órbita: como e com que velocidade giraria ao redor do Sol? O movimento de rotação e o distanciamento do centro da explosão contribuiram para o resfriamento lento e gradual da esfera de fogo.

Com o lento esfriar, formaram-se na superfície as camadas mais sólidas como a cobertura de granito e as cristalizações das camadas geológicas que deram à Terra o arcabouço sólido que lhe garante a forma e sobre a qual toda a beleza externa se apoiaria.

Nas profundezas, entretanto, estão ainda hoje os elementos incandescentes que repousam a altíssimas temperaturas no coração do planeta, e de quando em quando se exteriorizam nas convulsões geológicas que conhecemos como erupções vulcânicas.

As partículas foram se agrupando, os átomos combinando-se e surgiu na face do planeta a água que banha profusamente a superfície.

No princípio havia somente uma geleia semi-sólida, um pântano escuro e denso, no cerne do qual se planejaram e se concretizaram as combinações de átomos sob as forças da gravidade, do magnetismo, e outras que contribuiram para a modelagem das agregações moleculares.

Não há hoje um só átomo a mais na Terra, além dos que existiam na origem.

A gelatina vital continha os germes da vida.

Foi nesse habitat que se associaram os átomos capazes de se agregar e formar as moléculas da vida, chamadas aminoácidos que formam a base da vida na estrutura que encerra o código cifrado de cada espécie: o DNA¹. Hoje o homem começa a decifrar as combinações, que variam ao infinito, de apenas quatro bases que determinam as características genéticas de cada espécie.

No momento exato, os engenheiros do Alto, associam o princípio inteligente às moléculas da vida e surgem os seres mais rudimentares, que se desenvolvem ao longo de eras indefiníveis, e originam a diversidade de espécies. O panorama terreno figura como Laboratório Divino em que a funcionalidade das primeiras formas foi sendo testada e incorporada, progressivamente, às formas de vida mais e mais elaboradas.

Surge o homem que detém em seu patrimônio biológico todas as formas de vida que o precederam na escala evolutiva.

Surgem as primeiras raças planetárias e a diversidade de caracteres biológicos conferidos pela ambientação.

A diversidade dos povos é análoga à diversidade da população celular que viceja nos seres vivos. As células sofrem, a partir de um tronco único, modificações e especializações, tanto quanto os povos e as raças apresentam variações em conformidade com a imposição dos ambientes em que foram chamados a servir na obra da Criação.

O organismo humano é composto de trilhões de células, e cada uma carrega em si os rudimentos do caldo da vida, que conhecemos como protoplasma: a cópia exata da geleia cósmica que recobriu o planeta nos primórdios da criação. Assim é que o homem carrega em si, tanto na organização biológica quanto na organização espiritual, o patrimônio acumulado de experiências sublimes e das capacidades desenvolvidas na junção propiciada pelo Criador entre dois princípios opostos que se justapõem como dois pólos, o material e o espiritual. Como a mostrar ao observador atento que tudo na Natureza tem sua complementaridade, tudo na Natureza é solidário e útil.

A Criação é a Perfeição Maior, é força e equilíbrio.

O Livro bíblico chamado Gênese apresenta-se eivado de figuras aparentemente absurdas. Suas alegorias encontram, entretanto, ressonância nas verdades científicas.

No mito bíblico de Adão e Eva temos a representação personificada dos primeiros grupamentos humanos na face da Terra. O pecado original é a suprema designação do conhecimento e da razão, como marcas da individualidade humana.

O espírito, pela capacidade de pensar, toma-se responsável por si mesmo, é expulso do paraíso do automatismo divino, devendo reger a si mesmo e responder por seus atos.

Expulso do paraíso da proteção divina, representada pelos instintos, o homem experimenta a sensação do desamparo e do degredo. Deve caminhar por suas próprias escolhas, porém com a noção, ainda imprecisa e imperfeita de que prossegue sob a tutela constante de força superior, entendida como divindades.

O grande dilúvio e a Arca de Noé nada mais são que a representação do cataclisma geológico que levou à extinção, inexplicável para o homem, de muitas espécies para que o fruto do ensaio das formas, em macromodelos, fosse transferido para espécies mais elaboradas nos domínios da funcionalidade e da beleza.

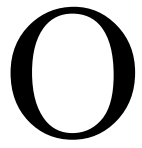
A Gênese bíblica e sua fundamentação lógica se fundem nas explicações lúcidas do mestre Kardec.

A separação entre a Ciência e a Religião, e os absurdos de interpretação residem apenas na mente humana que, de forma infantil ainda, tem a

¹(1) Referimo-nos ao DNA apenas como símbolo da molécula estruturada com propriedades de se reproduzir. Atualmente as pesquisas sugerem que o RNA surgiu primeiro, havendo também especulações sobre a necessidade de um precursor do RNA para que se possa explicar o armazenamento da informação auto-replicável numa estrutura organizada.

natural dificuldade de entender a Superioridade do Criador e a Perfeição da Obra.

Os Patriarcas da Bíblia



manto das consolações divinas deverá cobrir toda a Terra e abranger todos os povos como o refulgente Sol, que aquece e dá vida.

Entretanto, foi preciso no início que sob o comando superior, os "anjos do Senhor" descessem à Terra e selassem uma aliança.

A Primeira Aliança foi firmada com os Patriarcas do povo para que Deus fosse apresentado a eles como UM. E com este um, se estabelecessem as relações de religiosidade, em que a fé e a obediência deveriam caminhar lado a lado.

Das páginas da Bíblia, recende o cheiro das pastagens e ouve-se ao longe o balido das ovelhas tangidas pelos povos itinerantes, nômades que viviam nas terras do Oriente mais precisamente na Suméria, sul da Mesopotâmia². A força era extraída da terra e da caça. O homem rude, pouco afeito às coisas dos céus, via na posteridade da descendência o caminho da imortalidade a se expressar na progenitura que lhe herdaria o nome e a tradição.

O antigo paradigma do medo das divindades já se encontrava arraigado em todos os povos, e a noção da onipresença das forças superiores jazia no coração do homem... Porém, manifestava-se muito primitivamente na forma de adorações a símbolos tão esdrúxulos quanto irrelevantes.

Eram assim os tempos...

Eis que surgido o momento, encontrou Deus, pela via mediúnica, a forma de se fazer ouvido por um dos patriarcas dos povos nômades.

Abrão³ ouve então a voz do "Senhor", Que com ele estabelece uma aliança, um pacto de proteção e fidelidade, prometendo-lhe a descendência numerosa, o poder sobre outros povos, o triunfo humano, desde que se lhe conservasse fiel em tudo.

Então, sob as ordens do "Senhor", parte Abrão da Caldeia para a terra prometida, onde se estabelece com os rebanhos e tudo o mais que possuía. Por obra do "Senhor", Sara, já idosa, concebe Isaac, que se toma abençoado pelo mesmo "Senhor", Que permite o degredo de Agar e Ismael, também filho de Abraão. Pobre Agar, cuja alma dolente ainda peregrina viva na saga de um povo que se dispersou na revolta e na luta pelos direitos da descendência... Credores hoje e sempre do amparo e da misericórdia divina.

A pretexto de testar a fé de Abraão, o "Senhor" pede que leve o filho único Isaac, muito amado, ao altar dos sacrifícios e então, quando a adaga é erguida para injuriar o inocente, ouve-se-Lhe a voz como a dizer: Já sei que me temes... Poupa teu filho.

Deus revela-se ao povo hebreu como um ser caprichoso, vingativo, guerreiro e parcial.

Assim era necessário, pois àquela época, não se poderia erigir a crença num Deus que não prezasse a força e não conduzisse um povo, recém-saído do primarismo, a feitos maravilhosos. Eis por que a Bíblia é repleta de traços espetaculares, de realizações de vulto no campo das impressões sensoriais, e de grandes heróis, que sob ordens do "Senhor" venceram e massacraram os inimigos sem piedade.

As alegorias estão presentes de forma marcante no Grande Livro, além disso os povos vindouros cultivariam e popularizariam determinados mitos bíblicos, tomando-os ainda mais distorcidos e poderosos do que na realidade o foram. Mas incontestável também é o caráter exterior e as cores berrantes dos acontecimentos de que Deus se utilizaria para conduzir os povos nômades a se fixarem na terra e na crença monoteísta.

Era preciso preparar o terreno para a Nova Aliança, baseada no amor, que seria trazida pelo próprio Cristo.

Isaac toma-se pai de Esaú e Jacó, que revivem o mito bíblico de Caim e Abel, carregando para a posteridade o arquétipo do ódio entre irmãos. O pacto da aliança é transmitido de pai para filho por meio da bênção. Esaú não hesita em trocar seu direito de progenitura e as bênçãos advindas desse direito, por um prato de lentilhas. Episódio que ressalta de forma ostensiva a simbologia do homem que troca o que é Divino pelo que é da carne.

Jacó, mais tarde Israel, mesmo usurpando os direitos do irmão, torna-se bendito pelo pai e pelo "Senhor" e parte para a Mesopotâmia. Com e Lia e Raquel, tem numerosos filhos que mais tarde darão origem, juntamente com filhos de José, às doze tribos de Israel.

Servira incansavelmente a Labão pela permissão para esposar Raquel, mas tendo recebido Lia, servira ainda mais para conquistar o direito legítimo de abraçar àquela como esposa. E é dela que nasceram os filhos mais amados, José e Benjamin. Mas entre os filhos, a disputa, herdada dos arcanos conscienciais coletivos de Caim e Abel, permanece viva, e José, o filho amado é quase morto, porém escapando da morte pela ambição dos irmãos, toma-se mercadoria escrava nas terras do Nilo.

Deus, servindo-se sempre das problemáticas relações humanas, converte-as em fonte de benefícios, e foi assim que José, um filho hebreu, vai para o seio da massa popular idólatra e politeísta do Egito e dá prosseguimento aos planos celestes.

Lá o "Senhor" permanece com ele, e não obstante os ultrajes, a prisão, as calúnias, sobrepõe-se a tudo e ainda uma vez, pela via mediúnica no auxílio da interpretação dos sonhos do faraó, Deus, ou o "Senhor", que estava ao seu lado, o conduz a importante posição de destaque e poder entre os egípcios. Longe da família que era a sua, constrói um império e toma-se o centro das atenções no período das vacas magras. Conduz a civilização ao triunfo sobre a fome. Querendo o destino que seus irmãos venham até ele, este os abriga, e os traz para o Egito, onde recebem proteção e vivem muito.

O tempo passa... Os hebreus tomam-se numerosos, quase tão numerosos quanto as estrelas dos céus, e aos olhos do faraó que não conhecera José e seus feitos, tomam-se uma ameaça aos egípcios. Nesse tempo, são miseravelmente oprimidos pelo Egito e a crença no "Senhor" ganha força no amálgama do sofrimento. Trabalham rudemente até a extinção das forças, mas nunca o suficiente.

Multiplicam-se... e a despeito da ordem às parteiras, para o aniquilamento dos varões, os hebreus crescem e povoam o território. Eis que o próprio faraó ordena a morte de todos primogênitos do povo escolhido.

Mas, no anonimato dos desígnios superiores, uma hebreia dá à luz uma criança e consegue ocultá-la. Decorridos os primeiros meses é impelida a colocá-lo nos braços do Nilo, para que as águas caudalosas o embalem a destino seguro.

Sim... a determinação divina se cumpre, e das águas dadivosas do Nilo, o menino é retirado pela princesa, que se enternece.

O "salvo das águas" hebreu, Moisés, educa-se pelos preceitos egípcios, sob a tutela da princesa. Toma-se homem, com trânsito entre a cúpula do poder, mas a consanguinidade da raça o chama aos deveres de piedade pelo povo explorado. Percebendo a compaixão em seu coração, o "Senhor" novamente utiliza-se mais da revolta que da compaixão para, por vias mediúnicas, fazer-se ouvir na sarça ardente. Institui poderes "sobrenaturais" a Moisés para que, impressionando os opressores, liberte com segurança o povo oprimido, crente em Deus.

Era necessária mais esta demonstração de força para o povo hebreu, cuja crença vacilante no Deus único viria a fortalecer-se intensamente com o êxodo do Egito. Neste memorável episódio da história da Humanidade, Moisés após mostrar ao faraó todo o poder de que Deus o investira, conduz o povo escolhido pelo leito do mar Vermelho, recolhido pelo regime de marés, impossibilitando que as tropas da esfinge o alcancem.

No Sinai, Moisés recebe as tábuas da lei: os 10 Mandamentos.

²(1) Mesopotâmia significa "terra entre rios", e designa a região situada entre os rios Tigre e Eufrates, atualmente conhecida como Iraque.

³(2) Conta a Bíblia que a formação do povo de Israel teve início quando Deus aparece a Abrão (que depois terá seu nome modificado para Abraão) e lhe ordena que deixe sua terra e parta para outra, que lhe será posteriormente indicada (Canaã). Em troca, ele tem a promessa de formar uma grande nação, que irá ganhar todas as terras, do rio Nilo ao Eufrates. Abraão obedece e é assim que, segundo o livro do Genesis, sua família dá origem a todas as nações da região (fonte: Revista Galileu, abril (153)/2004).

Vaga com seu povo 40 anos pela península desértica⁴

Mistura suas determinações disciplinares aos Mandamentos e controla a rudeza dos homens sob sua tutela a caminho da terra prometida. Entretanto, a ele mesmo é dado apenas contemplar a paisagem sonhada de Canaã, pois o "Senhor" já não autoriza a impunidade pela morte de um irmão, fosse ele desobediente às leis, considerado inimigo, ou mesmo filho de outra raça. Moisés, é o primeiro a saber disso, sentindo em si mesmo os efeitos de tais transgressões à Lei.

Mais tarde, o Cristo nasceria entre os judeus, descendentes dos hebreus, para proclamar com toda a força de seu espírito a palavra amor...

Jesus apresenta, a princípio ao povo escolhido que só conhecera Javé, o Deus Pai, toda misericórdia, que vela por todos os povos do mundo, na condição de filhos muito amados.

É selada a Nova Aliança com as gerações futuras, e se estabelece o roteiro de luz para que a Humanidade adentre conscientemente o Reino de Deus.

Jesus e os destinos da Terra

A Humanidade não caminha só.

Deus, o Pai amoroso, está sempre muito próximo dos espíritos que cria e utiliza-se de outros espíritos de elevada hierarquia evolutiva para conduzir os destinos da Criação. Jesus dá testemunho disso ao pronunciar "*eu e meu pai somos um*" numa alusão à sua perfeita aproximação de Deus e à sua harmonização com as Leis do Criador.

Jesus, pela excepcional elevação, foi designado a presidir os destinos da Terra, quando esta ainda estava por ser formada, no processo infinito da Criação Divina.

Desde então, o excelso espírito, que aprendemos a chamar Jesus, vem planejando e orientando os destinos do globo - desde a elaboração das primeiras formas de vida. Sua missão prossegue conforme nos mostra belamente a alegoria do pastor ao afirmar "*nenhuma das ovelhas que meu Pai me confiou se perderá*".

Nossos destinos estão sob o olhar de Deus e carinhosamente velados por Jesus.

Nunca faltou entre os homens, desde as mais remotas eras, o auxílio do Alto, que se faz sentir concretamente pelos testemunhos da História. A existência dos profetas é uma das mais eloquentes provas desta verdade.

Cabe aqui entender por profetas do Senhor todos os espíritos que se elevaram acima da Humanidade e, por abnegação, vieram entre nós apontar caminhos, tanto no âmbito religioso, filosófico como científico, tomando-se assim verdadeiros emissários de Deus, impulsionando o progresso do globo, cada um revelando parcelas específicas da Grande Verdade Universal.

Profetas foram muitos mais que Isaías e Jeremias; podemos incluir entre eles pensadores como Sócrates, Platão e outros tantos das civilizações orientais, até os gênios da ciência que alavancaram firmemente o progresso. Todos eles impulsionados pelo influxo do estímulo incessante de Jesus.

O patriarca Abraão fundou na Terra a primeira religião monoteísta - o Judaísmo.

Embora monoteísta, o povo de Israel fazia ideia muito primitiva da natureza de Deus. Neto de Abraão, Jacó, também chamado Israel, teve doze filhos que originaram as doze tribos israelitas, cujos representantes seriam escravizados no Egito. Por volta de 1300 a.C., Moisés - o "salvo das águas" - liderou o êxodo, libertando o povo da escravidão e conduzindo-o à Terra Prometida⁵, depois de vagar quarenta anos pelo deserto. As tribos se dividiram nos reinos de Israel⁶ e de Judá, cuja capital foi Jerusalém, transformada em centro religioso pelo rei Salomão, filho de Davi.

Mais tarde, Jesus veio das mais altas esferas e nos trouxe a mensagem imbatível do Amor.

Os homens de sua época sentiram tão fortemente o impacto da Boa Nova, que se converteram aos ensinamentos do Mestre de Nazaré. Tamanha foi a fé e a certeza na felicidade que aguardava aqueles que faziam a vontade do Pai, que as pessoas simples do povo de Judá, tocadas nas fibras mais íntimas do coração, não hesitaram em entregar a própria vida como testemunho da fé renovadora.

Esfacelados pelas feras famintas dos circos de Roma, desciam à arena cantando hinos de louvor ao Pai de bondade e justiça que aprenderam a amar com Jesus.

Estes foram os primeiros cristãos, que inspirados nos mais puros ensinamentos do Cristo, viviam a simplicidade dos ensinamentos mais nobres que a Terra já recebera.

O testemunho dos cristãos foi de tal forma perturbador em face da truculência dos algozes e da docilidade dessas criaturas, que o Império Romano, tendo aniquilado o homem na ilusão de matar a ideia, já não podia ignorar a nova crença. Ela se espalhava celeremente, consolando corações cansados e trazendo novas esperanças aos espíritos oprimidos pela rudeza de seu tempo.

Os discípulos, a princípio vacilantes e temerosos, recebem a falange dos auxiliares de Jesus e falam em línguas no dia de Pentecostes, prenunciando a disseminação da mensagem do Cristo ao mundo.

Ainda não era o Consolador Prometido.

Mais tarde, surge o inigualável Paulo de Tarso, o conhecido Apóstolo dos Gentios, que, com fidelidade ao Cristo e com seu caráter obstinado e apaixonado, funda numerosos núcleos cristãos chamados "igreja" por serem grupos de pessoas que se reuniam em torno das lições evangélicas.

Nestas reuniões as manifestações mediúnicas eram comuns e absolutamente naturais.

Paulo, pelas conhecidas cartas, envia advertências seguras aos núcleos, orientando a vivência do Evangelho sem distorções. Foi ele o instrumento valiosíssimo de que se serviu Jesus para disseminar a outros povos sua mensagem até então circunscrita à comunidade judaica.

Já não se podia ignorar, tampouco reprimir as eloquentes demonstrações do Cristianismo nascente.

Restava a Roma encampar a ideia cristã, porém no intuito perverso de utilizá-la ao sabor da escravidão. Assim foi que, decorridos 325 anos da Era Cristã, reuniram-se os prepostos de Roma para estabelecer dogmas que deveriam, a partir de então, ser vigentes no seio do cristianismo, o qual já se encontrava parcialmente infiltrado pelas tradições judaicas que Jesus repelira.

Em 381, Roma, no cumprimento de suas mais pífidas estratégias, estabelecia o Catolicismo como religião representante maior da mensagem do Cristo, cujo objetivo seria o enclausuramento do pensamento humano e a submissão dos ensinamentos cristais de Jesus aos interesses do poder.

Surgia então o Catolicismo erigido sobre o alicerce duvidoso da mensagem de Jesus *adulterada, mutilada e moldada* de acordo com a utilidade terrena a que se destinaria a partir de então. Em lugar das reuniões fraternas em que se liam os textos evangélicos sob a tutela dos Espíritos do Bem, vieram os altares de ouro e púrpura.

O Reino de Deus, que o Mestre iria implantar na Terra, passou a ser privilégio de poderosos e endinheirados.

A fuligem da vaidade e da ganância abafava o perfume do Evangelho que não mais era sentido na sua sublimidade transcendente.

Templos de mármore e ouro.

Figuras incorporadas das tradições greco-romanas. As estátuas de deuses de pedra foram meramente substituídas por imagens de santos, alguns dos quais, verdadeiros emissários do Cristo.

⁴ (3) Península do Sinai

⁵ (1) Canaã, atual Palestina.

⁶ (2) O Reino de Israel foi devastado pelos assírios em 721 a.C.

Em 607 à sombra da ignorância, da arbitrariedade e da dominação consolida-se a estrutura de poder religioso, entronizando a ambição e a violência - surge o Papado.

Apesar de todas as injunções, não escasseou, no seio da crença romana então institucionalizada, o envio de luminares da espiritualidade com a missão de resgatar e trazer à luz as verdades gloriosas da simplicidade, da fraternidade, do amor incondicional, da pureza de coração.

Neste aspecto, é necessário que se destaque a individualidade límpida de Francisco de Assis, no século XII, a quem Jesus dissera "*Francisco, reconstrói a minha igreja*", „E vem Francisco no seio da riqueza, para mostrar que o Cristo se revela desde o palácio à choupana, pois ama a Humanidade inteira.

Vem depois Antonio de Pádua dotado de moral inatacável, simplicidade e desprendimento, possuidor de mediunidade fabulosa, considerado um dos maiores pregadores inspirados. Sua palavra era dotada de irresistível vibração fluídica acrescida da força moral.

Decorridos tantos esforços no sentido de resgatar o verdadeiro sentido agora oculto do Cristianismo, o plano superior entendeu deixar os homens caminharem ao livre curso.

Sobreveio então o período das sombras da Idade Média.

A pretexto de reprimir heresias, instaurou-se o tribunal do Santo Ofício, inaugurando o período da Inquisição que considerava bruxos, hereges e malditos aqueles que, ainda no seio da religião, recebiam as revelações do Alto, as quais contrariavam os interesses terrenos instituídos como religião, falseada em seus princípios.

Assim, surgiram vultos inesquecíveis como Joanna D'Arc, queimados nas fogueiras infames por não renegarem os fenômenos pelos quais ouviam as vozes dos "anjos do Senhor". Sim, a mediunidade resplandecia no meio do Catolicismo como auxílio divino às almas dispersas. Auxílio também duramente desdenhado.

Misturando-se com a caçada aos supostos hereges detentores de possibilidades mediúnicas, o Santo Ofício perpetrou perseguições cruentas aos judeus, considerados em seu todo, *hereges*. Porém, sabemos que assim a Igreja aniquilou na fogueira os possuidores do ouro, tomando-se herdeira dessas riquezas, aumentando mais e mais a pompa de seus templos perecíveis.

Surge então, na intimidade da Igreja o movimento das Reformas que teve como expoentes John Huss, Martim Lutero, e Calvino, cuja ideia era resgatar do domínio de poucos, a mensagem integral de Jesus. O fruto mais benéfico deste movimento foi a tradução da bíblia e a popularização do Evangelho, até então privilégio dos representantes eclesiásticos.

A crença dogmática não admitia questionamentos e negava a ciência, atestando que o desconhecido era mistério de Deus, e assim deveria permanecer. Mas Jesus, do esplendor celeste, envia à Terra gênios e heróis, homens capazes de iniciar a era das luzes renovadoras nas terras da Europa.

Surgem grandes descobertas.

Pelas teorias astronômicas o homem passa a entender melhor o Universo.

A Terra não é mais o centro.

Em todos os campos do conhecimento humano os homens encarnados, inspirados pelo Alto, realizam feitos maravilhosos.

Estamos em plena era da razão iluminada pelas claridades celestes.

O homem, sempre vaidoso, atribui tudo à sua rudimentar inteligência, e nega a Deus.

Porém, o solo é fértil em conhecimento e maturidade para novas luzes.

É chegada a hora de a Humanidade conhecer de forma mais clara e objetiva a Explicação sob o ponto de vista espiritual.

Vem à luz o Espiritismo pelas mãos de um livre pensador capaz de analisar os fatos, abstrair consequências e concluir verdades eternas.

O Codificador da Doutrina Espírita, Hippolyte Léon Denizard Rivail, inicia sua missão no panorama terrestre amparado por uma equipe luminosa que se denominou Espírito Verdade pois, como Jesus dissera: "*e conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.*"

O que é o Espiritismo

O Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus, I codificado por Allan Kardec.

Muitas especulações se têm feito em tomo da palavra espírita e dos termos relacionados com o Espiritismo.

Os homens, acostumados com a era da galopante disseminação das informações, recebem um volume excessivo delas, sem se preocupar e sem nem mesmo terem o tempo necessário para separar as boas das más, para discernir entre o certo e o errado. Portanto, sabe-se do Espiritismo muito pouco. Isto ocorre também nos centros espíritas, pela falta de estudo e pela distração com que algumas criaturas julgam ser possível conduzir as próprias vidas.

A desinformação e a desatenção são destrutivas.

O Espiritismo, na condição de Consolador Prometido vem explicar todas as coisas que Jesus não pôde explicar a seu tempo. Possui incontestável caráter religioso, embora ainda muitos, com resquícios vaidosos de materialismo insustentável, tendam a entendê-lo unicamente como filosofia ou ciência, como se o aspecto religioso fosse secundário, eventualmente dispensável ou até vergonhoso.

O Espiritismo é religião apoiada na filosofia e na ciência. Estes três aspectos se complementam e se mesclam de forma que, sem um deles, não teríamos a consistência da Revelação Espírita.

E uma religião cristã, mas em nada se assemelha às religiões tradicionais com dogmas e poderes instituídos. Por meio da reflexão profunda, induz o homem que dela se aproxima aos raciocínios lógicos que permitam entender a Doutrina do Cristo, não como algo que deva ser seguido porque foi ensinado, mas pela incorporação lenta e gradual da verdade de que Jesus é o caminho.

Vai muito além das meras palavras, e aproxima o homem de Deus, função básica da religião.

Ensina a buscar as razões para os fatos, a entender por que é necessário amar o próximo e os inimigos, por que é necessário melhorar-se no auto-aprimoramento constante, no exercício diário das virtudes cristãs. Não há dogmas e tudo tende a ser explicado à luz do espírito imortal e reencarnante. Não há mistérios da fé.

A fé espírita não é misteriosa, é fundamentada no questionamento e na conclusão obtida pelo crivo da razão.

Rejeita a fé cega e preconiza a fé raciocinada.

Tem evidentes características de religião natural, fundamenta-se em bases naturais sendo capaz de enfrentar a razão em qualquer época.

Na Doutrina Espírita há postulados que são os pilares, o eixo de sustentação filosófica sobre os quais se edifica a lógica da Codificação. Eles se baseiam nas lições do Cristo, se bem entendidas sob o aspecto espiritual.

São princípios básicos do Espiritismo:

1. Existência de Deus.
2. Existência e Imortalidade do Espírito.
3. Lei de Evolução.
4. Reencarnação.
5. Comunicabilidade entre Encarnados e Desencarnados.
6. Pluralidade dos Mundos Habitados.

O aspecto filosófico do Espiritismo é claramente observável n *O Livro dos Espíritos*, e salientado pela apresentação na forma de perguntas e respostas. As questões nele contidas, algumas delas, muito simples, mas profundas, têm requerido longos anos de estudos e elaboração de sistemas filosóficos para serem respondidas pelos homens. Os Espíritos, entretanto, a elas responderam de forma inequívoca, clara e muitas vezes simples.

A base filosófica por excelência da Doutrina Espírita é evidenciada pela frase "*Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei*". Ela está inscrita no túmulo do corpo de Allan Kardec e demonstra de forma magistralmente sintética o princípio da evolução. Por ele o homem, renascendo sucessivamente, tem oportunidade de progredir de forma incessante.

Conforme a afirmativa "*sois deuses*", que se refere à possibilidade de o homem atingir a perfeição por meio das múltiplas encarnações, isso seria inviável se vivéssemos apenas uma vez no mundo material...

O aspecto científico da Doutrina Espírita pode ser entendido essencialmente pelo lado fenomenológico da mediunidade, que nos permite um vastíssimo campo de observações e perscrutações acerca do mundo invisível no qual estamos mergulhados. E foi pela observação dos fatos, análise criteriosa, repetição múltipla e pelo aparecimento espontâneo dos fenômenos em diversos locais, que o Espiritismo se firmou como a consequência da observação e da repetição, o que representa um dos caracteres da experimentação científica.

Houve ainda uma época gloriosa em que, através do raciocínio positivista, tentou-se demonstrar a impossibilidade dos postulados sustentados pela Doutrina, acabando-se por concluir que ela era correta sob a perspectiva da ciência ortodoxa. Em consequência, muitos cientistas como William Crookes, Ernesto Bozzano e outros tornaram-se os mais fervorosos adeptos da Doutrina dos Espíritos nascida da França, que é nova em sua codificação, porém, nos apresenta verdades de sempre.

No dizer de Emmanuel, os homens em seus laboratórios convertem-se em sacerdotes do Espírito, pois, tentando demonstrar sua inexistência, esbarram inexoravelmente nesta contundente realidade. O aspecto científico do Espiritismo apóia-se na observação de Kardec "*fé inabalável é aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade*",

É a mensagem do Cristo apresentada sob a luz da razão, desenvolvida a ponto de suportar explicações antes desconhecidas, conferindo assim à mensagem de Jesus força incontestável. Vem consolar as almas feridas por demonstrar que o espírito não morre, sobrevive e, acima de tudo, volta a viver em novas oportunidades. Deus ganha amplitude inimaginável perante esta realidade. Ele passa a ser não apenas o justo que fará com que se cumpra a Lei até o último ceitil, mas Aquele que não desconhece a natureza da própria criatura e dá-lhe incontáveis oportunidades de recomeço.

A reencarnação toma-se, assim, instrumento da misericórdia divina e da lei de causa e efeito, conforme Jesus anunciara "*a cada um segundo suas obras*".

O homem não é, pois, um ser indefeso criado para sofrer o castigo divino ou os golpes do destino. A vida lhe é mostrada em sua gloriosa destinação sob a reflexão de que ele é herdeiro de si mesmo.

Colhe o que plantou, pois o Pai não é injusto.

Se plantou espinhos, não prescinde da misericórdia divina que lhe oferece formas incontáveis de atenuar as próprias faltas pelas suas escolhas.

Deus não é justo no sentido do olho por olho, dente por dente.

Pecou, tem que pagar.

Não, a Doutrina é eminentemente consoladora.

Aprendemos que é preciso antes cicatrizar as feridas, readquirir o equilíbrio pelo amor e pela fraternidade com que nos apoiamos uns aos outros para depois, num futuro cuja distância não importa tanto, podermos a nosso tempo, corrigir tudo aquilo que não foi feito em harmonia com a Lei Divina.

O caráter religioso da Codificação apóia-se no lema "*fora da caridade não há salvação*". Necessário compreender em profundidade o

sentimento que anima aquele que dela se utiliza para espalhar a luz e o pão espirituais.

O Espiritismo reergue os homens, toma-os grandes perante as dificuldades, mostra-lhes luzes sublimes, o porvir fulgurante dos justos, exatamente como Jesus pregava. Não condena, mas apregoa como Jesus *"vá e não peques mais"*, ou seja, concede ao homem o direito de perdoar-se das coisas que desconhecia, de entender o que não entendia e de poder caminhar com mais segurança pela porta estreita. Esta é a base da reforma íntima, pois o insigne codificador Allan Kardec, já dissera textualmente *"reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, pelos esforços que faz para domar as suas más inclinações"*.

Espíritas não são necessariamente criaturas melhores que as outras, mas homens com maior tributo de responsabilidade em face dos esclarecimentos seguros que receberam acerca da vida e do mundo, devendo viver em consonância com eles.

É uma religião que exige introspecção, modificação de caráter, exercício da vontade no sentido do Bem, estudo e muito amplas meditações, sem descurar dos braços estendidos para auxiliar o próximo, pois ninguém está dispensado nem incapacitado para exercer a caridade. E no exercício dela que nos tomamos nobres e nos aproximamos de Deus.

Isto é Espiritismo, assim devem ser os espíritas: nem rituais, nem manifestações exteriores de fé, nem símbolos, nem adorações de figuras, nem práticas chocantes, nem iniciados em mistérios ocultos ao vulgo. Nada disso caracteriza a Doutrina prometida por Jesus.

Em sua manifestação cotidiana é simples, puro e despojado de convencionalismos, como Jesus.

Nenhuma ficção. Nenhuma ilusão. Somente a Verdade.

Allan Kardec

Há no Père Lachaise⁷, em Paris, um elegante jazigo Mornamentado constantemente pelas flores do reconhecimento e da gratidão.

Mas foi no Montmartre⁸, que a terra e os céus testemunharam, sob o Sol de abril, a comovente despedida do amigo e colaborador, o poeta das estrelas Camille Flammarion: *"Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se-te os olhos para não mais se abrirem, não mais ouvida será a tua palavra... Sabemos que todos havemos de mergulhar nesse último sono, de volver a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas, não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e a nossa esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor, e no céu imenso, onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades, continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra é teatro por demais acanhado. É-nos mais grato saber esta verdade, do que acreditar que jazes todo inteiro neste cadáver e que tua alma se haja aniquilado com a cessação do funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da Natureza. Até à vista, meu caro Allan Kardec. Até à vista!"*

Vamos encontrá-lo nos últimos tempos, no ano de 1869, mergulhado em profundas meditações, cismarento, porém afável esquadrihando o pensamento em busca de soluções ponderadas e orientações seguras.

Nunca, nos 65 anos de existência ter-se-ia imaginado como o pilar, a coluna mestra, a base de sustentação da doutrina nascente.

Como imaginar que uma aparente brincadeira de salões trazia em seu bojo desdobramentos tão fecundos! E ele, a princípio questionador, tomara-se o condutor lúcido dos rumos seguros que as ideias novas deveriam seguir. Vários núcleos espíritas tinham-se fundado e era imensa a responsabilidade de continuar a desdobrar sempre, da forma mais racional, as orientações que urgiam aqui e ali.

Lembra-se das viagens de divulgação que tão auspiciosos sentimentos lhe trouxeram.

Agora porém, já não era missão facilmente executável visitar os numerosos centros espalhados pela França, particularmente em Lyon, onde tivera a oportunidade de ver por si mesmo as metamorfoses sociais que a nova doutrina havia produzido, marcadamente entre os simples, os operários, que já se podiam contar por milhares.

Lares apaziguados, paixões arrefecidas, impulsos contidos, a palavra Deus voltara a ser pronunciada com respeito, o Cristo renascia no coração dos humildes, há muito desejosos de consolo.

Via na Revista Espírita, editada mensalmente há 11 anos, o veículo valioso de propagação de suas ideias. Nos artigos, identificava verdadeiras epístolas endereçadas aos núcleos novos sequiosos da orientação prática, que vicejavam nas pegadas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, por ele fundada em 1858.

Sim, era imperioso prosseguir firme nas publicações para dirimir as dúvidas, balizar o estudo, orientar o cultivo da verdade recém-trazida à luz.

Não lhe faltara o concurso da falange Verdade.

Sabia-se acompanhado muito de perto pelos luminares da Codificação, entre os quais ele não se incluía.

Considerava-se um homem em busca de respostas, ponderado, e que tudo fazia para não se deixar levar por entusiasmos desarrazoados nem por exaltações momentâneas. Vira sempre nas orientações dos espíritos, desde o mais elevado até o mais simples, apenas opiniões.

Nunca abdicou da razão e do bom-senso aos quais submetia invariavelmente as comunicações.

A verdadeira identidade dos espíritos para ele, sempre repousava no conteúdo das mensagens, nada mais.

Olhando as caixas cuidadosamente preparadas para a mudança, súbito sente-se assaltado por incoercível nostalgia que faz desfilar à sua frente, tantas lutas, tantos acontecimentos que assumiam para ele a proporção quase inacreditável da Religião Natural, trazida do mundo invisível. Não fora adepto do ceticismo dogmático nem tolamente crédulo.

Rivail era livre-pensador, humilde e despojado de preconceitos, jamais negara fatos, pedia provas. Não! Já não podia mais ser o homem do princípio, o grande estudioso. Os 15 anos de trabalho incessante consolidaram nele a convicção inabalável nas Verdades Imortais, tomara-se espírita e compreendia a fundo as verdades do Cristo, iluminadas por concepções mais altas nos domínios do Espírito.

Ainda há pouco, embalando livros antigos, deparara-se com os cadernos... 50 cadernos! 50 cadernos manuscritos, sobre os quais pousara os olhos pela primeira vez em 1855... Colocá-los numa ordem razoável parecera-lhe tarefa altamente complexa e não muito atraente a princípio, pois reconhecia neles lacunas que não conferiam coesão a algo que se pudesse entender como filosofia. As insistências foram grandes. Lembra-se das primeiras comunicações do espírito Zéfiro, que lhe empenhara auxílio constante nesse primeiro grande desafio, além de revelar-lhe a identidade druida: Allan Kardec.

Estimulado pelo amparo do Alto, lançara-se ao trabalho, organizara tudo, suprimira repetições e anotara hiatos que sua análise criteriosa fazia identificar.

E assim, passara a comparecer às reuniões na residência dos Plainemaison, trazendo sempre um conjunto de perguntas criteriosamente elaboradas e ordenadas, às quais os Espíritos da Codificação respondiam iluminando a pontog obscuros sobre os quais Rivail sentia necessidade de mais amplos esclarecimentos.

Folheava os cadernos, e grossas lágrimas de gratidão a Deus rolaram-lhe pela face austera de homem honrado. Tudo quanto o Espírito de Verdade lhe dissera se cumprira: desgastes, calúnias, dificuldades, zombarias, incredulidade, e muitas alegrias... Ele prosseguira e a obra nasceu de suas mãos e de suas longas vigílias. Mais de 10 médiuns prestaram-se às verificações finais, uma vastidão de amigos e colaboradores aos quais dedicava profundo respeito o apoiaram, mas as abstrações mais fecundas nasceram da solidão de suas reflexões. Tudo posto em ordem e revisado, dias e noites de trabalho resultaram em *"O Livro dos Espíritos"* creditado ao pseudônimo Allan Kardec.

A primeira edição aparecera em abril de 1857, e tão grande interesse provocou que logo se esgotou.

Era o início.

A paixão pelo conhecimento e o caráter perquiridor não lhe permitiram descansar. Diante dele se inaugurava um mundo novo, de respostas aos mais longínquos dramas da Humanidade. Lia, relia, corrigia, desdobrava, estudava e ampliava as orientações iniciais e uma após a outra. Seguiram-se as obras que, juntamente com a primeira, compõem o patrimônio de luzes: *"O Livro dos Médiuns"* (1861), *"O Evangelho segundo o Espiritismo"* (1864), *"O Céu e o Inferno"* (1865), *"A Gênese"* (1868).

Contemplando os cadernos, uma saudade da meninice invade-lhe a alma...

Lembra-se vivamente do pai, Jean-Baptiste-Antoine Rivail, magistrado ilustre, e da mãe tão amada, Sra. Jeanne.

Quem poderia imaginar que o filho, Hippoly te Léon Denizard Rivail, nascido a 3 de outubro de 1804 não lhe seguiria os passos de homem da ciência do direito, mas se inclinaria com tanto ardor para as ciências e para as letras?

Os primeiros estudos, em Lyon, depois Yverdon (Suíça).

⁷ (1) Cemitério de Paris, onde estão atualmente os despojos de Allan Kardec. Numa das pedras lê-se a frase: "Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei."

⁸ (2) Cemitério em Paris em que foi sepultado originalmente o corpo de Allan Kardec no dia 1º de abril de 1869

Quanto aprendera com o mestre amado, Pestalozzi!

Ainda muito jovem dirigia a Instituição quando o mestre se ausentava para fundar institutos de educação pela Europa.

Pestalozzi... Dele recebera as mais valiosas lições.

Com ele aprendera o valor da construção do pensamento crítico. Com ele compreendera que, se a instrução dos livros mora estanque na alma, toma-se estéril, mas se a ela se associa a viva observação da natureza, tudo ganha sentido e relevância.

Em seu mundo íntimo incorporara o pensamento de Rousseau e de Pestalozzi. Nutria a convicção de que o conhecimento só se justificava na medida em que fosse útil para melhorar a existência humana.

De sua mente clara e cristalina, o saber escoara na direção daqueles que necessitavam.

Bacharel em Letras, logo identificara na educação o único meio de conduzir a sociedade para rumos nobres.

Tomara-se educador.

As obras pedagógicas de Hippolyte versavam sobre Gramática, Aritmética, e estudos superiores, tendo sido adotadas pela Universidade da França, o que lhe rendera recursos suficientes para uma vida confortável. Mas ao lado do homem que atingira o reconhecimento acadêmico, repousava o cristão que instituíra na própria residência cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia, e Anatomia Comparada, amplamente frequentados entre 1835 e 1840.

Lembra-se com amor da esposa, Amélie Gabrielle Boudet a muito querida companheira que conhecera no mundo das letras e do ensino, e com quem se casara em 6 de fevereiro de 1832.

Suave turbilhão convulsiona-lhe a cabeça encanecida pelas árduas tarefas abraçadas com o mais profundo amor.

Relembra os detratores sem mágoa, preocupa-se com os rumos da nova crença, porém rejubila-se ao verificar os doces frutos até então colhidos da tenra árvore. Vê com alegria que os espíritas, em sua maioria, se reconhecem como a grande família que, recostada à sombra das orientações doutrinárias, revive as consolações de Cafamaum. Sim... Isto lhe era o supremo consolo nas noites em que se via impelido a redigir refutações às calúnias dos inimigos do Espiritismo, cujo nome a história não registrou.

Num instante revê tudo.

Uma retrospectiva emocionante de recordações felizes lhe domina o ser.

Teve, em breves minutos, a visão panorâmica de sua vida.

Tudo antes que o socorro anestésico o fizesse adormecer suavemente⁹ para despertar no *Mundo da Verdade* que, com absoluto rigor científico, descortinara para as futuras gerações agradecidas: o *Mundo dos Espíritos*.

⁹ (3) Allan Kardec desencarna em 31 de março de 1869, vitimado pelo rompimento de um aneurisma enquanto finalizava os preparativos para a mudança de residência

Apresentação das Obras Básicas do Espiritismo

A

vinda do Espiritismo à Terra se fez por um trabalho prolongado, paciente e meticulosamente programado pela Espiritualidade

Superior sob a orientação de Jesus, que assegurara o envio do Consolador Prometido que ficaria conosco eternamente, nos ensinaria todas as coisas e nos faria relembrar tudo quanto ele houvesse dito.

No momento histórico apropriado, quando as condições de amadurecimento dos homens encarnados eram condizentes com tal compromisso, cumpriu-se a promessa de Jesus.

Em várias partes da França, iniciou-se uma "avalanche" de manifestações espirituais e os homens da época iniciaram interlocuções com os Espíritos comunicantes.

Muitas perguntas e respostas repetiram-se em locais diferentes da França e em outros países, o que demonstra o caráter universalista da Revelação Espírita.

As respostas foram anotadas, constituindo numerosos cadernos entregues a Allan Kardec que, participando de reuniões mediúnicas, inquiriu os espíritos repetidas vezes, reformulando questões e obtendo sempre a uniformidade de respostas, obviamente não quanto à forma, mas quanto ao conteúdo.

Allan Kardec, dotado de espírito crítico e raciocínio lógico somados à formação intelectual e ao talento de excelente pedagogo, identificou logo nos conteúdos das respostas ensinamentos de elevado valor ético, filosófico e religioso, muito superiores aos sistemas filosóficos vigentes em plena era da razão.

Defrontado com este fato, Allan Kardec sentiu a necessidade de encadear as orientações numa ordem lógica para estudo e entendimento, publicando um livro em que fosse mantida a estrutura original de perguntas e respostas. Surgiu assim a primeira obra espírita - "*O Livro dos Espíritos*", publicado em 18 de abril de 1857 em Paris.

O Livro dos Espíritos

Nele encontramos questões que todo homem lúcido e interessado no próprio destino já se fez intimamente. Toma-se assim, tanto pelo conteúdo como pela estruturação, uma obra sem igual, cujos ensinamentos trazem respostas às mais profundas inquietações do espírito humano desejoso de conhecer seus porquês.

Segundo Herculano Pires, o Espiritismo representa "*a síntese dos esforços humanos para compreensão do mundo e da vida*".

O Livro dos Espíritos foi dividido em quatro partes também denominadas livros.

No primeiro livro, ou primeira parte, denominado "As causas primárias ou dos espíritos", são tratados assuntos fundamentais sobre Deus e a Criação.

No segundo livro, ou segunda parte, denominado "Mundo Espírita", são apresentados assuntos pertinentes aos espíritos, sua origem e natureza, a forma como vivem, encarnam, desencarnam, as intervenções dos espíritos no mundo corpóreo e numerosos temas acerca do mundo espiritual, questões sobre as quais o homem contemporâneo se tem mostrado mais e mais interessado.

No terceiro livro, ou terceira parte, denominado "As Leis Morais" são apresentadas as leis morais da vida, que integram a Lei Divina ou Natural. Nesta parte d'O Livro dos Espíritos estão contidos os princípios da ética espírita e cristã.

No quarto livro, ou quarta parte, denominado "Esperanças e Consolações", Kardec aborda a felicidade e infelicidade relativas, tanto do homem encarnado quanto desencarnado e refere-se às "penas" que advirão no futuro próximo ou distante, tendo sempre como apoio a afirmação evangélica "*a cada um segundo suas obras*", pois, sabemos, as bases do Espiritismo repousam sobre os ensinamentos cristãos.

Tendo publicado a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* e sempre a buscar o aprofundamento de raciocínios e o aperfeiçoamento constantes, Allan Kardec publicou edições revisadas do citado livro, porém já percebia nessa época a necessidade de ampliar e estender o fruto de suas meditações e dos contínuos ensinamentos recebidos dos espíritos.

Foi então que, tendo como ponto de origem *O Livro dos Espíritos*, surgiram publicações mais específicas relacionadas estritamente com cada parte d '*O Livro dos Espíritos*, acima mencionada.

A Gênese

Obra fundamentada no primeiro livro, ou na primeira parte d'O Livro dos Espíritos.

Partindo da elaboração de raciocínios profundos sobre aspectos relativos à origem, baseada na ciência em íntima correlação com os ensinamentos espíritas e cristãos, foi publicada em janeiro de 1868 "*A Gênese*".

Obra de caráter fundamentalmente científico em que os ensinamentos espíritas são apresentados em perfeita harmonização com as verdades científicas da época. Tudo fez por tornar evidente, se ainda não o fosse, que a religião espírita não é dogmática nem estática, mas requer sempre o crivo do discernimento e evolui conforme evoluem os tempos, tendo por fundamento o fato de que a verdadeira fé é aquela que pode enfrentar a razão frente a frente em todas as épocas da Humanidade.

A Gênese bíblica é estudada como a realidade científica encoberta por alegorias. Os "milagres" de Jesus são explicados como o produto da modificação dos elementos da Natureza sob a ação da vontade desse Espírito possuidor de conhecimentos elevados acerca das coisas materiais e espirituais.

O Livro dos Médiuns

Decorrente do segundo livro, ou da segunda parte d'O Livro dos Espíritos, foi publicado em abril de 1861 o "*O Livro dos Médiuns*".

Aborda de forma minuciosa as relações entre encarnados e desencarnados, tratando da mediunidade não como mera questão fenomênica, mas acima de tudo, como uma possibilidade humana a ser exercida dentro dos padrões da moral cristã.

Orienta os médiuns a estudá-la e utilizá-la de forma equilibrada com o objetivo de obter resultados úteis e edificantes junto à Espiritualidade.

O Evangelho segundo o Espiritismo

Como desdobramento do terceiro livro, ou da terceira parte d'O Livro dos Espíritos, foi publicado em abril de 1864 o "*O Evangelho segundo o Espiritismo*", em que os textos são apresentados na íntegra conforme estão na Bíblia. Foram escolhidos apenas os ensinamentos evangélicos em que predominam os ensinamentos de essência moral, e que pouca ou nenhuma controvérsia têm gerado ao longo dos tempos.

Estes textos são comentados e explicados pelos Espíritos integrantes da equipe responsável pela Codificação Espírita e pelo próprio Allan Kardec que apresenta o resultado de suas meditações sobre os ensinamentos do Cristo.

O Evangelho é explicado não somente sob o ponto de vista da imortalidade do Espírito, mas sobretudo, e ganhando amplitude altamente expressiva, quando entendido com ênfase para o aspecto reencarnatório da existência.

Neste livro os valores humanos são mostrados sob a óptica daqueles que se encontram desencarnados com a lucidez suficiente para refletir

sobre Jesus e sua eterna mensagem de Amor que, se bem compreendida, liberta a consciência humana da mediocridade e das ilusões.

É uma obra que aproxima Jesus dos homens, apresentando-o como o Amigo da Humanidade que veio efetivamente para que tivéssemos VIDA, e vida em abundância.

A leitura e meditação sobre seu conteúdo conduzem o homem ao entendimento de que Jesus não morreu para nos salvar, mas viveu para nos ensinar, e apresentou orientações compatíveis com nossas possibilidades de realização, bastando a movimentação da vontade.

O Cristo nesta obra não é visto como um mito inatingível, mas como guia e modelo de Homem, que nos indicou com clareza o caminho pelo qual, todos sem exceção, teremos que enveredar na trajetória evolutiva rumo ao Bem.

O Céu e o Inferno

O conteúdo expandido e modificado da quarta parte d'0 *Livro dos Espíritos* originou a publicação em agosto de 1865 da obra "*O Céu e o Inferno*" que trata de assuntos como o temor da morte, o céu, o inferno, o purgatório, os princípios da Doutrina Espírita sobre a vida futura.

A felicidade ou infelicidade relativas do Espírito são consideradas estados de consciência, condizentes com o grau de evolução e com o bom ou mau direcionamento que o Espírito tenha dado à própria existência.

Nesta obra Kardec põe fim às penas eternas, demonstrando que o almejado céu e o temido inferno como nos têm sido apresentados até hoje, nada mais são que ilusão, não representam prêmio ou castigo irreversíveis, pois a misericórdia emoldura as Leis Divinas. São estados conscienciais de cada criatura. A segunda parte deste livro é composta por várias transcrições de depoimentos de espíritos desencarnados.

Estes são os cinco livros considerados OBRAS BÁSICAS do Espiritismo.

Além destas, Kardec fundou em 1858 a Revista Espírita, periódico mensal que viria a se tomar apoio importante às Obras Básicas e cuja publicação foi mantida até sua desencarnação em 1869. De Allan Kardec, há ainda "*Obras Póstumas*" (1890), "*O que é o Espiritismo*" (1859), "*O Espiritismo na sua expressão mais simples*", "*A Obsessão*" e também "*Viagem Espírita em 1862*".

PARTE II Princípios Fundamentais do Espiritismo

Deus

Em todos os tempos, em todas as civilizações, o comportamento dos homens esteve intimamente associado à crença em algo

maior que exercia influência decisiva sobre suas vidas. Isso porque havia, e ainda há, infundáveis ocorrências naturais que nos intrigam e para as quais nenhuma explicação podemos encontrar, a menos que admitamos a existência de algo como uma inteligência infinitamente superior à nossa que organiza e comanda o Universo.

Isto pode ser claramente evidenciado pela cultura dos povos primitivos que, pressentindo e não entendendo essa inteligência superior, atribuíram o desconhecido a supostas divindades responsáveis pelos fenômenos naturais como as tempestades, os terremotos, os vulcões, os maremotos, e tantos outros.

No Egito antigo foram comuns as crenças em vários deuses (Politeísmo) com formas humanizadas como Ísis, Rá, Osíris e Amon. Os gregos e romanos acreditavam também em deuses (Zéus, Hera, Poseidon, Apolo, Afrodite e outros) que se tornaram conhecidos pelas lendas da mitologia. A alguns foram atribuídas características humanas, sendo, portanto, denominados semi-deuses. Antes de Cristo, era comum que cada família romana ostentasse altares para deuses familiares como Júpiter, Netuno, Vênus, Hermes e outros.

Com o desenvolvimento progressivo do entendimento, os homens passaram a compreender que os fenômenos da Natureza obedecem a leis explicáveis pela ciência, o que torna sem sentido as crenças até então professadas.

Com o progresso intelectual e espiritual que se faz sem interrupções, os povos passaram a proclamar a crença no Deus Único, inaugurando publicamente o Monoteísmo. Os hebreus foram o primeiro povo monoteísta de que se tem notícia. Esta crença, embora representasse progresso espiritual, era ainda imperfeita, pois atribuía-se a Deus a forma, as fraquezas, e as qualidades humanas. E isso é o que devemos entender quando ouvimos a expressão Deus antropomórfico.

No *O Evangelho segundo o Espiritismo* há uma advertência altamente significativa do Espírito Lacordaire, sobre o fato de cremos num Deus cuja imagem moldamos segundo nosso gosto e preferência, ou seja, vingativo e injusto, que a alguns castiga e a outros perdoa. Um senhor de exércitos, punitivo e cruel, vaidoso e injusto.

É ainda hoje o grande desconhecido do homem, quando buscamos explicações para a Sua natureza, quando desejamos entendê-Lo.

A maior e mais convincente prova da Sua existência é o fato de todos os povos do planeta, de formas muito variadas, terem tido sempre o sentimento inato sobre isso. Este sentimento espontâneo não provém de informações exteriores, mas é nascido da intimidade dos seres. Os homens sentem necessidade de agradá-Lo, uma evidência do sentimento de busca de contato com o Criador. Originam-se daí os sacrifícios humanos e de outros seres vivos, numa tentativa de estabelecer rituais de troca para aplacar a ira das divindades.

Com o desenvolvimento gradual da razão, proporcionado sobretudo pelos avanços científicos, ocorreu um movimento cuja tendência foi exaltar a razão e ridicularizar toda forma de crença religiosa que passou a ser considerada coisa de crédulos e incultos.

Os homens julgaram-se, a partir de então, detentores de inteligência absoluta e, como toda a inteligência fosse ainda incapaz de explicar Deus, o orgulho desses homens de raciocínio positivista (materialista) fez com que O negassem, pela impossibilidade de explicá-lo.

Assistimos ao ápice da ignorância quando o filósofo Nietzsche declarou que Deus estava morto.

Surgem então na Terra as bases do moderno ateísmo que produziu um sem-número de adeptos e lançou raízes nas consciências até hoje, vaidosas a ponto de ignorar a Deus. Consciências incapazes de perceber que o homem é impotente para controlar tudo o que não criou. E se há tantas coisas que o homem não criou, quem as teria criado senão Ele? O acaso não existe, é impossível que a Criação tenha sido mero fruto de combinações aleatórias dos elementos. Isto contraria qualquer raciocínio lógico.

Mediante nossa capacidade limitadíssima de entendimento das coisas superiores, e mesmo considerando todos os esforços de conhecer a natureza divina, isto ainda nos é impossível de forma integral. Todos os sistemas filosóficos mostraram-se insuficientes neste aspecto. Houve na História pensadores que apregoaram o Panteísmo, segundo o qual Deus seria a reunião de tudo o que foi criado, igualando assim o Criador à Criação, o que a lógica e a razão obviamente rejeitam.

Não podemos conhecê-Lo plenamente, mas é possível senti-Lo presente em cada detalhe da Criação, da qual somos parte integrante.

Quando se quer, é simples sentir Sua presença na beleza singela de uma flor, na perfeição dos organismos vivos, no germinar de uma semente, no sorriso de uma criança, na melodia reconfortante de um riacho, nas relações harmônicas e ordenadas entre planetas e galáxias que obedecem a um bailado inexplicavelmente sublime cujas leis o homem apenas começa a entrever.

Deus é para os homens encarnados na Terra muito mais algo para sentir do que para ser explicado. Que vejam aqueles que têm olhos de ver.

Allan Kardec inicia *O Livro dos Espíritos* com a pergunta "O que é Deus?". Note-se que ele não perguntou "quem é", nem "onde está", nem "como é". Usou a palavra "Que", numa alusão clara ao pouco que se conhecia e se conhece sobre Ele. Sabedores de nossas limitações, e compreendendo nossas dificuldades e a inutilidade de definições complexas, a resposta dos espíritos foi simplesmente "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas".

Nas questões e respostas que seguem, os espíritos deixaram patente que, analisando a Criação, poderemos chegar de alguma forma à conclusão da existência de Deus e de que é pela obra que se conhece o autor, afirmando "vede a obra e procurai o autor! E o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite fora de si, e é por isso que se considera espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!"

Mesmo com sua acanhada possibilidade intelectual e moral, o homem pode conhecer, ainda que imperfeitamente, os Seus atributos e não o próprio Deus. Assim, quando Allan Kardec questionou os espíritos acerca dos atributos divinos conhecidos, eles admitiram que esta seria uma forma aproximada, embora incompleta de se abranger a ideia, mesmo reconhecendo a pobreza da linguagem, das expressões e dos sentidos para expressar coisas que desconhecemos tão profundamente.

Desta forma, Allan Kardec nos apresenta os atributos de Deus acompanhados de argumentos lúcidos que os justificam. Vejamos:

ETERNO - se tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

IMUTÁVEL - se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

IMATERIAL - quer dizer, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, pois de outra forma não seria imutável, estando sujeito às transformações da matéria.

UNICO - se houvesse muitos deuses, não haveria unidade de vistas nem de poder na organização do Universo.

TODO-PODEROSO - porque é único. Se não tivesse o poder soberano, haveria alguma coisa mais poderosa ou tão poderosa quanto Ele, que assim não teria feito todas as coisas. E aquelas que Ele não tivesse feito seriam obras de um outro Deus.

SOBERANAMENTE TUSTO E BOM - a sabedoria providencial das Leis Divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e esta sabedoria não nos permite duvidar da sua justiça, nem da sua bondade.

Somente a evolução do espírito humano em intelecto e amor no esforço incessante de domar as tendências inferiores nascidas da ignorância fará com que reunamos um dia as condições para nos aproximarmos da compreensão de Deus. Afirmou o Cristo: "Bem-aventurados aqueles que

têm puro o coração, porque verão a Deus" (Mateus, 5:8).

*“A dúvida concernente à existência dos Espíritos tem por causa primeira a ignorância da sua verdadeira natureza. ?
[Geralmente são imaginados como seres à parte na criação, e cuja necessidade não está demonstrada.1 Muitos não os conhecem senão pelos contos fantásticos com que foram embalados...”^
Allan Kardec*

Existência e Imortalidade dos Espíritos

A existência do espírito é ainda para muitos homens I assunto relegado a plano secundário, como se com isso nada tivéssemos.

Esquecem-se normalmente de que espíritos somos todos nós, encarnados e desencarnados, habitantes da Terra.

A Anatomia há muito mostrou como são parecidos nossos corpos do ponto de vista macroscópico, pela disposição dos órgãos.

A Fisiologia mostrou como o organismo humano funciona, seguindo quase sempre padrões bem estabelecidos e que se assemelham muitíssimo em todos os pontos do planeta. As ciências da vida têm mostrado nossas semelhanças, embora reconheçamos nossas desigualdades, muitas delas supostamente atribuídas até então, à herança genética de cada um.

Ainda ontem, a ciência decifrou o código genético do corpo humano e, com surpresa, verificou que nossos corpos são geneticamente diferentes quantitativamente em apenas 0,1%. Há entre os homens diferenças muito mais amplas do que esta no modo de sentir, de pensar, de agir.

A Psicologia comportamental tende a explicar as diferenças de conduta humana como sendo o produto do meio interagindo sobre o indivíduo e vice-versa.

Por que duas ou mais pessoas, gêmeos por exemplo, expostas a estímulos muito semelhantes tantas vezes em tudo, diferem no modo de ser?

O que faz a diferença?

Ela não pode ser determinada somente pelo corpo físico nem tampouco pelo ambiente ou pelas experiências às quais o homem foi exposto.

Ora, há então algo além do corpo e do meio a determinar nosso modo de ser?

Sim.

Nós, que temos tantas vezes receio de falar em espíritos, devemos nos conscientizar de que somos, em essência, espíritos, ou seja, individualidades inteligentes que governam as funções do corpo material.

Muito antes dessas conjecturas e de semelhantes demonstrações, René Descartes foi provavelmente o primeiro filósofo contemporâneo que descortinou este enigma ao proclamar em sua teoria dualista que o homem é formado de duas partes, o corpo e o espírito. Segundo ele, a conexão entre ambos seria mediada exatamente por um pequeno órgão, localizado no centro do cérebro, a glândula pineal, muito conhecida pelas filosofias orientais e tão pouco conhecida pelas ciências biológicas do Ocidente.

Somos portanto, espíritos.

Ainda hoje, quando se pronuncia a palavra espírito, se pensa em fantasmas, casas mal-assombradas e em acontecimentos "inexplicáveis" que sempre trazem medo e transtornos. Não se pensa nos espíritos do Bem que estão sempre por toda parte. Ainda que detenhamos o raciocínio nas casas mal-assombradas que efetivamente despertam muito nossa atenção, sempre verificaremos uma coerência, uma lógica na produção dos fenômenos - pancadas, vozes, passos...

Tudo isso tem um objetivo coerente que, na maioria dos casos, é afugentar as pessoas destes locais.

Ora, se são produzidos efeitos inteligentes, estes efeitos devem provir de uma causa igualmente inteligente, e apesar de os causadores serem invisíveis, eles existem e pensam.

Talvez até por todo o progresso tecnológico realizado, o ser humano tende a acreditar somente naquilo que vê, mas se esquece de que sua possibilidade de percepção do Universo é restrita a um espectro limitado de vibrações. Podemos tomar como exemplo o som. A ciência prova a existência de sons cujas ondulações vibratórias o ser humano não pode perceber, mas nem por isso deixam de existir.

Negar a existência do espírito seria como negar a existência da eletricidade. Nós não a vemos, porém sentimos seus efeitos em nossas vidas por fatos concretos todos os dias.

Os primeiros fenômenos que se manifestaram por pancadas e que viriam a desencadear uma série de outros para culminar com a Codificação Espírita, ocorreram numa casa em que as pessoas tiveram a iniciativa de conversar com o causador invisível, e dele foram obtidas respostas inteligentes e coerentes. A tal inteligência invisível identificou-se, tendo sido possível comprovar que esta individualidade vivera como homem encarnado, e continuava vivendo em algum lugar, para nós inacessível. Mantinha intactos seu intelecto, sua forma de ser e de sentir, e também a consciência de si mesma. Inúmeras comprovações desta natureza foram obtidas posteriormente, e a literatura espírita está repleta delas. Aí estão provas, não só da existência como da imortalidade do espírito.

Sim, o espírito é imortal.

Esta consoladora verdade a nós apresentada já fora anunciada por Jesus, que, mediante o entendimento possível para a época, prometia a ressurreição após a morte. O homem só podia entender e suportar a possibilidade, hoje absurda, de que alguém morto, pudesse voltar a viver no mesmo corpo que utilizara até então.

De alguma forma, os homens sempre acreditaram no prosseguimento da vida além-túmulo, como se pode identificar pelo comportamento e pela cultura das civilizações antigas. Isto é particularmente evidenciado pelos egípcios, cuja crença na imortalidade era tão absoluta que construíram pirâmides para que os faraós fossem sepultados com suas riquezas e servos, pois o Espírito ao prosseguir vivendo em algum lugar, haveria de precisar de ambos. Este é apenas um exemplo de como os homens tinham uma crença infantil acerca da imortalidade do espírito. E as crenças eram mais ou menos infantis e semelhantes em todas as civilizações.

A crença na imortalidade sempre existiu como algo inato ao ser humano.

Todas as religiões são espiritualistas, ou seja, acreditam que a alma após a morte prossegue vivendo de alguma forma em algum lugar. A presença em todos os tempos desta crença e da noção de imortalidade é seguramente a maior prova desta verdade.

O homem não morre.

O ser espiritual sobrevive à deterioração da matéria.

Onde encontrar um homem sem projeções?

Onde está o homem sem sonhos?

Se a Psicologia, a Psicanálise ou mesmo a Psiquiatria encontrassem apenas um exemplo, estaríamos diante de um fenômeno inexplicável e desafiador.

Sim, o homem sonha, o homem idealiza, o homem busca a felicidade incessantemente como se buscasse um paraíso inatingível, longínquo, difícil.

Todo homem tem esperanças.

E para onde vão todas elas, todos os sonhos, todas as idealizações, se acabássemos junto com o corpo?

Seria Deus sádico a ponto de permitir ao homem a possibilidade de projetar o futuro, imaginar um porvir fulgurante se esse futuro finca existisse?

E preciso pensar sobre isso se acreditamos que Deus é bom e justo.

O homem vive, luta, espera, sofre, alegra-se, cria laços emocionais durante a vida toda, e para onde iria tudo isso se acabássemos em pó?

De que serviria tudo isso?

Por que tanto gasto e energia?

Seria muito desalentador supor, por um momento sequer, que acabássemos no vazio do nada.

Quando um homem morre, o espírito que ali estava e animava aquele corpo, já não está mais presente, mas continua vivo, com as mesmas emoções, com a individualidade integral preservada.

Se assim não ocorresse, o que dizer dos povos de todos os tempos, desde os mais primitivos que acreditavam na sobrevivência dos antepassados?

De onde viria esta ideia se não de uma realidade que esses povos não sabiam explicar e que o Espiritismo veio mostrar claramente?

O espírito não morre jamais, e conserva-se como individualidade após o fenômeno da morte física. Verdade muito mais alentadora do que simplesmente saber que não se morre, é saber que se conserva a individualidade intacta.

Acreditam alguns que, ao deixar o corpo físico, nos integramos à Consciência Cósmica, como se fôssemos uma gota d'água no oceano. Sobreviver assim seria o mesmo que morrer. Seria o nada.

A Doutrina Espírita nos esclarece sobre o fato de que ao deixar o corpo físico pelo processo da morte, denominada desencarne, o ser espiritual prossegue vivendo de forma muito semelhante ao modo de vida que tinha quando encarnado. Que a morte é uma passagem, uma modificação de estado vibratório. E o despojar-se de um envoltório grosseiro, pesado, restritivo e nem por isso menos abençoado por nos facultar possibilidades infinitas de progresso e aperfeiçoamento.

Emmanuel nos ensina que o corpo não é mais que um amontoado de matéria densamente agregada sob o comando da alma e que a morte é somente uma modificação de estado físico. Mais ou menos como o gelo não deixa de ser água quando derretido e como a água não deixa de ser água quando evapora.

Os estados se modificam mas a essência se mantém.

Assim é a imortalidade do espírito.

A individualidade inteligente não se aniquila jamais.

Evolução

Evoluir é muito mais que desenvolver a forma.

É equipar-se de possibilidades para ascender aos planos superiores das conquistas pelo aperfeiçoamento das funções propiciadas à aquisição de novas experiências progressivamente mais enriquecedoras.

O princípio espiritual foi criado simples, ignorante e em íntima associação com a matéria.

Na medida em que o princípio espiritual evolui, evolui também a matéria, ou princípio material, jungida a ele desde os primórdios da Criação.

Charles Darwin foi altamente feliz por revolucionar a ciência revelando aos homens o fenômeno da evolução terrestre das espécies. Hoje sabemos que dos primeiros organismos unicelulares, desenvolveram-se mais e mais os seus descendentes até a hominização das formas. Sim, quando olhamos a escala filogenética de desenvolvimento das espécies, constatamos a beleza da Criação e a sapiência absoluta do Criador. No ser em desenvolvimento no útero materno dá-se a esplêndida recapitulação de todas as etapas do desenvolvimento das formas no planeta desde as mais elementares até a aquisição da condição de homem contemporâneo.

Há na Natureza dois princípios, o material e o espiritual.

O princípio espiritual preside a evolução do princípio material, e assim ambos evoluem.

Tudo na Natureza evolui, pois a Criação é dinâmica, vibrante, pujante e exuberante em transformações.

Se para o princípio material ocorrem fenômenos evolutivos conhecidos, para o princípio espiritual o mesmo se observa. Na medida em que evolui, o espírito se encontra progressivamente mais capacitado a realizações antes restritas. Concomitantemente, as formas vão sendo aperfeiçoadas e novas equipagens orgânicas vão sendo conquistadas e agregadas aos seres na face do planeta, pois nos primeiros tempos é na matéria essencialmente que se forjaram as competências primárias.

Com o ascender na escala filogenética, o espírito pouco a pouco se distancia da matéria, aparecendo cada vez mais como individualidade destacada e condutora do organismo físico. E por tal ocorrência que é bastante difícil para o homem encarnado atualmente, mesmo sob as luzes da Verdade Espírita, conceber que haja o princípio espiritual em organismos altamente rudimentares, muitas vezes sem mesmo a capacidade de locomoção.

Conforme o espírito evolui, adquire independência e passa a governar a forma orgânica de maneira mais e mais consciente.

No princípio há somente automatismos.

Mais adiante observa-se a beleza dos instintos como a Inteligência Divina a guiar os destinos do ser ainda impossibilitado de pensar por si mesmo.

Mais além, a razão surge como selo do homem primitivo. E o ser humano apresenta, então, duas possibilidades espetaculares que o distinguem dos outros animais: a razão e a capacidade de sentir Deus. Logo imediatamente ao surgimento da razão, aparece a noção, ainda primária, da responsabilidade. Está, aqui vencida a grande batalha, está ultrapassada a primeira grande etapa da evolução, ou seja, adquirir a condição de ser pensante, responsável e consciente da Força Divina.

A partir deste momento o espírito não está tão "materializado" como nos primeiros tempos da existência, encontra-se apegado à matéria somente porque teme vãos mais altos. Vindo de um longo período em que os impulsos e os instintos imperavam e se manifestavam essencialmente na matéria orgânica, tem agora dificuldades compreensíveis de sobrepor-se a ela pelo exercício da razão. Daí provém o temor da morte. A matéria se transforma com aparências de degeneração e o homem ainda não adquiriu consciência de si mesmo como espírito imortal em sua essência mais profunda, esta é a razão pela qual crê ser a morte o fim.

Eis a grande missão do Espiritismo na face da Terra - libertar as consciências dos atavismos evolutivos, conduzindo os homens a raciocínios maiores acerca dos próprios destinos.

Jesus reafirmou a assertiva "*sois deuses*"¹⁰!

Este ensinamento é claro, e está em acordo com a afirmação bíblica meramente simbólica de que o homem foi criado à imagem e à semelhança de Deus. Considerando nossas imperfeições, se não atentarmos para a realidade irrevogável da evolução que rege a Criação inteira, como imaginar que fomos criados à imagem e à semelhança de Deus? Foi por tal incapacidade de compreensão que o homem moldou Deus à sua imagem e à sua semelhança, ou seja, subverteu a ordem, elaborando a ideia de um Deus antropomórfico apenas como fruto de sua insipiência em compreender a transcendência desta verdade.

Sim, somos deuses!

Deuses no sentido de que fomos criados para d'Ele nos aproximar pela evolução incessante.

Deus para nós representa a perfeição absoluta, e é ao encontro da perfeição e do belo que caminhamos. Basta olhar para os primeiros seres vivos e para o próprio corpo físico, um prodígio de organização e beleza, e veremos a perfeição do Criador expressa na Criação das formas pacientemente elaboradas no infinito laboratório da Natureza ao longo dos milênios.

Olhemos também para nossa maneira de pensar e para nossa civilização.

Aprendemos a lidar com o fogo, conquistamos pelo menos em parte, o domínio da eletricidade, produzimos bombas e medicamentos.

Os antibióticos foram uma das maiores conquistas na área da saúde.

Hoje temos meios cada vez mais eficientes e menos agressivos para aumentar o período de sobrevivência do corpo humano.

As facilidades de comunicação eletrônica são absolutamente fantásticas.

As distâncias sobre o planeta foram eliminadas pelos recursos propiciados por satélites lançados em suas órbitas.

A gravidade foi vencida, aprendemos a dominá-la, e conhecendo o princípio de suas leis, viajamos pelo espaço para além dos limites do planeta.

Tudo isso representa em parte, a dicotomia entre espírito e matéria.

O espírito, ao evoluir, adquire domínio sobre a matéria e é precisamente o que estamos fazendo por meio da tecnologia, submetendo-a, a serviço da inteligência do espírito.

No entanto, isto não é tudo.

Estamos ainda longe do "*sois deuses*" pronunciado por Jesus.

Adquirimos muito na esfera intelectual e tecnológica, e deixamos a ética adormecida. Vivemos tempos difíceis em que a tecnologia a serviço de uma civilização hedonista pode significar grandes tragédias morais. O homem ainda se diverte nos campos do Senhor como criança distraída

¹⁰ (1) O Evangelista João, no capítulo 10, narra que Jesus passeava no templo, em Jerusalém, e precisamente no Pórtico de Salomão um grupo de judeus acercou-se dele para interrogar se ele era mesmo o Cristo. Ouvindo isso, ele afirma entre outras coisas "Eu e o Pai somos um". Nesse momento os judeus consideraram que ele blasfemava por tentar se igualar a Deus, e pretenderam atirar-lhe pedras, mas Jesus replica: "Não está escrito na vossa lei: Eu disse sois deuses?" (João, 10:34). Naquele momento Jesus se referia ao capítulo 6 do Salmo 82, em que se lê: "Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo"

com as peças de um brinquedo gigante que mal pode enxergar. Hoje, diante do estado de coisas, é imprescindível voltarmos os olhos à mensagem do Cristo. Falta-nos a vivência dos ensinamentos evangélicos, e a evolução racional sem a ética de Jesus é angústia anunciada.

Sim, somos deuses, carregamos a essência divina latente e para Ele nos encaminhamos desde o momento da Criação. E preciso sentirmos no íntimo a necessidade de desenvolver largamente as virtudes cristãs, pois sem elas não iremos a lugar algum, muito menos ascenderemos ao Pai.

Jesus é o Caminho da Verdade da Vida.

Dominar a matéria é muito mais que entender suas leis.

E sobrepor-se a ela.

E desapegar-se dela.

E depositar nossos valores muito além dela.

E sentirmo-nos espíritos criados por Deus e que a Ele retornaremos dignificados na forja das experiências enobrecedoras. O homem se aproximará muito do Pai, conquistará a perfeição relativa e em face dessas conquistas morais, dessa ascensão iluminativa, será capaz de transformar para melhor a feição do mundo.

Não esperemos a Nova Era vinda apenas do girar dos calendários.

A Nova Era, o Reino de Deus que Jesus vai implantar, está em nós.

O plano real da vida é o do sentir, o do pensar, melhor dizendo, a realidade única é a espiritual.

O material é meio, o espiritual é finalidade, é Verdade.

A planificação divina é tão sublime e perfeita que quanto mais o homem se aferra à matéria, e mais submerge em seus mistérios, mais reconhece que sua real origem não está nela, mas muito acima e além dela.

O homem caminha para Deus, e a tarefa do Cristo como a do Consolador Prometido é acelerar o processo evolutivo despertando-o do sono profundo em que permanece mergulhado.

E passado já o momento de acordar para as verdades superiores e para a sublimação dos propósitos.

Somos deuses! Viemos de Deus, com Ele caminhamos e a Ele retomaremos.

Reencarnação

A reencarnação é um instrumento de que se vale Deus para nos proporcionar a aquisição das experiências necessárias à evolução.

A reencarnação sempre foi objeto de estudo e meditação desde épocas imemoriais. Segundo Joanna de Angelis, *"a crença na reencarnação está tão arraigada na história do pensamento, que alguns arqueólogos acreditam que na Nova Idade da Pedra, aproximadamente 10.000 a 5.000 a.C. os cadáveres eram enterrados em posição fetal, afim de facilitar-se o próximo renascimento dos seres que os habitavam."* Na Antiguidade a reencarnação era entendida como ressurreição¹¹ por alguns povos, ou seja, acreditavam que fosse possível um espírito liberto do corpo pela morte, voltar a animar o mesmo corpo. Assim como a noção de Deus, de justiça e de responsabilidade eram primárias, também a noção da reencarnação era imperfeitamente compreendida.

Foi comum entre os povos primitivos a crença de que o espírito voltaria à Terra para cumprir novas etapas de vida, porém a reencarnação sempre foi vista como um castigo de Deus àqueles que não houvessem sabido direcionar suas vidas corretamente segundo os preceitos do Bem vigentes na época, para cada civilização.

Desta forma, a crença comum propagada às massas visando à dominação pelo medo, era a de que o indivíduo mau deveria voltar a viver na carne, porém em corpos deformados e eventualmente em formas animalizadas (metempsicose) como efeito punitivo pelos desmandos cometidos previamente. Havia um paralelismo entre o tipo de infração à Lei e o tipo de reencarnação, ou pelo menos o tipo de animal em cujo corpo, o homem deveria voltar a habitar como pagamento de seus débitos para com Deus. Aquele que para o Bem direcionou a vida, estaria isento de retornar a viver na Terra, devendo a partir de então habitar as paragens celestiais reservadas aos justos.

As noções muito antigas e atualmente inaceitáveis da metempsicose foram substituídas progressivamente.

O homem de bom-senso hoje rejeita a ideia de que se possa voltar a viver em corpos de animais, uma vez atingida a condição humana.

O Espiritismo nos mostra que o processo de evolução é contínuo e ascendente, isto é, uma vez adquirido um degrau evolutivo, não se retrocede.

Apesar disso, a ideia que ainda se tem da reencarnação é a de resgates dolorosos, de pagamentos de débitos antigos, ou seja, uma ideia ainda essencialmente punitiva, estática e associada a sofrimentos, para os quais não há espaço para a Misericórdia Divina.

Paira na mente humana ainda a noção de pecado e castigo.

Estudando a evolução podemos verificar, que as reencarnações são necessárias para que o homem adquira progressivamente experiências em todos os âmbitos da existência e possa conquistar a bagagem de conhecimento que um espírito perfeito e puro possui. A cada um segundo as suas obras, ou seja, nada nos é dado, tudo é conquistado pelo esforço próprio e pelo trabalho de auto-iluminação constantes.

Desta forma, a reencarnação é elemento necessário e indispensável ao progresso.

Poderíamos questionar: o homem não poderia progredir vivendo apenas no plano espiritual?

Certamente que se progride no plano espiritual, mas desde que o princípio espiritual foi criado simples, ignorante e intimamente associado à matéria densa tal qual a conhecemos na crosta do planeta, é necessário que aprenda primeiro a dela se desfaixar para, em etapas mais longínquas, poder ascender em associação com a matéria cada vez mais sutil e rarefeita. Por isso a reencarnação não é punição, mas uma alavanca natural de promoção do progresso espiritual.

A lei de ação e reação se manifesta nas múltiplas reencarnações do ser, como uma decorrência natural da Justiça Divina. Porém, não só na reencarnação se sofrem os efeitos desta lei. Basta o homem encarnado abusar de suas possibilidades orgânicas que sentirá seus reflexos no espaço de uma vida. Os mesmos efeitos podem ser sentidos após o desencarne, não sendo necessário que para vivenciá-la e senti-la o homem volte à carne com inibições e constrangimentos.

As diversas modalidades de existência que o mesmo espírito vivencia ao longo do tempo são basicamente meios de aprendizado. Considerando que, apesar de termos sido criados em igualdade, evoluímos em ritmos diferentes, é compreensível a desigualdade de experiências que se observa sobre a Terra e nisso nada há de injusto. É fruto de escolhas, do exercício do livre- arbítrio que se amplia mais e mais conforme evolui o ser.

E pela somatória de experiências vivenciadas que os espíritos vão modelando a personalidade e diferenciando-se uns dos outros na maneira de sentir e de se relacionar com o mundo.

Somente a ideia bem entendida e sentida da reencarnação pode dar ao homem a noção clara da Justiça Divina, assim como de Sua bondade inesgotável. O homem, como espírito imperfeito, ainda erra muito e tem as oportunidades necessárias de reparar erros mediante o processo reencarnatório.

A Terra é uma grande escola de almas que, lutando com as adversidades próprias à condição de espírito em processo de ascensão evolutiva, vão experimentando e aprendendo a transitar pela matéria, desapegando-se dela progressivamente. Os espíritos reencarnam inúmeras vezes e o período entre uma encarnação e outra é denominado erraticidade.

Ao reencarnarem na Terra, os espíritos não se lembram de suas vidas corporais passadas e isso é uma demonstração da misericórdia de Deus. Seria muito penoso para cada um de nós ter que vivenciar, por exemplo, experiências familiares com outros que foram seus inimigos, lembrando-se do passado.

Joanna de Angelis acentua a importância do esquecimento desse passado para que o indivíduo reencarnado estabeleça novos laços de afeição, não se restringindo a conviver exclusivamente com aqueles que saberia serem seus verdadeiros afetos. Se tais lembranças ocorressem, teríamos nosso livre-arbítrio tolhido por elas e não agiríamos conforme nossa tendência natural.

O esquecimento funciona como um modo de o espírito reencarnado dar livre curso às suas escolhas mediante suas inclinações íntimas, e não agir de forma determinada pelas contingências impostas por lembranças que poderiam definir padrões de comportamento.

Todos nós já observamos as disparidades entre encarnados sobre a Terra.

Somos muito diferentes uns dos outros quando nos detemos na observação de apenas uma existência, ou seja, da vida atual. Por outro lado, nos tomamos absolutamente parecidos quando pairamos acima desta vida pelo conhecimento da realidade reencarnatória, e procuramos enxergar o homem sob a perspectiva de sua romagem multimilenar através do tempo.

Todos, encarnados e desencarnados que vivemos na psicofera da crosta terrestre, temos igualmente as mesmas necessidades evolutivas e é por isso que ora reencarnamos numa posição, ora em outra, e nada há nisso de castigo divino.

Durante nossas peregrinações terrenas acumulamos conquistas positivas assim como dívidas e erros.

Mas se há os processos de resgate de experiências anteriores, igualmente há as imposições essencialmente inerentes à natureza daquele que ainda se encontra necessitado de nascer e renascer respirando no padrão evolutivo que lhe é peculiar.

Em cada renascimento na Terra há os percalços próprios à condição evolutiva do próprio planeta. A evolução é o resultado de conquistas, de esforços, de lutas, que podem ser entendidos também como formas de sofrimento pelo gasto de energia necessária à superação dos desafios

¹¹ (1) Ainda hoje, algumas religiões acreditam nisso.

naturais que a vida impõe.

Desde as primeiras passagens do princípio espiritual pela matéria, sempre houve sofrimento, e nos primórdios de sua Criação, o ser primitivo não estava resgatando quaisquer débitos, apenas lutava por ascender na escala evolutiva; sofrimento esse que chamamos de dor-evolução.

Certamente, um homem que nasce e vive em condições adversas precisa dessa experiência, independentemente do fato de estar ou não resgatando débitos, pois necessita aprender como é viver nessas condições.

Da mesma forma, aquele que é aquinhado com acúmulos de recursos materiais e intelectuais também precisa desta experiência para compreender como é viver sendo portador de tais possibilidades. Isto não significa que tal homem tenha sido rigorosamente bom em suas experiências anteriores. Pode significar somente que está tendo que aprender a arte de bem utilizar-se destes recursos.

Assim é a diversidade de condições em que os espíritos renascem sobre a Terra. Os planos de Deus estão muito acima da nossa capacidade de reflexão, e o Pai utiliza-se de nossas e o seu rosto resplandeciam como o Sol, e as suas vestes tomaram-se brancas como a lã e eis que lhes apareceram ^ Moisés e Elias, falando com ele.

(Mateus, 17: 2-3)

Comunicabilidade entre Encarnados e Desencarnados

A

Bíblia e os livros de História estão repletos de fatos aparentemente sobrenaturais, que à luz do conhecimento espírita facilmente

reconhecemos como fenômenos de comunicação entre encarnados e desencarnados, a que o Espiritismo denomina mediunidade.

Entre o povo hebreu foram abundantes os exemplos de semelhante intercâmbio, e era comum que os encarnados dotados de mediunidade recebessem do Alto as Revelações Divinas por essa via, embora nem desconfiassem da natureza dos mecanismos envolvidos.

Abraão fundou o Judaísmo após um pacto com Deus, em que Este lhe teria falado diretamente. Em outra ocasião, Abraão, tendo recebido ordens do Senhor, leva o único filho Isaac para ser sacrificado como testemunho de sua obediência e, no instante supremo, um anjo segura-lhe a mão e impede o sacrifício do filho amado dizendo: *"Abraão! Abraão! Não estendas a mão sobre o mancebo, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste teu filho, o teu único filho"*.

Moisés subiu ao monte e ficou em jejuns e orações para receber de Deus a Revelação que mais tarde ficou conhecida como os Dez Mandamentos. Os profetas hebreus foram médiuns.

A doce Maria, vendo um anjo, dele recebeu a revelação de que daria à luz o "Filho de Deus", no episódio conhecido como Anunciação.

Em outros povos também era comum a mediunidade, que aparecia em toda a face do planeta. Entre os gregos foram comuns os oráculos e pitonisas, seres dotados de possibilidades mediúnicas, que eram consultados para que os mais diversos assuntos pudessem ser decididos com maior segurança. Essas pessoas utilizavam-se da própria mediunidade sem mesmo saber o seu significado, e geralmente o faziam em proveito próprio, visando a lucros ou executando aquilo que os encarnados solicitavam, com o concurso ativo dos espíritos, muitas vezes inferiores.

Em algumas civilizações antigas, o intercâmbio com os desencarnados era reservado exclusivamente aos chamados iniciados e o assunto era tratado sob o véu do Ocultismo, sendo proibido ao povo comunicar-se com os desencarnados. Esta era uma prerrogativa exclusiva dos sacerdotes que usavam e fantasiavam o fenômeno mediúrico como forma de atemorizar o povo, detendo assim o controle.

Sócrates, um dos maiores filósofos do Ocidente, proclamava receber conselhos frequentemente de seu Daimon, que em grego significava demônio¹².

Jesus subiu ao monte Tabor e, em plena luz do dia, na presença de Pedro, Tiago e João, transfigurou-se e conversou com os espíritos Moisés e Elias, (que reencarnara como João Batista).

Os discípulos de Jesus, no Pentecostes receberam as línguas de fogo que os fizeram falar em outros idiomas, e isso foi um fenômeno mediúrico coletivo.

Era comum entre os primeiros cristãos a manifestação de espíritos benfeitores de forma muito natural durante as reuniões realizadas com o objetivo de estudar as lições do Mestre.

A conversão de Paulo de Tarso às portas de Damasco é mais um exemplo eloquente de mediunidade.

Não foram poucos os poetas, músicos, cientistas, filósofos de nosso tempo que reconheceram ser suas obras fruto de uma inspiração vinda do Alto.

Beethoven ao ser questionado sobre a forma como criava suas composições declarou: *"Tenho necessidade de viver só comigo mesmo. Sinto que Deus e os anjos estão mais próximos de mim, na minha arte, do que nos outros. Entro em comunhão com eles, sem temor. A música é o único acesso espiritual nas esferas superiores da inteligência."*

Mozart ainda, em carta a um amigo íntimo esclarece: *"Dizes que desejarias saber qual o meu modo de compor e que método sigo. Não te posso verdadeiramente dizer a esse respeito, senão o que se segue, porque eu mesmo nada sei e não mo posso explicar. Quando estou em boa disposição e inteiramente só, durante o meu passeio os pensamentos musicais me vêm com abundância. Ignoro donde procedem estes pensamentos e como me chegam; nisso não tem minha vontade a menor intervenção."*

Semelhantes relatos foram obtidos também de Puccini, Massenet, Haydn, Mendel e Chopin, que tinha visões e compôs seus Noturnos em completa escuridão, e de tantos outros inspirados como Dante e Shakespeare, em cujas obras há célebres cenas de aparições de desencarnados induzindo os encarnados a determinados atos.

Na intimidade do Catolicismo os fenômenos mediúnicos não foram menos frequentes. Muitos dos que hoje são declarados santos, foram quando encarnados vilipendiados, perseguidos, trucidados e queimados pelas autoridades eclesiásticas por serem acusados de heresia e feitiçaria. Estes heróis foram espíritos enviados por Jesus para tentar restabelecer a pureza, a simplicidade e o amor que desapareciam sob a tirania e ambição dos representantes da religião dominante com poderes organizados e hierarquizados.

Estes missionários foram médiuns como Joana d'Arc, a quem, segundo Léon Denis, sempre se deve citar quando desejamos buscar exemplos inolvidáveis de intervenção do mundo invisível em nossa História. Ela, que recebeu de seus detratores os rótulos de louca e histérica, foi uma modestíssima campônia com absoluta fé em Deus, e sua vida foi cheia de aparições e vozes. Vozes que nos vales de Domrémy, nos campos de batalha, perante seus arguidores de Poitiers e dos juizes de Ruão, sempre a assistiram e a inspiraram, ressoando-lhe aos ouvidos, e imprimindo à sua vida a direção precisa e um glorioso objetivo.

Haveria muito mais exemplos intermináveis, e como podemos ver, a mediunidade é uma faculdade inerente ao homem e não algo criado por Allan Kardec.

A Doutrina Espírita veio com a função de esclarecer os fenômenos de todos os tempos à luz da razão e alicerçada no conhecimento, desvestindo assim, não só a mediunidade, como tantos outros enigmas naturais, da roupagem do mistério e do sobrenatural. Além disso, o Espiritismo nos fornece as diretrizes seguras para o desempenho cristão da mediunidade.

Nos primeiros tempos, as comunicações eram espontâneas e os encarnados ouviam os espíritos os quais muitas vezes eram considerados

¹²(1) Na Grécia Antiga demônio não tinha a conotação daquilo que é mau; significava simplesmente gênio ou espírito.

divindades ou mesmo o próprio Deus. Depois, os homens começaram a fazer pactos com os espíritos e pedidos àqueles que se lhes apresentavam.

Com a vinda do Espiritismo, inaugurou-se o diálogo entre os encarnados e os desencarnados e Allan Kardec, pelas repetidas comunicações que presenciou, concluiu que existem diferentes categorias de espíritos assim como há pessoas muito diferentes umas das outras quando encarnadas.

O Espiritismo revelou ao homem que os espíritos não são nem divindades nem necessariamente sabedores de verdades que nós ignoramos, mas em sua maioria espíritos como nós, porém sem o organismo físico, que perderam por ocasião da morte.

Assim como todas as habilidades, a mediunidade é uma possibilidade humana que provém de Deus, e que deve ser exercitada com dignidade e ética cristãs sempre visando ao Bem e a auxiliar o próximo. Jamais se deve conspurcá-la servindo a interesses materiais, ou utilizando-se dela para causar prejuízos a outrem.

É pela mediunidade que recebemos informações do plano espiritual, nossa pátria verdadeira, e vamos desvendando enigmas que sempre intrigaram o homem. É necessário que tenhamos sempre uma postura digna perante a vida para que possamos sintonizar com os Benfeitores amigos para que deles recebamos advertências, conselhos proveitosos pela via da intuição, pois todos a temos e Deus se utiliza deles para se aproximar de nós e nos auxiliar em nossa viagem pelo plano terreno.

A interferência dos desencarnados sobre os encarnados é de tal forma intensa que os espíritos afirmaram a Allan Kardec: *"de ordinário eles vos dirigem"*. Todos temos algum grau de sensibilidade mediúnica que nos permite receber conselhos bons ou não, por meio da inspiração ou da intuição.

A natureza das influências espirituais que recebemos depende essencialmente da nossa natureza íntima, pela nossa forma de viver, elegemos nossas companhias por sintonia mental.

Jesus, atento à necessidade de se utilizar corretamente a mediunidade, afirmou: *"dai de graça o que de graça recebestes"*. Assim, o médium espírita é consciente de seu compromisso com a verdade e com Jesus, e não aceita retribuição financeira pelos auxílios que se produzem por seu intermédio. Sua única recompensa é a felicidade de servir como instrumento fiel, possibilitando o auxílio a desencarnados e encarnados em dificuldades.

O conteúdo da Doutrina Espírita foi transmitido a Allan Kardec por via mediúnica tendo ele agido com prudência e bom-senso sempre.

Contemporaneamente tivemos o exemplo vivo de Francisco Cândido Xavier, portador de mediunidade sem igual no Brasil, através da qual espalhou orientações e todo o tipo de ajuda, dentro dos princípios do mais profundo amor e abnegação. A postura de renúncia pessoal deste médium permitiu que hoje tivéssemos acesso a importantíssimas obras de cunho doutrinário, ditadas particularmente por Emmanuel e André Luiz.

Se quisermos entender com clareza a seriedade e a destinação maior da mediunidade, detenhamo-nos na dignidade, no senso de fraternidade e na disciplina deste médium, que dedicou a existência a espalhar luzes e consolação. Chico Xavier foi certamente um exemplo em que devemos nos espelhar, não só no aspecto mediúnico, mas sobretudo em seu exemplo de vida e espírito de serviço à causa do Cristo.

Não basta não fazer o mal, é preciso fazer o bem no limite de nossas forças, conforme nos ensinam os Benfeitores em *"O Livro dos Espíritos"*. Portanto, não basta declarar que não se utiliza a mediunidade para o mal, mas se dela nos utilizamos, é imperioso que seja para o Bem, e jamais usada para satisfazer interesses pessoais, nem vãs curiosidades ou então seria preferível que não a possuíssemos.

Ainda hoje existem pessoas que buscam médiuns no intuito de obter favores, conhecer o futuro e, eventualmente, o passado, tal qual se fazia antes de Cristo, no tempo dos oráculos. Tanto os médiuns quanto os interessados em tais favores responderão perante Deus pelo uso frívolo que fizeram desta possibilidade sublime, que é uma faculdade natural e, para ser utilizada com proveito, deve ser orientada e disciplinada.

É comum apresentarem-se no Centro Espírita criaturas aflitas em decorrência de mediunidade em desequilíbrio. Devem, antes de tudo, receber tratamento condizente com suas necessidades até que se reequilibrem e estudar a Doutrina Espírita, aprendendo sobre a mediunidade para que, se for oportuno e apropriado, possam, mais tarde, utilizar-se desta faculdade com segurança, responsabilidade, conhecimento e sobretudo com objetivos cristãos, isto é para serem instrumentos do Bem, e não com o objetivo primeiro de sentirem-se bem.

No livro *"No Invisível"* (1911), Léon Denis contextualizou a mediunidade e o concurso fraterno dos benfeitores da Humanidade ao longo dos tempos de forma sublime: *"... o fenômeno da mediunidade se patenteia em todas as épocas, fulgurando com intenso brilho, ora velado e obscurecido, conforme o estado de alma dos povos, jamais cessando de encaminhar a Humanidade em sua peregrinação terrestre. Todas as grandes obras são filhas do Além. Tudo o que há revolucionado o mundo do pensamento, aduzindo um progresso intelectual, nasceu de um sopro inspirador."*

"Na hierarquia das inteligências existe uma solidariedade magnífica. Uns aos outros se têm os grandes inspirados transmitido, através do longo rosário dos séculos, o farol da mediunidade reveladora e gloriosa."

Pluralidade dos Mundos Habitados

Assim como tudo evolui na Natureza, os seres vivos também evoluem individualmente, e o mesmo ocorre no âmbito coletivo para os diversos mundos do Universo, que é a "casa do Pai".

Os seres progredem ao longo do tempo, e formam coletividades mais ou menos evoluídas conforme seu grau de adiantamento moral e intelectual; assim também o tipo de mundo habitado é resultado do grau de evolução coletiva dos seres que o habitam.

Há infinitos mundos habitados na Criação Divina.

Os planetas se originam de explosões, e no início são um aglomerado amorfo e incandescente, que aos poucos sofre o resfriamento e a adequação necessários para que haja condições de habitabilidade por seres inicialmente primitivos que gradativamente progredem.

Quando nos referimos a mundos habitados pensamos em vida e em condições que a propiciem nesses locais. Porém é necessário entender que nem sempre a vida é como nós a conhecemos no planeta Terra. Podemos ter infinitas combinações de elementos da natureza na superfície dos planetas, e formas de vida que sequer podemos imaginar pela impossibilidade de detectá-las e de observá-las por nossos sentidos ainda limitados.

Allan Kardec classificou os diferentes tipos de mundos habitados da seguinte maneira:

1. Mundos primitivos.
2. Mundos de expiações e de provas.
3. Mundos regeneradores.
4. Mundos felizes.
5. Mundos celestes ou divinos.

Mundos Primitivos

Nos mundos primitivos o homem é ainda escravizado pela matéria, e sujeito às intempéries da Natureza. Gradualmente esse homem aprende a viver em sociedades cada vez mais organizadas, progride intelectualmente, e lentamente faz com que ocorram mudanças na feição do planeta.

Se tomarmos como exemplo a Terra, e sua história, verificaremos que um dia já foi mundo primitivo, quando em sua superfície habitavam seres altamente rudimentares que foram desaparecendo, originando descendentes diferenciados até que houvesse surgido o homem no cenário do planeta. Porém, o ser humano nos primórdios de sua existência era bastante grotesco, pensava com dificuldade, possuía um intelecto restrito e um livre-arbítrio limitado.

Mundos de Expições e Provas

A Terra já não é um mundo primitivo, mas um planeta de expiações e provas em que grandes descobertas científicas e grandes inventos foram responsáveis por um progresso tecnológico capaz de propiciar condições de conforto e bem-estar impensáveis para o homem primitivo.

Não obstante a fantástica evolução material e intelectual que se observa na face do planeta, há, paralelamente, significativa cota de dores particulares e coletivas, e de enormes catástrofes morais, porque o homem ainda não aprendeu a desenvolver a ética cristã. Vive neste planeta para aprender a saná-lo de todas as formas e mudar-lhe o perfil moral, trabalho gradativo e árduo, porque depende essencialmente de mudanças individuais.

Atualmente vivemos um momento de transformação em que a Terra se encontra em pleno período de transição de mundo de expiações e provas para mundo de regeneração. Ao lado de grandes e quase inacreditáveis compromissos morais, vemos surgirem grupos de Almas dedicadas a causas nobres, buscando pautar a existência por princípios de vida cada vez mais elevados. Isso indica evidências de que o planeta, num tempo relativamente breve,¹³ progredirá junto com seus habitantes, devendo ser, no futuro, o resultado do progresso da coletividade que aqui permanecer.

Mundo de Regeneração

Num mundo de regeneração há ainda sofrimentos, doenças, desequilíbrios, mas há uma característica diferencial: os homens que nele habitam são já conscientes de suas responsabilidades perante Deus, perante a natureza, e o Bem tende a sobrepor-se ao Mal.

O homem erra porque é ainda inexperiente para muitas coisas, mas busca imediatamente corrigir as faltas, substituindo enganos por iniciativas que visem à reparação dos males praticados.

A ciência tende a se desenvolver mais e mais e a ser aproveitada com bom-senso e equilíbrio porque a moral também já se desenvolveu mais.

A qualidade de vida tende a melhorar sensivelmente, pois iniciar-se-á efetivamente a mudança de valores, e os homens se reconhecerão como seres essencialmente espirituais, muito embora se revistam, quando encarnados, de um organismo físico ainda relativamente denso.

Nesses mundos o homem já aprendeu a amar mais intensamente em relação aos habitantes dos mundos de expiações e de provas.

A Humanidade é livre das paixões desordenadas, dos ódios e da inveja.

Conforme evoluem os mundos, a forma humana aparece cada vez mais bela e aperfeiçoada.

A Medicina tenderá a ser cada vez menos invasiva e cada vez mais sutil, entendendo o homem como um complexo bio-psico-energético; as intervenções curadoras visarão muito mais à cura do ser espiritual, governador desse complexo, do que à intervenção pura e simples no organismo físico.

Allan Kardec nos diz que nos mundos de regeneração surge a aurora da felicidade.

Mundos Felizes

A evolução não cessa, e um dia o planeta será composto por seres que lhe confirmam a característica de mundo feliz, em que pela postura de auxílio mútuo, pela vivência consciente dos ensinamentos divinos e pela profunda modificação interior que se haja observado, os sofrimentos decorrentes da lei de causa e efeito estarão praticamente substituídos por trabalho fraterno.

Num mundo feliz, não há doenças, não há flagelos morais e a preocupação essencial do homem é fazer o Bem, não por necessidade expiatória, mas por tendência natural.

Os homens entendem com muito maior clareza a necessidade de se elevar e louvar a Deus pela prática de ações cada vez mais nobres e úteis ao bem geral da comunidade.

As sociedades são muito mais justas, e suas leis se aproximam mais e mais das leis divinas ou naturais.

O processo de morte física não é acompanhado de tanta dor, e a transição de encarnado para estado de desencarnado se faz quase que automaticamente sem sofrimentos para que o espírito se readapte à nova condição, pois já vive uma vida espiritualizada e desprendida de valores

¹³ (1) a expressão "relativamente breve" deve ser realmente entendida como um período de tempo "curto" em relação à idade do planeta Terra (aproximadamente 4,5 bilhões de anos). Entretanto, este "curto período" pode representar centenas de anos.

materiais.

A matéria será dado seu exato valor, nem mais nem menos, e o apego a ela é nenhum, pois o homem é consciente de sua verdadeira realidade como espírito e de que seu patrimônio real são suas obras e seus sentimentos.

A Natureza é altamente valorizada como recurso advindo de Deus em favor de seus habitantes, não mais depredações, não mais destruições, porque aí o homem respeita com profunda veneração tudo aquilo que vive, que respira, que se move. Aprendeu a cultivar o belo e a viver em busca das belezas sublimes em todos os campos da vida.

A arte adquire destaque como manifestação elevada da alma sensível e inteligente.

O amor, o belo, a harmonia cósmica e a felicidade são sentidos com profundo respeito e gratidão a Deus.

Mundos Celestes ou Divinos

Num estágio mais elevado, temos os mundos celestes ou divinos, morada de espíritos de altíssimo grau evolutivo, e com conhecimentos intelectuais para nós ainda muito longínquos e difíceis de imaginar.

A matéria é extremamente sutil e delicada como se fosse inexistente para os nossos sentidos atuais. As necessidades nutritivas são mínimas e supridas por assimilação espontânea e passiva dos elementos da Natureza.

Os seres altamente conscientes da realidade cósmica e cada vez com mais condições de estar próximos de Deus são capazes de sentir a harmonia universal que há em tudo e podem transitar livremente pelo desejo expresso pelo pensamento.

Os espíritos dos mundos celestes podem ir aonde desejarem, nada lhes é impedido — são livres.

São mundos de felicidade suprema e constante, para nós ainda muito difícil de compreender. São planetas em que não há vida contemplativa, mas o trabalho é puramente mental e voltado às esferas de conhecimento superior, para nós ainda inimagináveis.

Os espíritos puros que aí habitam desenvolveram o amor incondicional que Jesus nos apresentou.

Há, num mesmo momento, inumeráveis planetas ou mundos habitados, e cada um com suas peculiaridades e em graus diferentes de evolução, assim como há uma diversidade quase infinita e gradual de estágios evolutivos na Criação, e, de acordo com os caracteres gerais, pode-se incluir a diversidade de mundos nas categorias apresentadas por Allan Kardec.

O espírito, desde sua criação, tem necessidade de habitar todas essas categorias de mundos, mas não necessariamente todos esses mundos, pois há uma infinidade de moradas semelhantes na Criação inteira.

Importante salientar que os espíritos encarnados num planeta não estão a ele indissociavelmente ligados. Embora isto não seja norma geral, alguns podem evoluir mais rapidamente que a maioria e, portanto, merecer prosseguir sua jornada em mundos superiores.

Por outro lado, se o ritmo evolutivo de um espírito é lento, este pode não acompanhar o progresso do planeta em que está encarnado, tendo que reencarnar num outro mundo mais compatível com seu estágio de evolução.

No momento atual, podemos entender em parte como se dá a evolução de um mundo como o nosso e dos seres que o habitam. Porém, não estamos no "ponto final" estamos ainda em processo ascensional.

Se nosso planeta é somente uma pequena província galáctica, se o Universo é incomensurável, e se nossa capacidade de percepção sensorial é tão limitada, por que não imaginar, primeiro, que há muitos outros mundos habitados e, segundo, que estes mundos também progredem?

Em cada mundo o caminho das primeiras células vivas, organizadas pelo princípio espiritual, até os organismos complexos como os nossos, certamente é muito diferente, mas a meta final é a mesma - a perfeição. Isso exemplifica em parte a afirmação de Allan Karde em "A Gênese": *"o Brasão do Universo não tem senão uma divisa: UNIDADE/VARIEDADE. Remontando à escala dos mundos, encontra-se a unidade de harmonia e de criação, ao mesmo tempo que uma variedade infinita neste imenso canteiro de estrelas."*

Nosso coração se entenece nas noites estreladas em que, observando os astros luminosos, e defrontando-nos com nossas dificuldades, sonhamos com as moradas superiores, onde reinem a paz, a felicidade e o amor. É fatal que no porvir tenhamos as condições para habitar semelhantes moradas, porém há muito ainda o que desenvolver dentro de nós para que o mereçamos.

Ninguém pode almejar desfrutar daquilo que não ajudou a construir. Um dia, depois de lutas milenares, habitaremos as moradas divinas, plenos de felicidade e, portando os tesouros que a traça não rói e que o ladrão não rouba.

Conforme Léon Denis, *"a vida material nada mais é do que uma passagem; a existência presente, um instante da eternidade, nossa morada um ponto na imensidade. O homem um átomo pensante e consciente sobre o globo que o transporta e mesmo este globo não passa de um átomo que rola no Universo sem limites. Nosso futuro, porém, é infinito, como o Universo, e os astros que brilham sobre as nossas cabeças compõem a nossa herança."*

PARTE III O Espírito, este desconhecido

Os Espíritos

Os espíritos são individualizações do princípio inteligente, criados por Deus.

Não são fragmentos da inteligência divina, mas a inteligência é atributo deles.

Em outras palavras, os espíritos são os seres inteligentes da Criação.

O princípio inteligente ou espiritual é criado em absoluta simplicidade e ignorância, termo esse que podemos entender como desconhecimento das coisas unicamente pela ausência de experiências, característica daquele que acaba de ser criado.

Quando nos referimos à individualização do princípio inteligente como o portador das potencialidades latentes que emanam de Deus e que deverão desenvolver-se conforme decorre a evolução, é razoável a analogia com a semente dos vegetais ou com o núcleo das células animais.

Ambos, embora diminutos e aparentemente insignificantes, encerram em si toda a informação que conferirá as características do futuro ser vivo após as etapas necessárias ao florescimento e à configuração última da forma e das propriedades intrínsecas de cada ser. O mesmo se pode dizer dos espíritos, que ao serem criados são como fagulhas, centelhas divinas contendo em si todas as potencialidades divinas que o Criador desejou, mas nem por isso são eles emanções ou partes de Deus. São sempre criaturas.

Com o progresso evolutivo, o princípio inteligente configura passo a passo a própria individualidade, passa por múltiplas etapas e incorpora parcelas de conhecimento, até que o entendamos como o espírito, capaz de animar o organismo complexo de um homem.

Os espíritos, ou seres inteligentes do Universo, podem apresentar-se sob duas formas: encarnados ou desencarnados.

Espíritos encarnados somos todos nós, habitantes da Terra e portadores de um corpo físico composto de matéria tangível para nossos sentidos e de um corpo fluídico invisível.

Há, entretanto, outra população de espíritos habitantes da Terra que são desencarnados e invisíveis aos nossos sentidos comuns. Costuma-se dizer que habitam um mundo diferente, à parte - o mundo dos espíritos que, embora invisível, é intimamente inter-relacionado com o plano terreno ou dos encarnados.

Os espíritos que compõem a população desencarnada também como nós são portadores de um corpo ainda material, porém fluídico, mais sutil e com propriedades que o tornam imperceptível aos nossos sentidos naturais, a menos que tenhamos sensibilidade mediúnica para tal. Allan Kardec designou este corpo fluídico pelo nome de perispírito.

Se os espíritos são individualizações do princípio inteligente, seu atributo essencial é a inteligência. Não importa o tipo de matéria a que esta inteligência esteja associada, será sempre a mesma inteligência. Esteja o espírito encarnado, portando o corpo físico, ou desencarnado, portando um corpo fluídico invisível, a inteligência que lhe caracteriza a existência não se altera.

Daí a conclusão lúcida de Allan Kardec de que assim como os homens diferem entre si em intelecto, moral e sentimentos, também os espíritos desencarnados diferem do mesmo modo em gradações que podem chegar ao infinito, pois cada um transita na atmosfera evolutiva que lhe é própria.

Deste modo, os espíritos foram agrupados em classes segundo suas semelhanças mais ou menos aproximadas, nada tendo essa classificação de absoluta nem de estática, porque o espírito evolui desde a criação e há infinitas gradações sutis entre as classes propostas.

Há, num dos extremos desta escala, os espíritos imperfeitos que ainda estão mais próximos do estado primitivo, e caracterizam-se por oscilações entre a luz e a treva.

No pólo oposto da escala evolutiva encontram-se os espíritos puros que estão bem próximos da perfeição.

Entre estas duas ordens situam-se os espíritos bons, nos quais o Bem predomina sobre o Mal e os valores espirituais sobrepujam os materiais. Eles estão mais ou menos na mesma faixa evolutiva, com padrões de comportamento e sentimentos relativamente semelhantes. Uns são inclinados às ciências, outros às qualidades do coração e alguns reúnem já a sabedoria, o amor e a bondade em alto grau.

Cada uma das ordens mencionadas possui subdivisões que se encontram detalhadas no capítulo I denominado "Dos Espíritos", do livro n.º 10 *Livro dos Espíritos*.

Todas as possibilidades do espírito desencarnado dependem essencialmente de seu grau evolutivo.

O domínio que têm sobre a matéria, as percepções, as lembranças, a consciência de si mesmos, os conhecimentos acerca da Criação, a capacidade de locomover-se e o alcance das emanções mentais (pensamentos), entre outras possibilidades dependem das conquistas evolutivas que o espírito tenha obtido.

E um erro acreditar-se que os espíritos tudo sabem, tudo veem e nada lhes é impedido, pois muitas vezes eles não veem nem sabem mais que os próprios encarnados, e alguns sabem menos.

Nem todos podem se transportar de um lugar para outro pela vontade consciente ou pelo simples pensamento.

Para alguns, pouco evoluídos, a matéria densa representa obstáculo, pois não dominam a habilidade de transpô-la simplesmente pela vontade.

No mundo espiritual se veem e se reconhecem porque o fluído de que seus corpos se compõem é semelhante entre si. Possuem um corpo fluídico que é matéria relativamente sutil e imperceptível para nós, mas que para eles é tão concreta, palpável, tangível, quanto a matéria de que é composto o mundo dos encarnados.

Há também variações na composição da matéria do plano espiritual, de forma que os imperfeitos normalmente não percebem a presença dos puros, assim como também a maioria dos encarnados não enxerga os desencarnados.

Geralmente, os corpos fluídicos dos desencarnados possuem alta semelhança com o corpo físico que tinham quando encarnados sobre a Terra, e habitualmente ostentam a aparência da última encarnação.

Não podem dividir-se e estar em dois lugares ao mesmo tempo. Isso é impossível e ilógico.

Assim, a ubiquidade, ou capacidade de um mesmo espírito estar em dois ou mais lugares ao mesmo tempo, refere-se ao fato de que os espíritos irradiam seu pensamento e suas percepções de forma mais ou menos ampla dependendo do progresso realizado.

Os mais próximos da perfeição possuem uma altíssima abrangência de irradiação do pensamento, e podem, desta forma, emitir raios mentais em diversas direções para diversos pontos do Globo. Essas emissões mentais podem ser captadas em forma de percepções mediúnicas variadas por encarnados situados em diferentes pontos do planeta.

Um bom exemplo dessa capacidade de irradiação é o Sol.

Ao considerar a rotação da Terra e tomar como ponto de referência o local onde se está, pode-se observar que quanto mais ele se eleva, maior amplitude de lugares recebe seus raios, pois sua capacidade de irradiação é realmente intensa. Embora o Sol lance seus raios para numerosos pontos do Globo, podendo seus efeitos ser sentidos por uma vasta multidão, continua sendo único.

Por outro lado, espíritos, ainda iniciando sua romagem evolutiva nos campos da consciência e do conhecimento, podem irradiar seus pensamentos somente a um círculo restrito e limitado. Não podem estar pelo pensamento em vários lugares, porque o domínio sobre os próprios

pensamentos é bastante pequeno ainda, como também ocorre com os encarnados no planeta, cujos pensamentos fogem frequentemente ao controle e dificilmente são direcionados com sucesso para um fim desejado.

Não há na Criação seres dotados desde o princípio de atributos celestiais, estes precisam ser desenvolvidos e exercitados nas vivências progressivas em contato com a matéria.

A doutrina dos anjos e demônios como seres estáticos dedicados ao Bem ou Mal não tem sentido, se todos viemos de Deus que é justo e bom. Ele não poderia ter criado seres devotados ao Mal e ao crime para sempre.

Criou-nos inexperientes e ignorantes.

O Mal decorre das experiências mal conduzidas pela ignorância, sendo portanto, um desequilíbrio transitório do ser.

Na Natureza, toda instabilidade, todo desequilíbrio é passageiro; e por consequência, o Bem é o estado natural a que tendem todos os seres, sem exceção.

Sendo os espíritos imortais, podem estagiar na inferioridade por longos períodos, mas nenhum fica estagnado para sempre.

Todos lenta ou rapidamente, pelo uso exclusivo do livre - arbítrio, aprendem a trilhar os caminhos do Bem.

Os Fluidos

O

espírito interage incessantemente com o princípio material e para que se entendam melhor as coisas espirituais, é imprescindível

que se conheçam também aspectos da matéria, pois tanto o espírito quanto a matéria em conjugação harmônica integram a Criação, conforme elucidada Kardec "Do mesmo modo que a ciência, propriamente dita, tem por objetivo o estudo das leis do princípio material, o objetivo específico do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, que reage, necessariamente, sobre o princípio material, e reciprocamente, disso resulta que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro... O Espiritismo e a ciência se complementam um pelo outro".

A Terra é rica em formas, em cores, e nela são exuberantes os mais diversos tipos de combinações do princípio material. "Todas as substâncias, por mais dessemelhantes que pareçam não são mais do que modos diversos sob os quais a matéria se apresenta" (Allan Kardec). Perante as marcantes diferenças de aparência e de propriedades da matéria que compõe a identidade planetária, os homens buscaram entender-lhe as características desde a Antiguidade.

Impelido à observação acerca da variabilidade de aparências da matéria na Natureza, Aristóteles, que viveu de 384 a 322 a.C, formulou a hipótese de que os diferentes aspectos da matéria decorrem do fato de esta originar-se de quatro elementos primitivos, a terra, a água, o ar e o fogo.

Para os alquimistas, os elementos fundamentais que compunham a matéria eram três: o enxofre, o sal e o mercúrio.

Com o progresso das observações e o surgimento da ciência moderna, ainda em fase primária de "organização", o homem passou a suspeitar que a matéria possivelmente se originasse de um único elemento do qual derivariam todas as modificações possíveis.

Dessa forma iniciou-se a busca da menor partícula indivisível da matéria.

As pesquisas incessantes revelaram que as substâncias eram formadas por misturas de moléculas, as quais poderiam ser complexas ou elementares como os denominados corpos simples (oxigênio, hidrogênio, carbono, azoto, ouro, zinco, cobre).

As moléculas são compostas por combinações de átomos, que foram considerados no passado a menor partícula da matéria. Posteriormente verificou-se que também os átomos eram constituídos de partículas ainda menores, os prótons, os nêutrons, os elétrons e outros.

Assim, as investigações avançaram e modernamente chegou-se ao conceito de quanta ou campos quânticos como sendo a partícula fundamental da matéria, ou seja, "pacotinhos" de energia que, dependendo das condições de excitação, podem originar a matéria ou vice-versa.

Na atualidade, a matéria tem sido tão estudada que se chegou ao conhecimento de que ela, em seu estado fundamental, pode ser simplesmente energia. De acordo com Emmanuel, na introdução do livro "Nos domínios da Mediunidade", "Químicos e físicos, geômetras e matemáticos, erguidos à condição de investigadores da verdade, são hoje, sem o desejarem, sacerdotes do Espírito, porque, como consequência de seus porfiados estudos, o materialismo e o ateísmo são compelidos a desaparecerem, por falta de matéria, a base que lhes assegura as especulações negativistas".

A ciência moderna mostrou a verdade sobre os elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de um único elemento ou partícula fundamental de que se originam todas as modulações, combinações e transformações da matéria existente no Universo.

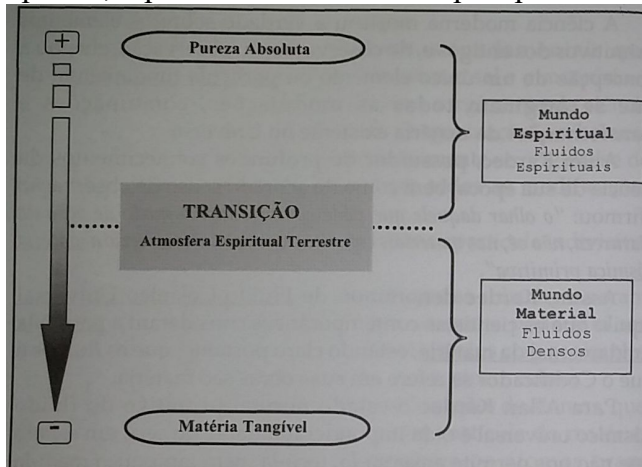
Allan Kardec, possuidor de profundos conhecimentos da ciência de sua época, bem como de acurado senso de observação afirmou: "o olhar daquele que pôde compreender o modo de ação da Natureza, não vê, nos materiais constitutivos do mundo, senão a matéria cósmica primitiva".

Assim, Kardec denominou de Fluido Cósmico Universal aquilo que os cientistas contemporâneos consideram a partícula fundamental da matéria, estando claro portanto, que os fluidos a que o Codificador se refere em suas obras são matéria.

Para Allan Kardec o estado normal primitivo do fluido cósmico universal é o da imponderabilidade, ou seja, um estado que não nos permite enxergá-la, tocá-la, nem tampouco medi-la por meio de nossos sentidos naturais.

O fluido cósmico universal sofre infinitas combinações e arranjos de forma a originar tudo o que conhecemos como matéria, inclusive a matéria tangível para os nossos sentidos físicos. Afirmou o codificador: "o ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, de que nada nos pode dar uma ideia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível."

Partindo dessa afirmação, podemos conceber a figura que segue para representar os infinitos graus de modificação da matéria, entre os opostos, representados de um lado pela pureza absoluta e de outro pela matéria tangível.



Se partirmos do ponto de origem representado pelo fluido cósmico universal em grau absoluto de pureza e intangibilidade e nos dirigirmos

para o ponto de adensamento¹⁴ máximo que este fluido pode atingir, adquirindo as características de matéria densa, ponderável, verificaremos nessa trajetória, múltiplas combinações e transformações. Podemos, por meio de uma linha divisória imaginária, separar os fluidos imponderáveis aos sentidos humanos daqueles que identificamos como matéria propriamente dita.

Os fluidos modificados podem ser agrupados como pertencentes respectivamente ao mundo Espiritual e ao mundo Material.

Os fluidos do mundo espiritual são matéria sutil e delicada, imperceptível aos nossos sentidos, por outro lado, os fluidos grosseiros cujo arranjo lhes confere o aspecto denso são aqueles que conhecemos com o nome de matéria propriamente dita.

Allan Kardec utiliza-se da expressão "fluidos espirituais" ao se referir às combinações sutis do fluido cósmico universal que predominam e caracterizam a dimensão espiritual, porém nos orienta claramente que esta expressão não é rigorosamente exata porque *"fluido é sempre matéria"*, e os fluidos espirituais foram assim denominados *"unicamente por representarem a matéria do mundo espiritual"*.

Analisando o gráfico anterior de baixo para cima, encontramos na parte inferior a Terra e sua composição densa conhecida como mundo material. À medida que subimos podemos estabelecer uma escala progressiva de rarefação ou "desmaterialização" dos fluidos combinados até adentrarmos os domínios dos fluidos sutis, invisíveis e altamente plásticos, que compõem o mundo espiritual.

Foi isto que Kardec expressou pela analogia: *"A Terra é como um vaso de onde escapa uma fumaça espessa, que se clareia à medida que se eleva, e cujas partes rarefeitas se perdem no espaço infinito"*.

Não obstante separarmos os dois mundos, material e espiritual, por finalidades meramente didáticas, pois ambos são intimamente inter-relacionados, verificamos com facilidade que não é possível traçar uma linha divisória nítida entre ambos. O que há em realidade, ao invés de uma linha demarcatória, é uma faixa de fluidos que se pode considerar como zona de transição. Há nela fluidos espirituais muito próximos da materialidade e que ainda assim são imponderáveis, e segundo Allan Kardec, são estes que *"compõem o que se pode chamar de atmosfera espiritual terrestre"*.

Portanto, quando tomamos conhecimento de que estamos imersos em fluidos, é preciso sempre considerar que são eles fluidos espirituais com um relativo grau de densidade ou "materialidade". Segundo Allan Kardec *"Estes fluidos, por sutis e impalpáveis que sejam para nós, não são menos de uma natureza grosseira, comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores"*, ou seja, os fluidos espirituais tanto quanto a matéria terrena também podem variar em composição, arranjo espacial e densidade, de forma que suas propriedades variem ao infinito.

Quando nos referirmos a fluidos espirituais não estamos necessariamente nos referindo a fluidos particularmente sutis ou puros, mas a fluidos sutis e imponderáveis para os nossos sentidos físicos limitados.

Embora os fluidos espirituais sejam imperceptíveis ao homem encarnado, ainda assim, são matéria, o que é reafirmado por Léon Denis *"a matéria, tornada invisível, imponderável, se encontra sob formas cada vez mais sutis, denominadas fluidos. A medida que se rarefaz, adquire novas propriedades e uma capacidade de irradiação sempre crescente; torna-se uma das formas de energia"*.

"O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido | cósmico; é uma condensação desse fluido ao redor de um foco de inteligência ou alma."

Allan Kardec

O Perispírito

O

perispírito é uma das modificações mais especiais do I fluido cósmico universal.

É o corpo material dos espíritos desencarnados.

É fluídico, e portanto sutil, intangível, e imponderável aos sentidos físicos dos encarnados na Terra.

Não obstante, ser altamente sutil e imperceptível aos nossos sentidos naturais, o perispírito é relativamente grosseiro quando comparado com os fluidos e os corpos fluídicos de regiões espiritualmente superiores à psicofera terrestre.

Conforme Allan Kardec, o espírito é um foco de energia que condensa ao redor de si os fluidos e constitui o seu perispírito em conformidade com os elementos fluídicos que compõem os diferentes mundos.

Os fluidos espirituais compõem a paisagem do mundo espiritual e o perispírito sendo da mesma natureza, ou seja, fluídico, faz com que o Espírito desencarnado possa interagir com a matéria desse mundo, tanto quanto os encarnados interagem com a matéria densa por meio do corpo físico tangível e perecível.

Para o espírito desencarnado, o perispírito é tão tangível quanto era o corpo físico antes do desencarne.

O perispírito é fluídico e por isso passível de sofrer modificações mediante a influência dos pensamentos do espírito. Já afirmara o Codificador que *"os espíritos atuam sobre os fluidos espirituais não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade"*.

As propriedades, a forma e aspecto do perispírito, que é plástico, são moldados pelo pensamento, seja este consciente ou inconsciente.

Normalmente o perispírito do desencarnado guarda profundas semelhanças com o corpo físico da encarnação precedente por fixação mental nas formas e nas funções que aquele possuía. Assim, um homem encarnado vive por longos anos afeito àquelas formas físicas que lhe caracterizavam externamente a individualidade, e naturalmente, ao desencarnar continua automaticamente preso aos mesmos condicionamentos mentais, mantendo o perispírito em conformidade com o corpo físico que possuía, pois as ondas mentais emitidas pelo desencarnado assim o determinam.

Os espíritos desencarnados, evoluídos o suficiente para libertar a própria mente dos automatismos, podem dar ao perispírito a aparência que desejarem, e muitos não ostentam a aparência perispiritual semelhante à aparência física da última encarnação, mas escolhem aquela que mais lhes agrada ou com a qual mais se identificam psicoemocionalmente.

Por outro lado, espíritos fixados em traumas encarnatórios como doenças de longo curso ou mesmo em situações que determinaram o desencarne, por estarem com a mente presa àquele acontecimento, acabam por modificar o perispírito, que é altamente sensível à ação do pensamento. Portanto, se um espírito se sente mentalmente doente ou andrajoso, esta será a sua aparência perispiritual.

O perispírito, tanto quanto o corpo físico, é uma expressão da individualidade inteligente, ou seja, do espírito.

Os espíritos desencarnados reconhecem-se uns aos outros graças à existência do perispírito.

Assim como os fluidos, os envoltórios perispirituais podem variar ao infinito em "combinações" moleculares. Um espírito superior possui o perispírito altamente sutil e imponderável, não só para os encarnados mas também para os desencarnados na nossa faixa evolutiva/vibratória. Dessa maneira, nem todos os espíritos se veem mutuamente no mundo espiritual, pois os menos evoluídos têm dificuldades para sentir e ver o corpo fluídico dos espíritos portadores de princípios santificantes.

O perispírito, guiado pelo espírito no processo reencarnatório, funciona como modelo organizador biológico, ou seja, traz em si as

¹⁴(1) As expressões ADENSAMENTO e DENSO são empregadas com a finalidade de facilitar o entendimento, pois a simples modificação do arranjo espacial de uma molécula pode determinar diferentes propriedades materiais como a variação da dureza observada entre o grafite e o diamante, não obstante terem ambos a mesma fórmula molecular.

características que personificam a individualidade espiritual e induz as células do embrião a adquirirem conformações que se lhes assemelhem, pelo menos nos caracteres funcionais mais importantes e necessários ao processo evolutivo do reencarnante. Obviamente, são respeitados os ascendentes genéticos, que presidem a organização das formas físicas.

Assim, o perispírito associado ao espírito antes da encarnação e que, por determinação dele, presidiu a organização do corpo físico, continua presente no homem encarnado.

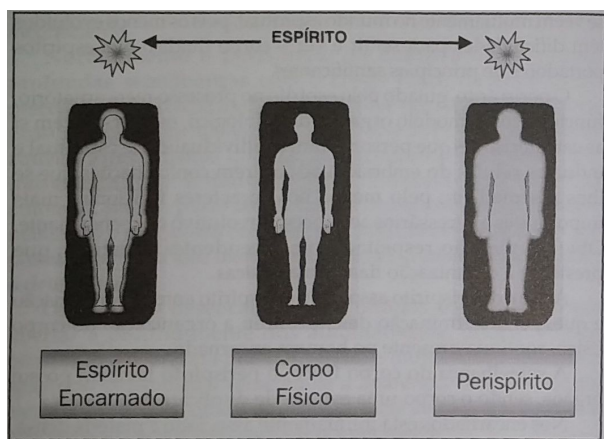
A semelhança do corpo físico, o perispírito também possui órgãos, sendo o corpo uma espécie de duplicata dele.

Nos encarnados está intimamente associado à matéria densa, molécula a molécula, e não encerrado no interior do corpo físico, assim como o espírito também não está aprisionado dentro do perispírito e nem do corpo, mas preside-lhes todas as funções.

E o laço entre a matéria e o espírito, ou seja, é o condutor das sensações da matéria para o espírito assim como recebe o pensamento e os desejos do espírito e os transmite para o corpo físico de matéria densa.

O perispírito é pois, susceptível de receber estímulos da matéria densa e do espírito, sendo o intermediário que torna possível a interação entre ambos.

É certo, então, que o homem encarnado possui um perispírito que o acompanha por toda a encarnação, e após a desencarnação prossegue com este corpo fluídico que possibilita sua identificação bem como suas relações no plano espiritual invisível aos nossos olhos mortais.



Quando o corpo físico envelhece, degenera e deixa de ter as condições para propiciar a vida ao espírito encarnado. O corpo físico, obedecendo às leis biológicas da eterna transformação, é devolvido à Terra que o emprestou. O ser inteligente prossegue no mundo espiritual ostentando um corpo fluídico, que se ilumina e sutiliza à medida que adquire virtudes e princípios nobilitantes que devem conduzi-lo às paragens celestiais onde reinam a beleza, o amor e a felicidade, conforme a belíssima alegoria da roupa nupcial contida na parábola do festim de bodas.

PARTE IV Nascer, morrer... Renascer ainda, mas onde?

Encarnação dos Espíritos

A encarnação tem por finalidade conduzir os espíritos à I perfeição.

O espírito deve reencarnar para assumir a parte que lhe cabe na obra da Criação, trabalhando pela própria evolução e pela evolução da coletividade junto à qual vive, colaborando desta forma para o progresso comum.

O homem precisa reencarnar e é, progredindo passo a passo em contato com a matéria, que aprende o necessário para um dia dominá-la, conhecê-la profundamente e atribuir-lhe o justo valor.

Para uns, a reencarnação é um mecanismo automático de atração por afinidade vibratória com a futura genitora e, conseqüentemente, de ligação fluídica do espírito ao embrião que se forma mediante o processo da concepção.

Não há para os pouco evoluídos necessidade de planejamentos, delineamentos genéticos complexos além dos que a Natureza por si já propicia. A reencarnação para estes processa-se como se fossem sementes que deitadas ao solo germinam e florescem pelo automatismo das leis biológicas. Muitos nesta condição nem sequer têm consciência do processo reencarnatório. Encarnam e desencarnam sucessivamente sem se aperceberem propriamente dos fatos.

Para quem muito precisa aprender, toda experiência é abençoada.

À medida que o espírito adquire conhecimento e ascende na marcha evolutiva, faz-se necessário e útil um planejamento mais detalhado, não só do organismo físico que irá animar, mas também das atividades que deverá desempenhar na futura encarnação. Isto, é particularmente aplicável àqueles que deverão trabalhar para o bem de coletividades ou em profissões que requeiram habilidades específicas.

Quanto mais evoluído o ser, mais amplos cuidados e planejamentos são despendidos, visando ao detalhamento da encarnação próxima. Em muitos casos há espíritos especializados nesse trabalho, auxiliando o reencarnante a escolher um organismo físico compatível com suas necessidades evolutivas.

Os benfeitores orientam e aconselham o reencarnante na escolha da natureza e da intensidade dos desafios reencarnatórios que deverá enfrentar, para que aumentem as possibilidades de êxito, já que nenhuma reencarnação é fadada ao fracasso nem ao Mal. Espíritos altamente diferenciados são capazes de realizar este trabalho por si mesmos.

Os espíritos superiores supervisionam todas as reencarnações, mesmo aquelas inicialmente citadas, que obedecem ao puro automatismo.

O espírito pressente a necessidade de reencarnar tanto quanto o homem encarnado pressente e conhece a necessidade da desencarnação. Os que são imperfeitos ainda, porém não mais embrutecidos nem primitivos, ao sentir que devem retomar ao plano material, são auxiliados pelos benfeitores espirituais que os aproximam dos futuros pais.

Usualmente durante o desprendimento noturno, proporcionado pelo sono reparador, há entre o reencarnante e os futuros pais vários encontros. Estes visam à adequação das condições emocionais para que o candidato à reencarnação possa ser recebido da melhor forma no novo lar. É no aconchego da família que deverá haurir o amor e os cuidados naturais dedicados aos pequeninos, bem como receber a orientação e a educação que dependerão dos princípios vigentes no ambiente familiar em que renascerá.

O espírito reencarnante sente-se fatalmente atraído, por afinidades vibratórias para a futura mãe ou pai, e a eles se liga pelo amor ou pela necessidade do reajuste, aguardando o momento aprazado para que seus olhos possam de novo contemplar a Terra, por meio de um novo corpo que a Natureza lhe empresta, atendendo ao imperativo superior da evolução.

Já aproximado dos futuros pais, após a concepção, liga-se ao ovo recém-fecundado, que inicia as primeiras divisões para que em breve venha a ser uma criança.

A elaboração progressiva das formas obedece às leis biológicas da Genética, sendo governada em instância superior pelo reencarnante que modela o perispírito e este por sua vez compõe e organiza as sutilezas dos limites e das funções delicadas do vaso físico. Por isto o perispírito é denominado modelo organizador biológico, regido sempre, entretanto, pela ação mental do espírito.

Em geral, no processo reencarnatório, o espírito passa a sentir-se progressivamente confuso e o esquecimento de si mesmo avança conforme evolui a gravidez, até que o novo corpo venha à luz, e o espírito a ele ligado, ainda não completamente, quase nada mais lembra de si mesmo.

Conforme se desenvolve o corpo, o espírito em harmonia com organismo físico, readquire progressivamente a consciência de sua personalidade, que se mescla com os princípios educativos que passou a receber no lar.

A encarnação efetivamente só se completa por volta dos sete anos de idade, quando o espírito se encontra completamente integrado ao novo corpo, porém esquecido de seu passado de espírito imortal.

Logo nos primeiros anos, a criança biológica, regida pela consciência fragmentária da individualidade espiritual reencarnada, vai demonstrando tendências e pendores que, se bons, devem ser reforçados e se indesejáveis, neutralizados pelo exemplo contrário e pela educação firme e amorosa dos pais — os guardiões temporários deste filho de Deus.

Os pais deste ser milenar que acalentam nos braços, têm a oportunidade bendita de auxiliar Jesus, na implantação do Reino de Deus na Terra, ensinando ao reencarnante os princípios da ética cristã.

Por sua vez, aquele que reencarna aguardou longamente a oportunidade nova, e a Doutrina Consoladora nos esclarece que nos encontramos nos círculos afetivos que melhor possam ambientar nosso progresso, bem como ostentamos o organismo físico que nos é mais vantajoso mediante os nossos próprios desejos e necessidades. Inútil, portanto, quando reencarnado, desejar ser outro, possuir outra vida, outra parentela, ou mesmo a beleza física quando não a possuímos. Temos tudo aquilo de que precisamos, e Deus não seria justo se, estabelecendo a necessidade de evoluir, não nos oferecesse as condições e os meios ideais para isso.

O véu da carne tolda nossas lembranças, obscurece o passado, limita nossas percepções, restringe nossas possibilidades, mas traz-nos a bênção do recomeço sem mágoas, desde os primeiros dias, quando os encarnados misericordiosamente iludidos e amparados pela Providência nos contemplam com doçura infinita.

Os corações se enternecem ante a pequena criatura que acaba de nascer, pura, inocente e dependente, cuja identidade espiritual e cuja natureza real dos vínculos que dela nos aproximaram, nos são totalmente desconhecidas.

Bendita Natureza que permite tão proveitoso ocultamento!

Benditas as Leis do Criador que nos permitem nascer e renascer, para aprender a redirecionar emoções antigas, trilhando velhos caminhos com novas disposições.

Laços de Família

A família é o nicho abençoado em que reencarnamos para cumprir a tarefa que nos cabe junto à Criação Divina no trabalho incessante de nos harmonizarmos com as Leis.

O convívio social entre encarnados imperfeitos como nós representa sempre uma dualidade alternada de momentos felizes e de profundo descontentamento, nos quais participamos sempre como elementos ativos, jamais sendo vítimas daqueles que supomos perturbarem nossos momentos de tranquilidade.

Na família, este convívio é intenso e sistemático, e se há igualmente os grandiosos momentos de satisfação mútua, há também aqueles em que as dificuldades assumem proporções quase intransponíveis e nos julgamos fracos, vitimados, e dispostos a desertar dos compromissos assumidos por falta de coragem.

Não raro, deixamos a família que ajudamos a construir e partimos para outros caminhos na busca da felicidade. Se fôssemos minimamente lúcidos, perceberíamos que, se queremos encontrar o caminho da felicidade sem máculas, deveremos permanecer exatamente onde estamos. Simplesmente porque estamos no tempo e lugar que melhor atendem às nossas necessidades evolutivas e situados onde possamos com mais proveito redirecionar nossos atos com base no Etemo Bem.

A Doutrina Espírita nos esclarece que há duas categorias de famílias.

As famílias espirituais e as famílias materiais.

Os únicos laços que unem os membros da primeira são a simpatia, o amor, as tendências semelhantes, a consonância de propósitos. Consequentemente é muito gratificante conviver quando encarnados com indivíduos que fazem parte da nossa família espiritual. São muitas vezes os amigos com quem nos afinamos muito mais do que com um irmão consanguíneo. São aqueles seres que não integram necessariamente a nossa parentela, mas nos quais identificamos uma profunda reciprocidade em todos os aspectos da vida.

Há por outro lado as famílias consanguíneas na Terra, ou seja, os núcleos de espíritos encarnados que renascem no mesmo lar para juntos cumprirem os planos reencarnatórios.

Os espíritos em geral caminham ao longo da trajetória evolutiva percorrendo a escuridão da própria ignorância, e, portanto, errando como resultado. Nessa trajetória, deixamos oportunidades para trás, malbaratamos os sentimentos alheios, abusamos de afetos, banalizamos os sentimentos mais caros daqueles que conosco conviveram e que por consequência de nossa dureza, resvalaram pelas sombras do desespero, do desamparo e da agonia. Estes seres ficam ligados a nós pelas algemas vibratórias da dor. Um dia, quando a oportunidade se faz, voltam ao nosso convívio, e as cenas se repetem como que reeditadas e atualizadas, para que de novo possamos ter a opção de agir bem ou mal para com eles, sem as lembranças constrangedoras do passado.

Não raro, aqueles que receberam de nós o fel da ignorância cristalizada em tendências infelizes, são hoje nossos familiares difíceis, desequilibrados, requerendo de nossa parte os mais profundos desdobramentos emocionais relativos à atenção, ao carinho, à dedicação amorosa. São eles que estão ao nosso lado reclamando-nos atitudes que concorram para o próprio reajuste.

É preciso que saibamos do profundo significado redentor que representa poder novamente estar a caminho com aqueles que, um dia, receberam as pedras e a indiferença de nosso coração embrutecido. Não é só suficiente suportá-los com resignação. Importa aprender a amá-los como entes mais queridos e que nos representam efetivamente as maiores oportunidades para aquisição das virtudes cristãs. É mais difícil e mais meritório exercitar com eles o perdão, o amor, a compaixão, a tolerância, a fraternidade, e as pequenas afabilidades do coração que muitas vezes nos cansamos de derramar porta afora do lar, mas tão escassas na intimidade de nossas relações mais significativas.

Ao lado daqueles que reencarnam conosco para o devido reajuste emocional, estão também aqueles que representam o bálsamo de nosso coração ferido pelas lutas árduas. São eles os nossos cúmplices amorosos, os nossos afetos de ontem e de sempre, que conosco voltam à carne, tantas vezes na mesma família para nos auxiliar a carregar o fardo difícil resultante de nossos desatinos.

Sim, eles são os nossos irmãos queridos, muitas vezes integrantes de nossa família espiritual, que conosco caminham na Terra qual seres angelicais, entendendo as inquietações de nosso coração, colaborando em nossas decisões e amparando-nos para não falirmos nos momentos decisivos da vida em que a oportunidade perdida no passado, novamente se apresenta diante de nós. Momentos esses em que vacilamos intimamente com medo de ser fracos, com medo de errar novamente. Como a Divina Providência não desampara nenhum de seus filhos, ali está, lado a lado conosco aquele que representará para nós o amparo silencioso, e cuja simples presença basta para nos conferir forças e apoio nos momentos importantes.

Desta forma, a finalidade do convívio em família é transformar nossos antagonismos em amor. Para isso o Pai utiliza-se da consanguinidade que é um dos laços mais poderosos que une os seres na Terra e que, transmutada em sentimentos superiores, deve continuar a uni-los para além desta vida como seres que um dia aprenderam a se amar e respeitar como filho, como irmão, como mãe e como pai.

N'O *Evangelho segundo o Espiritismo* há um aconselhamento altamente encorajador às mães, e obviamente também aos pais para que não rejeitem o filho que os repele desde o berço. Este espírito veio para seus cuidados, reclamando o direcionamento correto dos impulsos emocionais, implorando pela educação amorosa em bases cristãs.

Mesmo que um filho a despreze, atire-lhe ingratidões à face, e a trate com toda a indiferença do mundo, pode uma mãe deixar de amá-lo?

Pode uma mãe deixar de considerá-lo um filho muito caro, por mais imperfeito que seja?

As mães terrenas encontram sempre as desculpas do coração para justificar os erros de seus filhos em desatino. Decorrida toda uma encarnação, independente de passados e erros, esses espíritos tenderão a entender-se como aqueles que foram unidos pelos laços mais sagrados que podem unir os seres. Serão sempre queridos um ao outro pelos caminhos retos e suaves do amor.

Este é o objetivo da consanguinidade na face da Terra.

Nenhuma suposição relativa aos elos emocionais desconhecidos do passado justifica que seja alimentada a repulsa instintiva tantas vezes existente entre aqueles que vivem sob o mesmo teto unidos pelos laços de família.

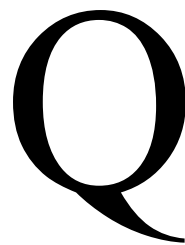
A sabedoria de Emmanuel aconselha *"toda antipatia, aparentemente a mais justa, deve morrer para dar lugar à simpatia."*

A aquisição do afeto recíproco representa uma conquista daqueles que foram trazidos à convivência mútua. Muitas vezes o êxito requer empenho máximo na luta, da qual ninguém está autorizado a desertar.

A Lei Divina deve ser cumprida até o último ceitil.

Essa lei máxima é o Amor que deve unir-nos como irmãos pela origem, num abraço fraterno que vai muito além das relações familiares

Desencarnação dos Espíritos



Muando o corpo físico deixa de suprir as energias vitais Hnecessárias à vida e cessam os processos metabólicos, sobrevem o fenômeno que conhecemos milenarmente como morte.

O corpo morre mas o espírito, que governou suas funções durante toda a vida permanece vivo, porém, a partir de então, porta somente o corpo fluídico que aprendemos com Allan Kardec a denominar perispírito.

O perispírito se une ao corpo físico por liâmes fluídicos delicadíssimos que, no processo de desencarnação, vão sendo desatados progressivamente com maior ou menor velocidade, conforme a característica individual do espírito que desencarna.

Como regra geral, o espírito ao desencarnar não se desprende imediatamente do corpo como um pássaro que escapa à gaiola quando encontra a porta aberta. O fenômeno da desencarnação é mais complexo, e a velocidade com que o espírito em processo desencarnatório se liberta do organismo físico depende essencialmente do maior ou menor apego, que tinha quando encarnado, às coisas da Terra.

Algumas vezes o processo da desencarnação leva dias para se completar até que o espírito se desvincule totalmente da equipagem física.

Espíritos altamente aferrados aos valores materiais têm, como regra, maior dificuldade em se libertar fluidicamente do corpo morto. O apego excessivo aos próprios entes queridos pode representar um entrave tanto à desencarnação quanto à vida serena no plano espiritual.

Por outro lado, espíritos altamente preocupados com princípios éticos universais e que se importam com o bem-estar do próximo, vivem naturalmente desligados do que é essencialmente terreno. Destinam suas aspirações a ideais superiores de vida, portanto, vivem de alguma forma desapegados de tudo o que os pode reter à Terra. E como se já vislumbrassem com lucidez o essencial para a vida maior. Para eles, o desatar dos laços fluídicos que os ligam ao corpo físico ocorre quase que imediatamente e contam, via de regra, com o concurso amigo de espíritos que os auxiliam na tarefa do desligamento.

Vale aqui lembrar a desencarnação de Cairbar de Souza Schutel, um homem que viveu dedicado aos deserdados da vida, doentes, obsidiados, mendigos, leprosos, recebendo-os amorosamente em sua própria casa até que estivessem restabelecidos para seguir seus próprios caminhos. Foi por isso considerado o pai dos pobres de Matão, no interior do Estado de São Paulo.

Cairbar Schutel desencarnou e seu desligamento do corpo foi de tal forma imediato e com tal lucidez que, enquanto seu corpo ainda era velado pelos amigos, ele mesmo compareceu ao local e por meio da psicofonia declarou: *"A Misericórdia Divina é tão grande que me deu o privilégio de abraçar vocês neste momento de partida para a Verdadeira Pátria. E estou muito contente e sendo recebido por um banquete que não mereço, mas o Pai é tão bondoso que, na minha alegria e êxtase, não poderia partir sem comunicar isto a vocês"*.

Os relatos de moribundos são repletos de visões em que o espírito ainda encarnado tem sua percepção espiritual dilatada pelo desligamento fluídico parcial. Comumente descrevem a presença, junto ao leito, de parentes desencarnados que vêm para ampará-lo à medida que se aproxima a transição do estado de encarnado para o de desencarnado.

Usualmente, ao desencarnar, o espírito é recebido por amigos que se afinaram com ele durante toda a encarnação. Em muitos casos, encontra-se nos primeiros momentos do processo desencarnatório com parentes que vêm trazer-lhe encorajamento para adentrar a nova realidade de espírito livre.

Porém, se o desencarnado pactuou durante a vida com a injustiça, com a maldade e com a perversidade, encontrará, nos primeiros instantes em que se vislumbrar liberto da carne, com aqueles que lhe compartilhavam as ideias inferiores.

A morte física não é passaporte para a santidade porque ninguém se modifica para melhor ou pior pelo simples fato de desligar-se do corpo.

Os encarnados já vivem no Céu ou no Inferno particular que elegeram para si próprios e ao desencarnar vão ao encontro daquilo que construíram e que lhes caracterizou a vida íntima.

Aqui como acolá, o espírito se afina com as vibrações semelhantes àquelas que lhe identificam o caráter, e se aproxima daqueles que com ele já dividiam as mesmas tendências.

Comumente, segue-se ao desligamento do espírito um estado crescente de confusão e sonolência, que faz com que o recém- desencarnado perca a consciência de si mesmo num adormecimento que propicia sua remoção para locais de refazimento e progressiva reintegração à nova condição.

Nos casos em que o espírito desencarna por padecimentos crônicos e de longo curso, é levado a hospitais do plano espiritual para a desejada recuperação.

Aqueles outros que se deleitaram no Mal, nas crueldades premeditadas, na lamentável postura de cultivar o ódio, a ganância ou mesmo a revolta, ficam entregues às próprias companhias desagradáveis de espíritos desencarnados que se lhes assemelham. Muitas vezes são atormentados pelos próprios fantasmas mentais oriundos da consciência culpada.

Permanecem neste estado de sofrimento até que um sentimento genuíno de arrependimento nasça em seus corações e desejem ardentemente modificar as disposições íntimas.

Os espíritos do Bem estão sempre a postos, aguardando ansiosamente por esta fagulha de sentimentos nobres, para que o espírito possa ser ajudado com proveito, após o cansaço de permanecer longo tempo sob os padecimentos que sua própria consciência lhe impôs.

E enganoso crer que o espírito, após a desencarnação, seja capaz de se lembrar de seu passado como espírito imortal pelo simples fato de encontrar-se liberto da carne. Na realidade, a lembrança do passado ocorre progressiva e lentamente desde que as recordações sejam úteis a ele, sem causar-lhe transtornos psíquicos.

Em muitos casos, particularmente para os seres que não acreditam na vida após a morte, ou nas circunstâncias de desencarnações bruscas e violentas, é comum que o espírito nem sequer tenha consciência de que desencarnou.

A desencarnação por si não representa reintegração instantânea da memória.

Há espíritos que permanecem no plano espiritual em estado de perturbação sem saber exatamente o que se passou consigo por muito tempo, às vezes meses, anos ou até mesmo décadas ou séculos, dependendo dos sentimentos, dos créditos e débitos amealhados.

O encarnado que trabalhou com amor pelo próximo, doando-se com alegria para suavizar sofrimentos alheios é auxiliado amplamente pela espiritualidade no processo de readaptação à nova realidade. É recolhido a estâncias apropriadas para seu restabelecimento, cercado pelo carinho de irmãos abnegados que o auxiliam incansavelmente.

Quando um homem desencarna, os seus amigos e parentes terrenos pranteiam sua partida, sentem-lhe a saudade e lamentam a perda.

Do outro lado da vida, entretanto, os amigos espirituais, que muitas vezes lhe constituem a família espiritual, se alegram imensamente pelo retomo daquele que esteve mergulhado no educandário da carne durante várias décadas.

Quanto melhor este espírito tiver se saído nos embates da vida, mais vivo contentamento toma conta daqueles que o aguardam em outro plano da existência, para poderem novamente abraçá-lo como a um irmão querido que retoma vitorioso à verdadeira pátria.

As suaves alegrias do dever dignamente cumprido e da consciência tranquila não podem ser comparadas, nem de longe, às alegrias terrenas proporcionadas pelos prazeres fugazes, e pelas vitórias transitórias que o tempo apaga.

Mundo Espiritual

Espíritos errantes são aqueles que se encontram desencarnados, habitando temporariamente o mundo espiritual.

A Doutrina Espírita designa erraticidade o estado em que o espírito permanece enquanto aguarda uma nova oportunidade reencarnatória.

Daí se conclui que os espíritos errantes são aqueles que por não serem ainda perfeitos ou puros, necessitam das múltiplas reencarnações para o próprio aperfeiçoamento. Porém, esta noção de erraticidade se não bem compreendida, pode deixar entrever a eventualidade de que o espírito permaneça estagnado, vagando em algum lugar enquanto não volta a viver na Terra.

O espírito ao desencarnar, dependendo de suas afinidades e principalmente dos valores que lhe caracterizam o íntimo, é atraído naturalmente para junto dos espíritos e dos locais que mais se lhes assemelham às preferências.

Os espíritos medianamente evoluídos, que buscaram levar uma vida digna na Terra e não se apegaram demasiadamente ao que é puramente material são conduzidos a colônias em que encontram refazimento para a organização perispiritual, algumas vezes desgastada por processos

mórbidos que motivaram a desencarnação. São socorridos em hospitais, em casas assistenciais até que se reintegrem naturalmente, com a ajuda de benfeitores, à nova condição de espírito desencarnado.

Posteriormente, quando mais equilibrados e conscientes da nova vida, vão se adaptando à realidade e ampliando os conhecimentos em escolas especializadas.

Quando se sentem dispostos e aptos, é comum que se associem a grupos de trabalho nas mais diversas modalidades em que possam se sentir úteis. Quando se deseja, progride-se bastante no mundo espiritual.

O trabalho é lei da vida em toda parte.

Aqueles que se compraziam no Mal e na crueldade, ao desencarnar encontram-se com tristes criaturas que lhes compartilham os mesmos interesses. Vão para locais de sombra, em que escasseia a luz e onde campeiam sentimentos menos nobres como a revolta e o desejo de fazer o Mal.

A essência espiritual humana não se modifica simplesmente pelo ato de despojar-se da vestimenta física por ocasião da morte do corpo.

Geralmente o espírito ao desencarnar não tem a lembrança imediata de suas outras existências, porque isso nem sempre é útil, e porque é requerido para tal, uma estabilidade emocional, que nem sempre é conseguida em curto espaço de tempo.

As lembranças do pretérito vão surgindo na medida da necessidade e da utilidade na vida do espírito.

Descortina-se para o ser um mundo repleto de novas realidades e isso faz com que a perspectiva que ele tinha sobre as questões da vida se modifiquem muito, o que não ocorre para alguns espíritos aferrados aos desejos terrenos e aos valores meramente transitórios.

Aqueles que se elevaram na direção do sentimento e da valorização daquilo que é realmente nobre, comumente olham para a existência que se finda, e lamentam todo o bem que deixaram de realizar. Alegam-se com as boas obras que puderam empreender, principalmente se estas trouxeram ou ainda trazem benefícios a outrem. Dependendo do que realizaram, e de acordo com o grau de lucidez acerca do que realmente tem valor perante as Leis Divinas, os espíritos muitas vezes se orgulham e desejam incentivar seus seguidores a dar continuidade àquilo que deixaram na Terra.

Em outras situações envergonham-se dos seus atos, desejando nunca tê-los praticado.

Tendo evoluído o suficiente para julgar com critério suas obras, por exemplo no campo da literatura, podem reconhecer que elas não foram construtivas para a melhoria do espírito humano. Desejariam jamais tê-las produzido por terem sido dissolventes dos costumes e porque continuam a alimentar tendências infelizes na mente das criaturas.

Assim que podem, solicitam aos benfeitores do Mundo Maior a oportunidade de corrigir o que não foi feito da forma adequada.

É comum notar que o espírito relativamente evoluído, ao analisar a existência finda, olhe para as preocupações que tinha e para as coisas que valorizava tal qual um homem adulto que ri das tolices que fez e das pequenas coisas em que se detinha quando ainda criança.

Os de mediana evolução, pelo entendimento mais vivo da vida espiritual, apreciam quando são lembrados com carinho pelos familiares ou mesmo quando em seu nome se promovem solenidades ou homenagens. No entanto, não são os aspectos externos de tais eventos que os tocam, e sim a intenção e a forma com que são lembrados por aqueles que lhes rendem justos preitos de reconhecimento e gratidão. Não raro comparecem a tais solenidades, não pelo orgulho que isso possa produzir, mas pela satisfação muito justa de ver a continuação e os frutos daquilo que de bom deixaram na Terra.

Os espíritos comunicam-se amplamente entre si no plano sutil em que interagem revestidos pelo perispírito.

Há entre eles uma hierarquia bastante clara que se baseia na ascendência moral de uns sobre os outros.

A única autoridade no plano dos espíritos é aquela que emana das qualidades e virtudes já conquistadas.

Os portadores de princípios nobres exercem uma autoridade irresistível sobre os que lhes são inferiores do ponto de vista moral.

Entre os desencarnados, a simpatia e a antipatia se fundam essencialmente na afinidade ou não que nutrem uns pelos outros, afinidade essa que está toda baseada na convergência de tendências, não importando se boas ou más. Assim, há ligações fortíssimas entre espíritos inferiores, tanto quanto há os mesmos laços de profunda simpatia entre espíritos superiores. A diferença está nos valores íntimos que os motivam.

A crença de que, ao desencarnar, o espírito irá encontrar-se com aqueles com quem conviveu quando encarnado é muitas vezes uma ilusão. Não raro estamos associados àqueles com quem convivemos por necessidades evolutivas e nem sempre por afinidades reais. Além disso, espíritos que convivem quando encarnados podem apresentar disparidades bastante acentuadas quanto à condição evolutiva e se situarem em diferentes padrões vibratórios.

Com frequência no momento da desencarnação, os entes queridos numa demonstração de misericórdia do Pai vêm recepcionar aqueles que lhe foram filhos, irmãos, mãe ou pai.

Mas dessa evidência não se segue o fato de que deverão continuar juntos nas tarefas individuais que lhes competem no invisível.

A desencarnação não destrói os laços do verdadeiro amor, e os que nutrem entre si real afeto, quando não convivem lado a lado, podem se rever e se reabastecer de doces energias em encontros eventuais.

Assim, cumpre que cada um execute a tarefa que lhe cabe e se situe no local que mereça diante do progresso conquistado e da evolução por alcançar.

É preciso desfazer caridosamente a ilusão daqueles que, em perdendo um ente querido, desejam a morte para reencontrar-se brevemente com ele.

Quem sabe onde ele estará?

Quem pode assegurar tal reencontro, senão esporadicamente?

É necessário que o homem encarnado, embora consciente da realidade espiritual, não fuja de sua obrigação para com a vida na Terra, e não almeje um céu de venturas sem antes assumir e desempenhar com coragem e fibra os compromissos para com a existência atual, vivendo e trabalhando no limite de suas forças, com alegria e gratidão a Deus.

O espírito desencarnado, não obstante a possibilidade de conseguir grande progresso no mundo espiritual, sente, em determinado momento, a necessidade de reencarnar e resgatar experiências anteriormente mal resolvidas na Terra.

Nesse processo de retorno, os benfeitores espirituais o auxiliam para a obtenção de um planejamento reencarnatório compatível com as possibilidades de êxito. Êxito que reside sempre na vitória sobre si mesmo nas novas experiências programadas.

Auxiliam também o reencarnante a não escolher provas demasiado pesadas para suas forças.

Aconselham a evitar desafios para os quais não se encontrem suficientemente fortalecidos.

Dentro da variedade infinita das necessidades evolutivas, é preferível escolher aquelas experiências para as quais estejam mais bem preparados, deixando as demais para quando o fortalecimento íntimo de cada um for suficiente para arrostá-las com coragem e fé.

Enquanto no plano espiritual os desencarnados mais elevados em virtudes se comunicam telepaticamente.

Transportam-se pela velocidade do pensamento, gozando de grande liberdade para ir e vir por quase todos os recantos cósmicos.

Os inferiores ainda necessitam de alimentação semelhante à da Terra, e muitas vezes prosseguem retidos a vícios que tinham quando encarnados. Locomovem-se pesadamente a passos lentos quase como quando encarnados. Usualmente, continuam a valorizar a posse do poder, do ouro e dos afetos, o que para eles representa pesadas amarras retendo-os muito próximos e vinculados à crosta terrestre. Desta forma ficam impossibilitados de alçarem vôos sublimes às várias moradas da Casa do Pai, como é possível aos espíritos despojados de apegos.

De todas as dificuldades experienciadas pelos espíritos no processo de readaptação ao mundo espiritual, a inflexibilidade, a intransigência e o apego a tudo e a todos, representam os maiores obstáculos a serem vencidos.

Quanto mais evoluído o espírito e mais afeito às mudanças naturais da vida, maior a facilidade de reintegração ao plano espiritual.

As sensações dos desencarnados no geral são mais vivas e intensas em relação às dos encarnados.

Sentem tudo pelo perispírito.

As percepções os atingem de forma generalizada, e não especificamente por órgãos bem localizados e determinados como no corpo físico, embora o perispírito possua órgãos.

As dores dos espíritos são todas morais e residem na mente.

Quando um desencarnado sente dor no corpo perispiritual, esta não é senão uma impressão da dor que tinha ou experimentara quando ainda encarnado e que permanece vivida pelos mecanismos de condicionamento mental.

O repouso, assim como todos os aspectos da vida do desencarnado varia conforme sua evolução.

Os inferiores e pouco afeitos ao trabalho sentem maior necessidade de repouso e inércia, como ocorria quando ainda encarnados.

Por outro lado, os mais evoluídos são portadores de elevado nível de atividade. Seu trabalho é essencialmente mental. Necessitam menos de repouso, que é obtido geralmente pela mudança de atividade ou mesmo pela fruição de momentos agradáveis em contato íntimo com a Natureza e com as artes.

A música cósmica dos planos elevados exerce influência altamente salutar sobre as energias espirituais. Os espíritos bastante evoluídos são muito sensíveis às manifestações artísticas e às belezas naturais que são abundantes e delicadas nas dimensões superiores da vida.

Importa abraçar a existência com amor, espírito de luta e perseverança, pois é na Terra como encarnado que o espírito trabalha a própria intimidade psíquica e constrói para si mesmo, e dentro de si, o Reino de Deus que não há de vir com aparências exteriores.

PARTE V Mentres interligadas

Intervenção dos Espíritos no Mundo Corpóreo

A Natureza é um todo contínuo. Não há transições repentinas, nem mudanças de estado abruptas.

A noção geral que se tem de que o plano espiritual é uma dimensão longínqua e apartada de nossa realidade terrena, é uma ideia certamente ingênua e fruto da pouca observância dos eventos da vida cotidiana.

Com acerto asseverou Paulo, *"temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas"* em se referindo aos desencarnados que conosco partilham experiências, que transitam em dimensões diversas muito próximas e entrelaçadas à dimensão material ou humana propriamente dita.

É assim que, por um estreito laço de proximidade essencialmente vibratória, encarnados e desencarnados se mesclam e interagem.

Ambos atuam uns sobre os outros.

Dessa interação resultam efeitos perceptíveis algumas vezes tidos como sobrenaturais.

Outras vezes, por se apresentarem aparentemente banais e corriqueiros, escapam à percepção comum do homem encarnado.

Os desencarnados possuem as percepções e sensações mais livres e amplificadas em relação aos encarnados. É comum que os espíritos, invisíveis para nós, conheçam nossos pensamentos e nossos desejos; algumas vezes o sabem melhor até que nós mesmos, quando não cultivamos o hábito saudável de nos analisarmos.

Os espíritos moralmente superiores conhecem com exatidão nossos mais recônditos pensamentos, muitas vezes até aqueles que desejaríamos ocultar nos porões da inconsciência.

Ao contrário, os inferiores que se demoram nos estágios mais primários da evolução não gozam destas possibilidades integralmente e pouca consciência têm de si mesmos, e até mesmo do ambiente que os envolve.

Assim sendo, de acordo com o grau evolutivo alcançado, os espíritos que nos observam fazem de nós ideias tão diversas quanto a sua própria natureza íntima.

Uns podem divertir-se com nossas dificuldades e erros. Outros, moralmente mais elevados, podem lamentar nossos enganos e se alegrarem com nossos acertos quando atuamos na direção do Bem.

Os espíritos não apenas nos analisam e conhecem. Frequentemente nos guiam, até mesmo nas menores atitudes influenciando marcadamente nossos pensamentos e ações.

É fato comum o homem encarnado sentir penetrar-lhe a mente uma variedade considerável de pensamentos divergentes acerca de uma mesma situação. N'O *Livro dos Espíritos* tal fato é considerado como sendo o fruto de pensamentos que nos são sugeridos pelos desencarnados.

Ao lado dos maus pensamentos igualmente nos são sugeridos os bons, para que a balança se equilibre e tenhamos a liberdade de escolher entre uns e outros. Claramente, quem faz pender a balança para um ou para outro lado, é o homem encarnado conforme suas preferências e tendências, que determinam o acatamento desta ou daquela sugestão.

Pouca ou nenhuma relevância tem que o homem distinga o seu próprio pensamento daqueles que lhe foram sugeridos. O que com efeito importa é a escolha que se faz diante das situações. O fato de não ser quase nunca possível distinguir o pensamento que é originalmente nosso, faz com que possamos exercitar livremente a escolha, sem ter nem mesmo a desculpa de atribuir nossos atos a alguma sugestão externa à nossa vontade.

Em decorrência destes raciocínios, conhecendo que a lei de afinidade e atração rege as relações entre as mentes, e sabendo que as semelhanças nos aproximam uns dos outros, podemos concluir: um homem bom e honesto atrai fatalmente para sua companhia espíritos com as mesmas qualidades. É comum entre ambos o fortalecimento dos laços de simpatia, o que resulta em auxílio mútuo nos intentos de um e de outro.

Os gênios algumas vezes concluem verdades por si mesmos, mas frequentemente suas conclusões são o fruto dos conselhos refletidos dos espíritos afins que veem onde o homem comum não consegue enxergar.

Um homem cruel e maldoso atrai para si espíritos afins e ambos passam igualmente a compartilhar das mesmas ideias e a se alimentar mentalmente uns dos outros.

Este mecanismo de atração e interferência de mente a mente está primordialmente envolvido na problemática obsessiva, que será abordada em tópico específico mais além.

Todo homem ao encarnar passa a contar com a colaboração fraterna de um espírito amigo designado pela providência para ser seu protetor. Acompanhar-lhe-á os passos. Inspirar-lhe-á continuamente bons conselhos. Fortalecer-lhe-á as aspirações ao Bem. Buscará dissuadi-lo com suavidade e sutileza das más decisões sem porém, em momento algum, interferir a ponto de violentar o seu livre-arbítrio.

Sua função assemelha-se à de um pai que deve conduzir o filho pela orientação constante e amorosa, consolando-o nas aflições e sustentando-lhe a coragem nas provas da vida.

Esses espíritos alegrem-se e vibram com os acertos de seus tutelados, mas, quando não são ouvidos, afastam-se sem jamais se desligarem daquele a quem devem conduzir, esperando padentemente as oportunidades, por diminutas que sejam, para se fazerem ouvidos.

O espírito protetor ou anjo guardião, como são habitualmente conhecidos, são superiores àqueles por quem devem zelar. A lógica e a doutrina espírita nos mostram que, da mesma forma como não se atribui a um filósofo a função de alfabetizar, o anjo protetor é superior ao tutelado, porém apenas o suficiente para auxiliá-lo com proveito nas decisões, sem que seja necessariamente um espírito de elevadíssimo progresso moral.

A misericórdia do Pai se revela resplendente nesta demonstração de amor, ao colocar um guardião ao lado de cada homem encarnado na Terra. Este espírito normalmente já lhe fora afim antes mesmo da reencarnação e usualmente continua sendo após múltiplas existências.

Assim se expressam em *O Livro dos Espíritos*, São Luís e Sto. Agostinho acerca dos espíritos protetores: *"Há uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos, por seu encanto e por sua doçura: a dos anjos da guarda. Pensar que tendes sempre ao vosso lado seres que vos são superiores, que estão sempre ali para vos aconselhar, vos sustentar, vos ajudar a escalar a montanha escarpada do bem, que são amigos mais firmes e mais devotados que as mais íntimas ligações que se possam contrair na Terra, não é essa uma ideia bastante consoladora? Sim, onde quer que estiverdes, vosso anjo estará convosco: nos cárceres, nos hospitais, nos antros do vício, na solidão, nada vos separa desse amigo que não podeis ver, mas do qual nossa alma recebe os mais doces impulsos e ouve os mais sábios conselhos."*

Ambos ainda nos aconselham a estabelecer entre nós e os anjos da guarda a intimidade que reina entre os melhores amigos. Sim, pois tantas vezes permanecemos de ouvidos fechados a esses seres angelicais que em vão tentam nos auxiliar sem conseguir.

Não lhes concedemos sequer uma fresta para que possam agir beneficentemente.

Enquanto isso oferecemos amplas condições de influência àqueles que inferiores, tanto quanto nós, podem nos arrojar no vício, na aflição, e na infelicidade.

Nós próprios os atraímos para junto de nós enquanto choramos amargamente nossa desdita. Haveria maior paradoxo que este: Bradar a Deus

as palavras "por que me abandonaste?" e repelir com atitudes aqueles que desejam o nosso bem? Pobres homens, infelizes que somos por nossa ignorância e indolência.

Deus, portanto, coloca a nosso lado um guardião e não um espírito inferior para nos arrastar ao Mal, e, se nessa condição estamos foi porque nela nos colocamos voluntariamente. Estes espíritos não têm poder algum sobre nós senão aquele que nós mesmos lhes conferimos por não lhes opormos resistência firme. Entregamo-nos ao seu nocivo domínio por fraqueza ou por usufruirmos dos resultados aparentemente benéficos de sua companhia.

Assim como há os espíritos protetores individuais, há os espíritos afins, que também podem estar ligados a pequenas ou grandes coletividades como as famílias e os grupamentos populacionais. Como há afinidades de um indivíduo para outro, as mesmas se verificam entre coletividades encarnadas e desencarnadas.

Os espíritos desencarnados influenciam, e muito, a vida cotidiana dos encarnados, aproveitando sempre as circunstâncias por vezes triviais e aparentemente irrelevantes da existência.

Ao contrário do que se possa crer, eles não interferem contrariando ou derogando as leis naturais, pois nem teriam tal possibilidade. Utilizam-se das oportunidades que se apresentam para exercer sua ação boa ou má.

Em *O Livro dos Espíritos*, está contido o esclarecimento de que os espíritos desencarnados exercem sua influência sobre nós de maneira muito mais corriqueira do que possamos imaginar e frequentemente nos guiam nas mais diversas direções.

Não obstante, é necessário o bom-senso e o estudo sistemático e cuidadoso da Doutrina Espírita para q¹ le não nos deixemos levar pelas credices e pela ingenuidade naccida do comodismo, que faz com que se atribua tudo o que ocorre às influências espirituais.

Por exemplo, se um homem andando pela calçada tropeça numa pedra e cai, é muito mais provável que tal fato tenha ocorrido pela simples distração em vez de ter sido provocado pela ação de um espírito. É, pois, preciso analisar os fatos e as orientações doutrinárias com cuidado e senso crítico, para que não nos deixemos envolver pelo ridículo da credulidade cega.

Ainda na Espiritualidade, há os que impulsionam o progresso das Artes e da Ciência, conforme sua individualidade e inclinações.

Existem também os que atuam especialmente sobre os fenômenos da Natureza que podem ser bastante primitivos e, por consequência, exercem ação sobre os elementos sem terem tal consciência. Sua ação é dirigida pelos espíritos superiores que a tudo presidem e dos quais nada passa despercebido.

São estes os condutores celestes, os pastores siderais que conhecem de perto as Leis Divinas.

Tal qual Jesus, organizam, arquetam e zelam pela harmonia dos mundos que gravitam em órbitas ao redor das estrelas, que compõem as galáxias, e perdem-se na imensidão do infinito, tomando-se a um só tempo tão pequenos no concerto da Criação, e tão grandes perante o Amor Divino.

Mediunidade

Embora o mundo dos espíritos e o plano material sejam intimamente interligados e entrelaçados, são ao mesmo tempo realidades aparentemente distintas. Consideramo-las como duas Humanidades vivendo paralelamente, separadas por uma parede espessa de tal sorte que os que estão de um lado não conseguem ver o que se passa do outro.

Para algumas pessoas esta parede se apresenta mais delgada e às vezes quase inexistente. Elas podem ouvir, entrever e sentir, perscrutar com sua sensibilidade o que ocorre com a Humanidade desencarnada além dos limites do muro, representado pelos nossos cinco sentidos físicos. Assim pois, os médiuns são considerados portadores de um sexto sentido que possibilita tais percepções ditas extra-sensoriais.

Médiun é o termo empregado por Allan Kardec para designar a condição especial daqueles encarnados que possuem a habilidade particular de ser intermediários entre encarnados e desencarnados.

Há uma variedade de fenômenos que se produzem pela combinação de fluidos do médium e do espírito desencarnado que deseja produzir um determinado efeito.

Allan Kardec, examinando todas as particularidades dos fenômenos mediúnicos, classificou-os didática e genericamente em dois grandes grupos:

1. Mediunidade de efeitos físicos.
2. Mediunidade de efeitos inteligentes.

Por fenômeno mediúnico de efeito físico, entende-se essencialmente a condição em que o médium é utilizado como instrumento para a produção de efeitos que impressionam os sentidos orgânicos, podendo, portanto, ser denominados efeitos materiais. Os fluidos do médium são combinados com os fluidos dos espíritos, e da modificação operada pelos espíritos resultam ruídos, vozes, movimento de objetos inertes, levitações, aparições tangíveis (materializações), combustão espontânea, produção de odores, e outros.

Um fato relevante na identificação dos efeitos físicos é que eles, embora produzidos necessariamente com o concurso do médium podem ser percebidos por qualquer encarnado através dos sentidos físicos.

Assim pois, quando um médium levita, todos podem observar seu corpo suspenso no ar, embora não possam ver a alavanca fluídica construída pelos espíritos para produzir tal efeito, o que faz disso algo aparentemente sobrenatural se não o estudamos cuidadosamente.

Pode-se neste caso, ter a falsa ideia de que a lei de atração gravitacional foi momentaneamente interrompida, o que seria um absurdo.

O médium por meio do qual se produzem tais fenômenos, fica totalmente alheio ao que ocorre espontaneamente sem o emprego de sua vontade consciente, quando os espíritos desejam produzir os efeitos físicos aparentemente "fantásticos". É comum, diante desse fenômeno, pessoas assustadas com fatos ocorridos em sua presença. Em algumas casas se produzem ruídos e movimentos de objetos sem que os habitantes tenham a menor noção do que se passa. Frequentemente, quando o médium de efeitos físicos é identificado e subtraído do ambiente, os fenômenos cessam.

Os médiuns pelos quais os fenômenos se processam, sem o concurso de sua vontade ativa, são denominados involuntários.

Atualmente a mediunidade de efeitos físicos é relativamente menos comum do que nas épocas passadas. Para esta explicação é altamente esclarecedora a afirmativa de São Vicente de Paulo (Paris, 1858) em *O Evangelho segundo o Espiritismo*: "... as manifestações espíritas não são feitas senão para os de olhos fechados e os corações indóceis".

Sim! Houve um tempo não muito distante, quando importava que o mundo recebesse o Consolador Prometido, em que os fenômenos físicos se produziram com abundância.

Numa efervescência digna de nota era preciso chamar a atenção.

Era necessário abalar as estruturas da sociedade materialista adormecida ante o efeito narcotizante das conquistas científicas associadas ao orgulho dos homens de gênio.

Deus fora rejeitado e negado.

Em seu lugar foram colocadas as pobres e incipientes descobertas acerca do Universo.

Jesus, do esplendor celeste reuniu a falange da Verdade, fazendo com que os copos andassem, as mesas dançassem, as ardósias atritassem.

Pancadas foram ouvidas.

Era preciso abrir os olhos aos cegos.

Era preciso desafiar o conhecimento.

Era preciso solapar o orgulho humano.

E acima de tudo, era preciso recrutar o inesquecível mestre da razão, Allan Kardec, para edificar as bases da Terceira Revelação.

Hoje, decorridos menos de dois séculos, o homem começa a enxergar com os olhos do espírito. A ciência retoma gradualmente seu lugar de importância, sem exageros. O homem readquire a crença em Deus. Em todos os recantos da Terra, das mais variadas formas, a Verdade da imortalidade e da comunicabilidade entre seres surge inegável e soberana.

Os fenômenos mediúnicos não são mais essencialmente os de efeitos físicos. É chegada a hora em que se estabelece a mediunidade como sublime diálogo entre "vivos e mortos". Os fenômenos de efeitos inteligentes campeiam livres, manifestando-se sob a forma de inspirações diversas.

Os fenômenos *psi* começam a ser utilizados a benefício da Humanidade, ora como psicofonia, como psicografia, audiência, vidência, ou mesmo psicometria em que pela percepção inteligente dos fluidos de um ambiente podem-se inferir as vibrações superiores ou inferiores que o caracterizam.

Importa sobretudo, segundo as orientações de Allan Kardec, elevar a mediunidade, qualquer que seja a forma sob a qual se apresente, acima da ocorrência fenomênica, e vislumbrar nela a habilidade superior que propicia ao ser humano estabelecer contato com os benfeitores do invisível, autênticos enviados do Pai a nos esclarecer, consolar e minorar as dores.

Mediunidade em si é instrumentalidade somente.

Mediunidade com Jesus é portal luminoso para as esferas elevadas.

Obsessão e Desobsessão

A

obsessão é um flagelo da Humanidade, tão antigo quanto a existência do próprio homem na Terra. Desde que seguimos as pegadas de Jesus encarnado, encontramos-lo desobsidiando homens que a ele eram levados em profunda perturbação, ora com sintomas em tudo semelhantes às epilepsias típicas, ora com alterações físicas visíveis.

A obsessão é, portanto, o domínio que alguns espíritos exercem sobre certas pessoas com o objetivo de escravizá-las à sua vontade.

Todas as ações humanas têm um móvel central, e assim também se processa no caso específico da obsessão. Se um desencarnado se empenha em obter o controle sobre a vontade do encarnado, é natural que haja um motivo impulsionando o ato voluntário de obsidiar.

Habitualmente a causa da maioria das obsessões é a ausência de disposição para o perdão, fazendo com que espíritos desencarnados permaneçam aferrados ao gosto amargo da vingança, até por séculos a fio.

Espíritos que, um dia, estiveram encarnados com aqueles que hoje lhes sofrem a atuação, foram lesados em seus afetos, em seus interesses e retomam para cobrar do antigo algoz o pagamento em cotas de sofrimento e dor. E este, que já não se lembra do passado, sente-se comumente vitimado por um espírito malfeitor.

A Doutrina Espírita nos esclarece que houve ações indevidas do atual obsidiado, que desencadearam o processo de perseguição.

Os espíritos obsessores, enceguecidos pela dor e pelo desejo de vingança, em nos desejando provocar algum mal, estudam-nos as tendências, as nuances da personalidade, nossos vícios, enfim, essencialmente nosso modo de sentir e de agir.

Planejam assim a forma e o tipo de prejuízo que melhor lhes satisfaçam os desejos infelizes de perturbar.

Agem de tal modo que, identificando-nos as fraquezas, atuam sobre elas, amplificando-as.

Ressaltam-nos os defeitos de personalidade, as fobias, os vícios, as culpas, dando aos nossos impulsos, dimensões extremadas.

Lançam-nos no ridículo, na depressão, na compulsão desenfreada, no desejo de auto-aniquilamento por suicídio direto ou indireto.

Desencadeiam em nós processos psicopatológicos de vários matizes, cujos germes porém, já se encontravam em nossa personalidade, latentes.

Allan Kardec nos orienta sobre a obsessão esclarecendo que os obsessores nos analisam e como o gato espreita o rato, esperam a melhor hora de agir, aguardando o momento favorável. Como nós sem exceção temos defeitos morais e, sem exceção, já erramos, prejudicando irmãos, somos todos, teoricamente, passíveis de sofrer obsessões.

Além do desejo de vingança, um espírito pode também obsidiar um encarnado pelo simples desejo de fazer o Mal, de promover a discórdia, a destruição, as viciações e uma infinidade de circunstâncias constringedoras e deletérias.

Desta forma, importa que saibamos muito bem quem somos e quais as nossas reações naturais diante dos fatos da vida para que possamos identificar mudanças, mesmo sutis, que possam indicar alguma influência indesejável.

As obsessões possuem graus variáveis de severidade, podendo ser classificadas em:

- Simples
- Fascinação
- Subjugação

Obsessão simples

Na obsessão simples o obsidiado experimenta alterações leves no estado de ânimo.

Podem ocorrer contratemplos, dificuldades, sensações de mal-estar físico. A princípio, este estágio da obsessão é menos grave que a fascinação e a subjugação.

Eventualmente a obsessão simples pode ser decorrente de uma ação deliberada do espírito pelo cálculo dos efeitos desejados, ou pode casualmente ser fruto da simples presença do desencarnado junto ao encarnado, transmitindo-lhe as mesmas sensações que experimenta.

André Luiz nos orienta: *"Sempre que você experimente um estado de espírito tendente ao derrotismo, perdurando há várias horas, sem causa orgânica ou moral de destaque, avente a hipótese de uma influência espiritual sutil. Seja claro consigo para auxiliar os Mentores Espirituais a socorrer você. Essa é a verdadeira ocasião da humildade, da prece, do passe"*.

Fascinação

A fascinação é provavelmente o tipo mais grave de obsessão, embora geralmente não apresente aparências exteriores como a subjugação.

Na fascinação o espírito obsessor envolve a presa numa ilusão completa.

Distorce a realidade que a cerca e faz com que ela se afaste daqueles que lhe podem de alguma forma auxiliar.

Comumente, para criar esta ilusão na mente do obsidiado, o obsessor utiliza-se de suas próprias imperfeições: principalmente o orgulho e a vaidade.

Insufla-lhe pensamentos de falso poder, pseudo-sabedoria, de tal forma que o obsidiado se compraz nesses delírios que fogem ao bom-senso.

Expõe-no vezes sem conta ao ridículo observável por todos, menos por ele próprio.

Uma vez instalado este processo, toma-se um dos de mais difícil solução, pois mina as resistências já tênues do obsidiado. Geralmente não

há por parte dele a colaboração para a mudança de padrões mentais, essencial à cura.

Subjugação

A subjugação é o total domínio psíquico e/ou físico que os obsessores obtêm sobre suas vítimas. Influenciam-nas a tal ponto que lhe comandam os pensamentos, os próprios movimentos corporais e os centros vegetativos, obrigando o encarnado a cometer atos, dizer coisas sem que seja oposta qualquer resistência.

Em alguns casos o império perturbador é tão profundo e completo que se tem a impressão de que o obsessivo se apossou do corpo do encarnado. Daí o termo possessão usado para designar este fenômeno, o qual foi terminantemente rejeitado por Allan Kardec pelo fato de que a palavra possessão *"implica igualmente a tomada de posse do corpo por um Espírito estranho, uma espécie de coabitação, ao passo que não há senão constrangimento. Assim, para nós, não há possuídos, no sentido vulgar da palavra..."*

Desobsessão

O primeiro fator envolvido na libertação e na prevenção e cura das obsessões é conhecê-las.

O segundo é conhecer-se para modificar-se, fechando as portas de acesso aos espíritos obsessores.

O terceiro é o tratamento do espírito causador desencarnado.

Jesus nos orientou *"orai e vigiai"* bem como *"conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará"*, portanto é necessário que nos conheçamos para evitar a influência espiritual mediante vigilância constante.

No processo obsessivo podem ser identificadas fases distintas e progressivas como:

- A insinuação,
- o assédio,
- a conexão mental e
- o domínio.

Segundo Zalmir Zimmermann na obra *Perispirito, "como o incêndio destruidor começa com a primeira labareda mal atendida, os mais tristes processos obsessivos, na maioria das vezes, iniciam-se pela insinuação ardilosa de inteligências nuas de amor, que não titubeiam em usar a telepatia, o hipnotismo, o magnetismo, para invadir o sagrado território mental de irmãos seus, desprevenidos no serviço de auto-vigilância"*.

Apesar de tantas advertências, desde Jesus, os encarnados ainda ignoram quase completamente as forças sutis que sobre eles atuam naturalmente, permitindo que se instale o processo obsessivo. Uma vez instalado, é difícil, porém não impossível ao encarnado de feição comum, conseguir desvincular-se desta atuação espiritual.

As reuniões mediúnicas de desobsessão, quando levadas a efeito em clima de amor cristão proporcionam ao espírito doente as primeiras orientações, os primeiros diálogos terapêuticos. Facultam-lhe o aprendizado do perdão e o desatar-se das pesadas amarras do ódio que para ele se constituem em tema central de vida.

Quando se busca atuar na psique do causador, sem descuidar de estimular a renovação de atitudes do encarnado, já se está no caminho da libertação. O tratamento desobsessivo envolve, pois, ambos os lados do mundo que na realidade se entrelaçam e se interpenetram numa dependência atroz. De uma parte o desejo de vingar-se e de outra a consciência subliminarmente culpada.

É preciso, pois, abrandar a noção de culpa, fortalecendo o conceito de responsabilidade na mente encarnada e amenizar o ódio com largas doses de amor a se derramar no coração do desencarnado. Assim, é a abordagem cristã, de problema tão delicado quanto a obsessão.

A melhor e mais eficaz terapia desobsessiva não se baseia em técnicas, aparatos, exorcismos descabidos alicerçados em visões unilaterais buscando resolver tão somente os problemas do espírito encarnado. É preciso mergulhar a fundo na engrenagem que move tal processo.

Todos os envolvidos na terapia, incluindo o obsidiado, devem conhecer este processo com detalhes para que melhor possam agir, direcionando adequadamente sua modificação interior, buscando em si mesmos os pontos frágeis e superando-os por meio do esforço continuado e da persistência.

Os Espíritos da Codificação já nos disseram que é possível libertar-se do jugo obsessivo através da vontade firme e mais, trabalhando o próprio íntimo de tal forma a cansar os obsessores por não lhes darmos ouvidos, por não lhes atendermos às sugestões descabidas.

A prece neste caso é um poderoso auxílio: *"Crede, porém, que não basta murmurar algumas palavras para alcançar aquilo que se deseja. Deus assiste aos que agem e não aos que se limitam a pedir. É, pois, necessário que faça, por sua vez, aquilo que é necessário, a fim de destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos"*.

O passe, a água fluidificada, a reforma íntima, e o tratamento espiritual são importantes auxiliares na desobsessão.

Também excelente auxílio terapêutico, é sair de dentro de si mesmo e buscar socorrer o sofrimento alheio, principalmente no exercício da caridade beneficente.

Ao contato com a necessidade de outros irmãos, os corações se enternecem, se voltam à compaixão e as condições de receptividade ao auxílio dos benfeitores se desenvolvem mais rápida e eficientemente.

Olhar um rosto feliz onde antes só havia sofrimento e sentir a satisfação íntima de um gesto de amor é uma poderosa ferramenta de desvinculação dos laços de sofrimento que imantam o encarnado ao desencarnado.

Lembre-mos sempre que *"o amor cobre a multidão dos {pecados}"*.

PARTE VI Aquisição de Valores

Literatura Espírita

Nem todo livro obtido por via mediúnica é necessariamente espírita. Nisto reside um dos maiores enganos embutidos na mente de

muitos que se acercam das obras de cunho espiritual disponíveis em livrarias que se autodenominam espíritas. Portanto, há necessidade de alguns comentários sobre as características da obra eminentemente espírita, que não é outra senão aquela que encerra em si mesma pelo menos os postulados básicos do Espiritismo aliados aos princípios da moral cristã.

Ensinou-nos o Apóstolo Paulo "*julgai todas as coisas, retende o que é bom*".

Assim devemos proceder para com todas as coisas, discernindo umas das outras. Este raciocínio se aplica também à "escolha" dos livros. As obras espíritas têm, portanto, que possuir as mesmas características que identificam a Doutrina:

1. Universalidade: No exame criterioso de múltiplas orientações, relatos e depoimentos dos espíritos, Allan Kardec buscou conclusões e abstrações superiores aos ensinamentos em si mesmos, de forma que a Doutrina Espírita nos dá as balizas que regem a vida do ser.

Deduz-se por consequência, que uma obra doutrinária não deve ser aquela em que haja pontos de vista parciais ou particularizações, pois das particularizações não se atinge o todo sem erros. Por outro lado, quando se parte de uma orientação universal que contempla os diversos aspectos de uma questão, podemos reduzi-la a eventos particulares sem distorções.

Por exemplo: se um desencarnado relata como foi sua desencarnação e o processo de adaptação ao mundo espiritual não se pode deduzir que esta experiência seja válida para todos os espíritos. Ao contrário, só após reunir vários relatos diferentes acerca do mesmo processo podem-se encontrar pontos em comum, e concluir as verdades que caracterizam o fenômeno.

2. Ética Cristã: Assim como o caráter essencial da Doutrina Espírita é a ética cristã elevada ao nível da razão, também toda a obra espírita necessita apoiar-se, explícita ou implicitamente, sobre a ética ou moral de Jesus, cujos pilares fundamentais são o amor e a fraternidade.

3. Simplicidade e Clareza: A Doutrina em seus aspectos básicos é clara, objetiva, lógica e simples. As obras que compõem a literatura espírita devem seguir os mesmos parâmetros. Devem abordar de modo simples e claro os aspectos fundamentais da vida do ser imortal, especialmente no que diz respeito ao comportamento que conduz ao equilíbrio e à plenitude espiritual.

Há obras de cunho científico aprofundado acerca de questões ainda não perfeitamente conhecidas, porém estas não devem jamais se distanciar dos aspectos doutrinários e evangélicos bem estabelecidos. Por exemplo, as obras de André Luiz e de Joanna de Ângelis embora sejam altamente complexas porque são especialmente destinadas a determinadas áreas do conhecimento humano, nas quais se utiliza um vocabulário bastante apropriado e específico, pontos como a magnitude de Deus como inteligência suprema, de Jesus como o modelo essencial de homem, a noção da responsabilidade e do livre-arbítrio como pilares da Justiça Divina estão sempre presentes nelas e, na maioria das vezes, de forma explícita. A necessidade da oração, questões sobre a lei de causa e efeito e dos méritos e débitos individuais também aparecem com frequência.

Obras de cunho esotérico ou místico mascaradas sutil e habilmente não podem ser incluídas no elenco das obras espíritas.

É necessário reconhecer que o Espiritismo, como síntese dos esforços humanos em compreender a vida e o mundo, está em tudo, inclusive em obras que versam sobre Filosofia Oriental, Esoterismo e Parapsicologia, porém estas não são Espiritismo.

O Espiritismo explica verdades comuns a sistemas filosóficos existentes, porém de forma mais lógica e racional, acessível e sem rebuscamentos que ofuscam a clareza.

4. Vocabulário: O vocabulário Espírita, assim como o próprio termo Espiritismo, é altamente específico. Para verdades novas, necessário se fez o uso de palavras novas desvestidas de significações antigas que não expressavam a realidade nascente da Revelação Espírita.

Pelo vocabulário apropriado e corretamente empregado, identificam-se com boa dose de acerto as obras espíritas. Muitas vezes suspeitamos do conteúdo somente pelo título.

Por exemplo, se adentrarmos uma loja de artigos como incensos, talismãs e cristais e lá encontramos um livro cujo título é "Manual prático para livrar-se de espíritos maldosos" com autoria atribuída a um espírito encarnado ou desencarnado de reconhecido valor moral e/ou elevados conhecimentos espíritas, podemos estar certos do embuste. Um título como este denuncia a falta de caridade e o desconhecimento da problemática obsessiva.

Espíritos encarnados ou desencarnados conhecedores das bases da Doutrina Espírita, que repousam naturalmente sobre as verdades cristãs, jamais ministrariam "receitas" prontas, fórmulas infalíveis para esta ou aquela situação.

Assim sendo, se encontramos uma obra sobre o mesmo assunto acima mencionado, intitulada "Comportamentos envolvidos nos mecanismos da obsessão: mudança de paradigma rumo à libertação", podemos inferir que se trate de uma obra que traga informações e orientações doutrinariamente corretas. Uma obra assim só pode conduzir os indivíduos à mudança de postura emocional e mental. Sabe-se que, do ponto de vista espírita, a cura do processo obsessivo estende-se necessariamente ao desencarnado que necessita de auxílio tanto quanto o encarnado.

Deduz-se pelos itens abordados que, para o conhecimento e reconhecimento de uma obra espírita, independentemente do gênero, romance, conto, poema, investigação científica, é imperativo antes de tudo conhecer bem as obras básicas da Codificação.

Pode o leitor conhecer tudo e reter o que é bom depois de ter consolidado e interiorizado os princípios espíritas e os exemplos de análise crítica que o Codificador nos legou.

Assim, visando ao respeito à liberdade de consciência e longe de erigir um *index expurgatorius* como já houve no passado, é preferível indicar caminhos que facilitem as escolhas daqueles que buscam a Verdade de forma clara e segura.

Portanto, seguem alguns parâmetros gerais relevantes no reconhecimento de obras de cunho eminentemente doutrinário.

Devemos evitar obras que:

- Não sejam fundamentadas nos princípios espíritas.
- Distanciam-se da moral cristã.
- Apresentam fórmulas, simpatias, mágicas, soluções prontas para problemas morais.
- Ostentam linguagem pobre, deselegante, e incluindo até mesmo gírias.
- Apresentam vocabulário resvalando para os termos esotéricos ou místicos.
- Contenham tendência mística de encorajamento ao culto de rituais exteriores como: cores de roupa para determinados objetivos ou circunstâncias, energizações por cristais, uso de talismãs, cromoterapia etc.

• Possuam capas que causem mal-estar ou remetam o raciocínio para filosofias ou sistemas de pensamentos esdrúxulos apoiados em bases inconsistentes e absurdas.

• Sejam fundamentadas em pressupostos imaginários surgidos de um pensamento isolado e excêntrico.

| Detenham-se em especulações vazias, e em nada contribuam para a melhoria da criatura humana.

Devemos sempre buscar obras que:

- Possuam linguagem elegante, respeitosa, simples, sóbria sem rebuscamento nem exagero.
 - Sejam escritas com vocabulário consonante com o vocabulário espírita.
 - Induzam à simplificação e ao enobrecimento da existência humana.
 - Mesmo sendo romances, vão além da trama, trazendo sempre ensinamentos úteis com bases doutrinárias.
 - Ostentam capas normalmente agradáveis, sem figuras chocantes, transmitindo alegria e bem-estar.
 - Apresentam orientações construtivas visando aproximar o homem do Criador e dos ensinamentos de Jesus mediante a indução a reflexões profundas.
 - Sejam fundamentadas nos princípios espíritas.
 - Tragam o conhecimento do todo e não se detenham preponderantemente nas particularidades e individualizações de aspectos que devem ser gerais e universais.
 - Avançam além da fenomenologia pura e apresentam o aspecto fenomenológico inserido num contexto mais profundo perpassado pelas orientações evangélicas e pela moral cristã. A proposta espírita é restaurar a dignidade e a sublimidade do intercâmbio mediúnico, apontando a mediunidade não mais como condição patológica mas como ferramenta de trabalho ascensional, e o médium educado como ser equilibrado e perfeitamente engajado no panorama social.
- Obviamente haverá sempre justificadas exceções a alguns destes parâmetros, bem como subjetividade no estabelecimento das nuances dos limites.
- Haverá situações em que a análise crítica respaldada no bom-senso deverão ser os árbitros, fazendo com que se possa encontrar o equilíbrio sábio e justo entre a intransigência e a credulidade inconsequente.
- Allan Kardec deve figurar sempre aos nossos olhos como exemplo singular de lucidez e do equilíbrio que deve conduzir os homens em todos os aspectos da vida.

Evangelho no Lar

Passeávamos pela paisagem suave da noite e tínhamos a cidade sob nossos pés, quando, súbito, um clarão diferente despertou minha

atenção. Não consegui seguir à frente sem indagar a origem de tão radioso espetáculo de luz que envolvia a pequena casa sob nossos olhos.

Detivemo-nos alguns instantes na contemplação.

Meu companheiro observando-me a curiosidade indisfarçável, acentuou:

— Nunca viu isso antes na Terra? *

— Não. Pelo menos nunca minha atenção foi tão vivamente despertada.

— Aproximemo-nos então na condição de observadores, sem interferir.

Em breves instantes penetrávamos o recinto, que era invadido por robusta coluna de luz que vinda do alto derramava-se sobre a mesa difundindo-se para os circunjacentes que eram quatro. Junto da coluna de luz, flores delicadas e buliçosas, quais lírios celestes bailavam no ar, oferecidos como símbolo de ternura àquela pequena assembleia reunida em torno de leituras e meditações.

Estava atônito perante cena tão grandiosamente bela. Na casa, junto da assembleia encarnada, havia entidades luminosas igualmente integradas nas atividades que ali se desenrolavam.

Era considerável o número de desencarnados compartilhando tão salutar banquete fluídico. Sobre a mesa pude notar um volume do qual também irradiava magnífica luz. Era o Evangelho de Jesus Cristo. Próximo havia água distribuída em porções para cada um dos participantes encarnados.

Quem seriam aquelas pessoas que ali se reuniam em torno das palavras do Mestre produzindo semelhante fenômeno que jamais poderia passar despercebido?

Meu companheiro conhecendo-me a inquietação íntima interpelou:

— Quem julga você serem estas pessoas? Alguma espécie de seres angelicais temporariamente mergulhados na carne?

— Não faço a menor ideia de quem sejam, nem o que fazem cotidianamente.

— Pois eu lhe asseguro, são espíritos encarnados às voltas com suas lutas redentoras, nada trazem de especial além de credenciais morais básicas, que os habilitam a obter a simpatia dos amigos do Bem. Credenciais estas que todo homem encarnado poderia conseguir se dedicasse mais tempo e cuidado ao estudo e à vivência dos ensinamentos do Cristo.

Ele olhou então para o homem que aparentava ser o pai e disse:

— Vejamos por exemplo, como foi o dia deste homem, que é presentemente marido desta irmã e pai das duas crianças que você observa.

Logo pela manhã deixou os pequenos na escola e rumou para o trabalho. É possuidor de uma casa de ferragens que herdou do pai. Tentou estudar quando jovem, mas não tendo talento nem vocação, logo decidiu dedicar-se àquilo que sempre lhe agradou, o comércio.

Hoje ao chegar teve que abrir a loja só, pois não contava com o atraso de dois de seus melhores funcionários. Assim o fez, e procurou lembrar-se das palavras do Cristo sobre as quais meditara na semana anterior: Bem aventurados os mansos e pacíficos. Calou-se até que pudesse avaliar com critério o motivo de tal demora.

A manhã transcorreu e, tão logo lhe foi possível, sondou os motivos do atraso dos funcionários. Chamou primeiro um, depois o outro em particular e, com sobriedade e firmeza lembrou-lhes as responsabilidades. No entanto, colocou-se à disposição para atender a qualquer necessidade caso o motivo dos atrasos ou faltas fosse de ordem grave. Os empregados deixaram o escritório aliviados por não receberem uma reprimenda dura, porém reconhecendo a falta cometida e valorizando a postura humanitária do patrão.

Mais tarde, um cliente ácido adentrou o estabelecimento reclamando da qualidade do atendimento, da mercadoria adquirida e gritando impropérios contra o proprietário e contra os vendedores qual dementado em estado de profundo desequilíbrio.

O comerciante empreendeu superlativa força íntima, e conseguiu calar-se perante as reclamações injustas. Reconheceu naquele homem um doente necessitado de auxílio, e ficou satisfeito por conter-se perante as acusações. O resto do dia transcorreu com os pequenos contratemplos naturais e findo o expediente, retomou ao lar.

Sentou-se, chamou os filhos buscando conversar sobre as atividades escolares de ambos e disposto a ouvir tudo o que os pequenos desejassem contar ou perguntar. Aproveita-se sempre desses momentos de carinho para ensinar e orientar, de forma afável e delicada quando algum deles manifesta uma tendência contrária àquela recomendada pelo Cristo. Os pequenos terminaram a palestra com o pai saltitantes de felicidade pelos afagos recebidos e pelo carinho de que foram alvo. O pai sentiu-se recomposto por ver o semblante inocente dos filhos que o faziam esquecer-se do dia difícil que tivera.

A esposa chegara há pouco, um tanto abatida pelo esforço que teve de despender na escola em que era professora. Buscava conduzir dentro dos princípios cristãos uma turma de garotos desajustados, com os lares dissolvidos e muitos deles entregues aos narcóticos, o que lhes desvirtuava consideravelmente a personalidade. Isso a abatira profundamente, seu coração se dilacerava ao ver criaturas tão jovens entregues aos vícios destruidores. Por outro lado, havia sempre aqueles que lhe compensavam os esforços, nem que fossem apenas a minoria - alunos dedicados, inteligentes e com boa dose de educação herdada do lar.

Olhando os filhinhos naqueles momentos de alegre convívio com o pai, preocupava-se com o futuro, mas confiava em Deus e procurava conduzi-los dentro dos melhores exemplos e da moral cristã.

Decorrido algum tempo, todos cumpriram mais alguns afazeres domésticos e aguardavam com expectativa, pois hoje era o dia estabelecido para que se reunissem e estudassem os ensinamentos de Jesus.

As crianças sentaram-se à mesa com entusiasmo, gostavam de fazer a leitura do livro sagrado. Gostavam de sentir-se úteis mostrando aos pais os progressos intelectuais. A esposa e o marido se satisfaziam com o entusiasmo dos pequenos. O menor leu inicialmente uma mensagem curta, porém edificante e suficiente para envolvê-los num clima de bem-estar e reflexão. Logo após, o pai ofereceu o Evangelho para que a esposa o abrisse ao acaso, como de costume, visto que todas as lições do Mestre nos são valiosas e imprescindíveis. Passou o livro às mãos do mais velho para que lesse a página daquela noite. Especificamente naquele dia a lição fora "*Amar ao próximo como a si mesmo*".

Depois da leitura, que não ultrapassou uns 10 minutos, para que os pequenos não ficassem inquietos e entediados, o pai fez comentários breves e simples sobre os diversos aspectos do amor, procurando aplicar cada aspecto comentado à sua própria pessoa. A mãe estimulou os garotos a que falassem sobre o que entendiam da leitura e sobre o amor. Os pequenos com vivo contentamento manifestaram-se espontaneamente e exemplificavam tudo com acontecimentos do dia-a-dia, especialmente os da escola. Isso fazia com que os pais fossem conhecendo melhor a rotina de convívio dos filhos com os coleguinhas e com a professora, aproveitando a oportunidade para orientá-los sempre.

A mãe também fez alguns comentários procurando contrastar as situações em que existe o amor com aquelas onde está ausente, fazendo com que todos sentissem perfeitamente o perfume que exala do coração dos que já ensaiam os primeiros passos na escalada do Bem. E, para encerrar, uma prece sentida de gratidão a Deus, e a Jesus foi pronunciada por ela.

Foi precisamente neste momento que a luz se intensificou ainda mais e fomos atraídos a presenciar a reunião. Outros seres desencarnados se aproximaram, trazendo fluidos salutares que passaram a infundir na água sobre a mesa. O perispírito de cada um deles se iluminava suavemente conforme cada palavra pronunciada. A prece proporcionou ligeira expansão perispiritual dos encarnados que passaram a haurir diretamente os fluidos benéficos do ambiente. A pequena assembleia sentia uma aragem fresca bafejando-lhes as faces. Os pés pareciam flutuar e todos sentiam-se mais leves qual se fossem transportados temporariamente para um mundo de delícias celestiais.

Observando semelhante espetáculo a se desenrolar perante meus olhos, interpelei o companheiro:

— Já estive em outros lares, em que o culto do evangelho no lar se fazia, mas vejo... aqui é diferente. Luzes, delicadas flores, e até medicamentos são oferecidos a estes que oram com fervor. Em outras situações também vi ajuda, mas aqui esta ajuda é bem mais evidente.

— A explicação é simples, meu caro. Estas pessoas já começam a vivenciar parcialmente os ensinamentos de Jesus que lhes felicita a alma. E cotidianamente aprenderam a lembrar-se das orientações do rabi da Galileia, portanto, fazem-se crentes de semelhante auxílio do Alto.

Tudo isso ocorre não apenas por se reunirem por alguns minutos em tomo das inesquecíveis lições do Cristo, mas porque em realidade, suas vidas diárias já adquirem as características daquele que ora continuamente pela postura que ostenta diante da vida.

Consequentemente, granjearam para si a simpatia mais efetiva dos amigos do invisível.

No entanto, meu amigo, em quaisquer circunstâncias, o Evangelho do Cristo é sempre o triunfo da luz sobre as trevas.

Toda vez que alguém se dispõe a estudar e meditar sobre seus ensinamentos os espíritos bondosos que querem ver a Humanidade progredir e o Reino de Deus implantar-se na Terra, aproximam-se para inspirar bons conselhos, e auxiliar nossos irmãos provisoriamente imersos na carne.

Muito mais que abrir um livro, é preciso abrir as portas do coração ao Sublime Mestre.

O companheiro lançou-me um olhar afetuoso e acentuou:

— É hora de partir. Prossigamos nossa viagem tão beneficentemente interrompida, rogando a Jesus as bênçãos a este lar em que Ele se faz presente e vivo.

Afastamo-nos da pequena casa, e ainda a distância, podíamos verificar que uma luz suave permanecia naquele lar. Reflexos luminosos estendiam-se para além dos limites da própria habitação, atingindo os transeuntes que sentiam súbito bem-estar ao caminhar pelas adjacências.

Distanciamos-nos cada vez mais, até que a casinha se tomasse um ponto luminoso na noite estrelada.

Combinamos retomar a ela sempre que possível naquele horário para juntos usufruirmos de momentos delicados e sublimes que nos proporcionaram o reabastecimento das energias espirituais, produzido pelo contato íntimo com as indelévels lições do Mestre.

Allan Kardec - Traços Biográficos

Em 3 de outubro de 1804, nasce em Lyon (França) às 7h da manhã, Hippolyte Léon Denizard Rivail, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail e de Jeanne Duhamel.

Hippolyte completou os estudos no Instituto Yverdon - internato suíço fundado e dirigido por Jean Henri Pestalozzi, de quem se toma colaborador inteligente e dedicado.

Bacharel em Letras, Hippolyte falava alemão, inglês, italiano, espanhol e holandês, além de possuir conhecimentos sobre grego e gaulês.

Logo ao transferir-se para Paris, funda à R. Sèvres, 35, o "Instituto Rivail", um instituto de ensino técnico nos moldes do colégio Yverdon.

1823 - interessado pelo Magnetismo, Hippolyte começa a frequentar os trabalhos da Sociedade de Magnetismo de Paris, vindo a ser ele próprio, um magnetizador.

1832 (6 de fevereiro) - casa-se com Amélie Gabrielle Boudet (professora).

Pouco depois do casamento, o instituto vai à falência e Hippolyte trabalha duramente exercendo a contabilidade de casas comerciais durante o dia e escrevendo obras pedagógicas (Gramática Francesa, Aritmética, e outras para estudos superiores) durante a noite, além de traduzir obras inglesas e alemãs. Concomitantemente (1835 -1840) organizou cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia e Anatomia Comparada em sua residência.

1848 - Hippolyte toma-se professor do Liceu Polimático de Paris, ocupando as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física.

1854 - ouve falar das mesas girantes pela primeira vez, por meio de um amigo magnetizador, Sr. Fortier.

1855 (maio) - primeiro encontro com o Sr. Pâtier e Sra. Plainemaison em cuja residência a R. Grance-Batelière, 18, pela primeira vez Hippolyte Léon Denizard Rivail testemunha o fenômeno das mesas girantes, e segundo ele mesmo viria a relatar "*as mesas girantes saltavam e corriam, isso em condições tais que a dúvida não era possível*".

1855 - Hippolyte frequenta assiduamente as reuniões na casa da família Boudin, tendo oportunidade de observar ensaios de escrita mediúnica.

1855 - recebe "*50 cadernos de comunicações diversas*", reunidos em 5 anos de estudos experimentais que os amigos Srs. Carlotti, René Taillandier, Tiedeman-Manthèse, Sardou e Diddier não conseguem ordenar. Hippolyte aceita o desafio.

1856 - Hippolyte frequenta reuniões na casa do Sr. Roustan, nas quais a médiun Srta. Japhet obtinha comunicações consideradas interessantes, e sua mediunidade serviu para o trabalho de revisão das perguntas ordenadas por ele. Sobre esse trabalho de revisão comenta Hippolyte "*Não me contentei com essa verificação que os Espíritos me haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, toda vez que se oferecia ocasião, eu aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais melindrosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram seu concurso a esse trabalho. Efoi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de O Livro dos Espíritos.*"

- 1857 (18 de abril de) - Hippolyte publica a primeira edição de "*O Livro dos Espíritos*", sob o pseudônimo druida Allan Kardec.
- 1858 (1º de janeiro) - publicação do 1º número da Revista Espírita, mantida até 1869.
- 1858 (1º de abril) - Allan Kardec funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.
- 1860 - primeira reedição de "*O Livro dos Espíritos*", revisada e ampliada.
- 1860 (setembro) - viagem de propaganda do Espiritismo à região de Lyon.
- 1861 (janeiro) - Allan Kardec publica a 1ª edição de "*O Livro dos Médiuns*".
- 1861 (setembro e outubro) - nova viagem de propaganda do Espiritismo.
- 1861 (9 de outubro - 10:30h. da manhã) 1 Auto-de-Fé de Barcelona, em que sob a alegação "*A Igreja Católica é universal, e sendo esses livros contrários à fé católica, o governo não pode consentir que eles passem a perverter a moral e a religião de outros países*" e por ordem do bispo local, queimaram-se, onde eram executados os condenados à morte, trezentos volumes relacionados ao Espiritismo, sob os eloquentes protestos de uma multidão ávida de conhecimento.
- 1862 (15 de janeiro) - publicação de "*O Espiritismo em sua mais simples expressão*".
- 1862 (setembro e outubro) - Allan Kardec empreende nova viagem de propaganda, tendo presidido mais de 50 reuniões em 20 cidades francesas.
- 1862 - Allan Kardec publica o livro "*Viagem Espírita em 1862*".
- 1862 - redige o opúsculo "Refutação às críticas contra o Espiritismo, sob o ponto de vista materialista, científico e religioso", que mais tarde desiste de publicar.
- 1864 (abril) - Allan Kardec publica a primeira edição de "*O Evangelho segundo o Espiritismo*", cujo título inicial foi "*Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*".
- 1864** (setembro) - viagem de propaganda a Antuérpia e Bruxelas (ambas na Bélgica).
- 1865** (1º de agosto) - publicação de "*O Céu e o Inferno*".
- 1867** - viagem de propaganda do Espiritismo ao interior da França.
- 1868** (janeiro) - publicação de "*A Gênese*".
- 1869** (31 de março) - desencarna Allan Kardec, aos 65 anos, vítima de ruptura de aneurisma. Naqueles dias dedicava-se ao trabalho de encaixotar pertences, preparando-se para mudar de residência.
- 1869** (1º de abril) - sepultamento do corpo de Allan Kardec, em cuja cerimônia foram proferidos 4 discursos. Nesta ocasião Camille Flammarion, membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, pronunciou o célebre discurso no qual cognominou Allan Kardec como "o bom-senso encarnado".
- 1869** (1º de abril) - inauguração da 1ª livraria espírita.

Bibliografia

- A Bíblia (<http://www.maisgo.spel.com.br/bol/index.html> / <http://www.bibliaonline.com.br>).
- Allan Kardec - A Gênese.
- Allan Kardec - O Livro dos Espíritos.
- Allan Kardec - O Livro dos Médiuns .
- Allan Kardec - O Céu e o Inferno.
- Allan Kardec - O Evangelho segundo O Espiritismo. Almerindo Martins de Castro - Antônio de Pádua.
- André Luiz - Conduta Espírita.
- André Luiz - Entre a Terra e o Céu.
- André Luiz - Libertação.
- André Luiz - Evolução em Dois Mundos.
- André Luiz - Nos Domínios da Mediunidade.
- Camille Flammarion - Deus na Natureza.
- Eduardo Carvalho Monteiro e Wilson Garcia - Cairbar Schutel - O Bandeirante do Espiritismo.
- Emmanuel - A Caminho da Luz.
- Emmanuel - Livro de Respostas.
- Emmanuel - No Portal da Luz.
- Grupo Espírita Bezerra de Menezes - [f www.novavoz.org.br](http://www.novavoz.org.br) Henri Sausse - Conferência lida por ocasião da solenidade em que os espíritas de Lyon celebraram, em 31 de março de 1896, o 27 . aniversário de desencarnação de Allan Kardec. Fonte:
- Federação Espírita Brasileira I <http://www.febnet.org.br/html> / Sãotrina /biografi.html
- Joanna de Ângelis - Dias Gloriosos.
- Joanna de Ângelis - No Rumo da Felicidade.
- José Herculano Pires 10 Espíritos e o Tempo.
- Jorge Rizzini - Kardec, Irmãs Fox e Outros.
- Léon Denis - Joana d'Arc.
- Léon Denis - No Invisível.
- Luiz Gonzaga Pinheiro IO perispírito e suas modelações. Zalmir Zimmermann - Perispírito.
- Zéus Wantuil 1 Grandes Espíritas do Brasil.